

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ - REITORIA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS PSICOLÓGICAS EM INSTITUIÇÕES

**O DIÁLOGO COMO COMUNICAÇÃO E CO-ELABORAÇÃO:
POSSIBILIDADE DE INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL**

Pácifer Maia Sabiá

RECIFE - PE

2012

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ - REITORIA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS PSICOLÓGICAS EM INSTITUIÇÕES

Pácifer Maia Sabiá

**O DIÁLOGO COMO COMUNICAÇÃO E CO-ELABORAÇÃO:
POSSIBILIDADE DE INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora da Universidade Católica de Pernambuco, como exigência parcial para Obtenção do Título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia Francisco

RECIFE - PE
2012

S116d

Sabiá, Pácifer Maia

O diálogo como comunicação e co-elaboração : possibilidade de intervenção psicossocial / Pácifer Maia Sabiá ; orientador Ana Lúcia Francisco, 2012.

106 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Curso de Mestrado em Psicologia Clínica, 2012.

1. Psicologia clínica. 2. Subjetividade. 3. Escuta (Psicologia). 4. Psicologia social. 5. Psicologia institucional. 6. Psicologia clínica da saúde. I. Título.

CDU 159.9:61

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ - REITORIA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS PSICOLÓGICAS EM INSTITUIÇÕES

**O DIÁLOGO COMO COMUNICAÇÃO E CO-ELABORAÇÃO:
POSSIBILIDADE DE INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL**

Pácifer Maia Sabiá

Dissertação defendida e aprovada pela Banca Examinadora composta pelos seguintes professores:

.....
Ana Lúcia Francisco
Orientadora

.....
Luis Felipe Rios
Examinador externo – Universidade Federal de Pernambuco – Ufpe

.....
Marcus Túlio Caldas
Examinador interno – Universidade Católica de Pernambuco – Unicap

Dissertação aprovada no dia 30/03/2012, no Departamento de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap.

DEDICATÓRIA

In memoriam

Sei da vida que já vivi e de quanto você me acalentou e acalenta ainda com suas memórias mãe, sei de sua dedicação, seu amor maior que tudo... Sei do quanto você lutou por mim e pelo meu direito de pronunciar a minha palavra. Se me encanto com a possibilidade do diálogo, antes de qualquer coisa, vem de você mãe este aprendizado, o amor pela vida, que é o amor pelo outro... De seu eterno filho!

A minha mãe, Solange dos Anjos Maia Sabiá.

Obrigado pai! Pelo esforço em me proporcionar um tanto do que sou.

A meu pai, José Plissaldo Sabiá.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu filho, por seu amor e dedicação, e por ter compartilhado comigo os esforços desta empreitada.

Agradeço a minha irmã e a minha tia Norma, pelo estímulo para os estudos que cada uma, a seu modo, me proporcionou.

Agradeço à equipe do Caps Casa Verde, a seus usuários, estagiários e visitantes, especialmente àqueles que estiveram comigo na construção desta pesquisa, pela colaboração prestada.

Agradeço muito particularmente à co-facilitadora do grupo, por sua ação e reflexão sempre comigo compartilhada, na confecção desta teia chamada Diálogo.

Agradeço aos professores doutores do mestrado na pessoa do professor Marcus Túlio pela dedicação e paciência em nos orientar nesta jornada acadêmica.

Especialmente, agradeço a orientadora Ana Lúcia Francisco pela abertura e persistência na promoção do pensamento aqui elaborado, pelo sentido de acolhimento e esperança a me ajudar em meus momentos de maior insegurança.

EPÍGRAFE

É preciso que quem tem o que dizer saiba, sem dúvida nenhuma, que, sem escutar o que quem escuta tem igualmente a dizer, termina por esgotar a sua capacidade de dizer por muito ter dito sem nada ou quase nada ter escutado.

Paulo Freire.

RESUMO

O objetivo geral desta pesquisa foi caracterizar o Diálogo como possibilidade de atenção psicológica à compreensão de processos psicossociais no Centro de Atenção Psicossocial (Caps) Casa Verde, unidade do Hospital Escola Portugal Ramalho (Hepr) da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (Uncisal). Trata-se de uma modalidade de prática condizente com os princípios do pensamento psicossocial de Paulo Freire, pressupondo relações intersubjetivas que transcendem sua imediatividade, atingindo outras dimensões da vida social. A pesquisa justifica-se pela possibilidade de apresentar e caracterizar uma nova práxis de atenção psicológica que congrega, a um só tempo, a participação de todos os atores sociais que transitam na Instituição, voltados à busca de compreensão acerca de inúmeras questões que atravessam o seu cotidiano – psicopedagógicas, subjetivas e institucionais -, e que exigem posicionamentos éticos e políticos; além de poder vir a contribuir, também, para pensarmos tal modalidade em outros espaços sociais. Nesta perspectiva, enquanto recorte de aprofundamento psicológico da concepção da subjetividade histórico-cultural em Freire, buscamos, ainda, nos aproximar do pensamento do psicólogo social Fernando L. González Rey, considerando o diálogo como estratégia possibilitadora de uma atenção psicológica inerente à clínica psicossocial. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, sob uma perspectiva psicossocial, e interventiva, visto que a análise das implicações daqueles que integram o campo de intervenção permite acessar os processos subjetivos e institucionais dos atores sociais envolvidos. Os sujeitos da pesquisa foram escolhidos intencionalmente, considerando a participação dos usuários, estagiários, visitantes e funcionários do Caps Casa Verde nos grupos de Diálogo. Não houve um número predeterminado de participantes, considerando-se que o recurso utilizado – trabalho em grupo – permitiu uma participação livre e voluntária dos interessados. Realizaram-se seis encontros do Diálogo, com regularidade semanal e duração de uma hora cada, sendo os temas discutidos relacionados às motivações, necessidades e interesses do próprio grupo participante, não havendo, a priori, temáticas delimitadas. O desenvolvimento do trabalho com os grupos contou com a presença de uma co-facilitadora, objetivando compartilhar com o pesquisador as percepções e intervenções feitas nos grupos. Além dos encontros grupais, foi realizada uma entrevista junto à co-facilitadora, visando avaliar as possíveis ressonâncias do trabalho grupal para aqueles que dele participaram. Foi também construído um diário de campo para o registro de aspectos e fenômenos relacionados ao trabalho desenvolvido e não contemplado nos encontros grupais. Para o processo de compreensão do material, utilizamos a metodologia proposta por González Rey, considerando as seguintes etapas: a produção de indicadores para a análise das temáticas emergidas nos grupos de Diálogo a partir da construção dos núcleos de sentido; síntese dos núcleos de sentido dos encontros grupais; análise das temáticas emergidas na entrevista a partir dos núcleos de sentido; e observações produzidas pelo diário de campo, consideradas em dois eixos de apresentação: o grupo e a Instituição. A análise deste material revelou-nos que o grupo Diálogo desenvolve um caráter ético/político, psicossocial e pedagógico em sua produção de cultura e conhecimento, contribuindo para a elaboração do sofrimento e das questões apresentadas na perspectiva da produção de uma subjetividade crítica.

Palavras-chave: Grupo Diálogo; Diálogo/Escuta; Subjetividade; Instituição.

ABSTRACT

The objective of this research was to characterize the dialogue with possibilities of psychological attention to the understanding of psychosocial processes in the Center for Psychosocial Care (CAPS) Casa Verde, and, in the Hospital Escola Portugal Ramalho (HEPR) and, Universidade Estadual de ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL .) It is a genre of practice consistent with the principles of psychosocial thinking of Paulo Freire, assuming inter subjective relations that transcend its immediacy and affect other dimensions of social life. The research is justified by the opportunity to present and characterize a new praxis of psychological care that brings together, at the same time, the participation of all social actors who moves in the institution, focused on the search for understanding of many issues that cross their everyday lives – psycho pedagogical, subjective and institutional - and required ethical and political positions, in addition to being able to contribute, even more, to think of this modality in other social contexts. In this perspective, while going deeper into psychological conception of subjectivity in historical and cultural of Freire's, we also approach the thoughts of the social psychologist Fernando L. González Rey, considering the dialogue as an enabler of strategy inherent in clinical psychological care psychosocial. This is a qualitative research, in a psychosocial perspective, and interventional, as the analysis of the implications of those that implied the field of intervention allows access to the subjective processes of institutional and social actors involved. The subjects were chosen intentionally, considering the participation of users, trainees, visitors and staff of Casa Verde Caps in groups Dialogue. There was not a predetermined number of participants, given that the resource used - group work - allowed a free and voluntary participation of the stakeholders. There were six meetings of the Dialogues, a regular weekly one-hour each groups, and the issues discussed related to the motivations, needs and interests of the participants in the group itself, with no defined topics. The development of work groups with the presence of a co-facilitator, aiming to share with the researcher's perceptions and interventions made in groups. In addition to group meetings, an interview was conducted with the co-facilitator, to evaluate the possible resonances of group work for those who participated. It also built a diary to record aspects and phenomena related to work, and do not contemplated in the group meetings. For the process of understanding the material, we use the methodology proposed by González Rey, considering the following steps: the production of indicators for the analysis of the themes emerging in dialogue groups from the construction of the units of meaning; synthesis of core meaning of group meetings, analysis of themes emerged in the interview from the core meaning, and observations made by field, taken on two forms of presentation: the group and the institution. The analysis of this material showed us that the group developed a dialogue ethical / political, psychosocial and educational in its production of culture and knowledge, contributing to the development of suffering and the issues presented in the context of the production of a critical subjectivity.

Keywords: Dialogue Group; Dialog/Listen; Subjectivity; Institution.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
I. DIÁLOGO/ESCUITA: UMA LEITURA ILUMINADA POR ELEMENTOS DO PENSAMENTO PSICOSSOCIAL DE PAULO FREIRE.....	15
i. Primeiro plano: consciência de si, diálogo e ação.....	17
ii. Segundo plano: diálogo/escuta como produção de conhecimento co-elaborado.....	19
iii. Terceiro plano: o contorno político-pedagógico do diálogo/escuta.....	25
II. DIÁLOGO E PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO: CONSTRUÇÕES DE SI E DO SOCIAL.....	30
III. OBJETIVO, NATUREZA E EPISTEMOLOGIA DA PESQUISA.....	42
IV. A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA.....	50
i. A construção do cenário.....	50
ii. A escolha dos participantes.....	50
iii. Os recursos construídos.....	51
iv. Procedimento de coleta de dados.....	51
v. Processo de compreensão do material.....	52
V. A COMPREENSÃO DOS DADOS OBTIDOS.....	54
VI. EM BUSCA DE UMA ARTICULAÇÃO ENTRE OS RESULTADOS DA PESQUISA E SEUS ELEMENTOS TEÓRICOS.....	78
REFERÊNCIAS.....	84
ANEXOS.....	86
ANEXO A - DIÁRIO DE CAMPO.....	87
ANEXO B - METODOLOGIA DE TRABALHO DO DIÁLOGO.....	100
ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	102
ANEXO D - CARTA DE ACEITE DA INSTITUIÇÃO.....	104
ANEXO E - CARTA DE ANUÊNCIA DO ORIENTANDO.....	105
ANEXO F - CARTA DE ANUÊNCIA DA ORIENTADORA.....	106

INTRODUÇÃO

Partindo da preocupação pela escuta profissional psicológica em um hospital geral e considerando o aspecto psicopedagógico do pensamento freireano - seu caráter educativo acolhedor e problematizador das experiências e saberes subjetivos e objetivos, enquanto elementos de uma leitura de mundo (Freire, 1999); considerando, ainda, os desdobramentos psicossociais éticos e políticos deste pensamento - visto nossa possibilidade de conjuntamente comparar, valorar, intervir, escolher, decidir, romper e construir acordos em nossa realidade, assumindo o caráter essencialmente formador das relações humanas (Freire, 1999) - problematizamos a escuta que era “oferecida” às demandas de cuidado daquele outro que se apresentava em sua trama existencial - em suas inquietações, esperanças, fazeres e decisões -, em sua biografia e historicização (Fiori, 1999).

Em meio à impermanência vivenciada em nossos atendimentos psicológicos, em enfermarias, corredores, UTI's e outros espaços; nos grupos de conversa junto a acompanhantes de usuários hospitalizados, começamos a refletir sobre a necessidade de ampliarmos a compreensão sobre as relações complexas – complementares, antagônicas, incertas (Morin, 2003) -, entre a escuta psicológica e os acontecimentos no contexto hospital/sociedade.

Passamos, então, a considerar o diálogo que, como processo dialógico-dialético, se funda numa escuta que desempenha um papel fundamental para a construção e apreensão dos sistemas subjetivos e objetivos da existência.

Deste modo, adotamos a subjetividade “como um sistema dialógico-dialético, que de forma constante se desenvolve dentro de outros sistemas em relação aos quais atua em sua dupla condição de constituinte e constituído” (González Rey, 2005a, p. 266). O autor refere-se, em sua teoria da subjetividade, ao diálogo entre sistemas subjetivos e objetivos complexos, nos quais “a subjetividade não é o oposto do objetivo, é uma qualidade da objetividade nos sistemas humanos produzidos culturalmente.” (González Rey, 2004, p. 125). Podemos pensar, por analogia, o diálogo/escuta psicológico como processo organizado e subjetivo, circunstanciado e co-elaborado entre sujeitos sociais, interagindo com uma realidade que se configura por sistemas subjetivos e objetivos; processo, portanto, produzido socialmente, na medida em que interfere no contexto sócio-histórico - em suas relações, práticas e espaços sociais -, sofrendo uma

recíproca interferência destes elementos, permitindo novas leituras/produções da realidade.

No sentido de problematizar o processo dialético diálogo/escuta, de compreender as articulações deste com a totalidade de nosso trabalho, de forma a contemplar alguns aspectos deste processo, perguntávamo-nos sobre o que comunicávamos enquanto psicólogos, aos nossos usuários, no contexto de nossos atendimentos? Política e eticamente, o que estava significando para nós, para estes usuários e para a Instituição, no contexto específico de nossos atendimentos, e no contexto mais amplo da sociedade, o que estávamos produzindo? Qual a nossa perspectiva psicossocial, como psicólogos, em nossas ações e frente aos desdobramentos destas, no que concerne às interações construídas por nós - profissionais e usuários no contexto hospitalar e em nossas vidas cotidianas? Qual a potência de nosso trabalho na busca da elaboração e transformação de nossas relações, práticas e espaços sociais? Tudo isto tem a ver com diálogo/escuta psicológico, na medida em que este se constitua como temporalização de espaços subjetivos e objetivos, produção cultural.

Quando em desempenho de nossas funções, sentíamos a necessidade de nos preocupar com a alimentação daquela senhora que não estava conseguindo se alimentar direito, pois não conseguia a tempo um lugar na fila do almoço e, por fome, acabou se desesperando e se jogando no chão da enfermaria... Com a alimentação daquele senhor que nos reclamou que nunca vinha o que ele solicitava, e era tido como um poliqueixoso, expressão posta, inclusive, numa evolução de prontuário. E ao investigar mais de perto descobrimos que ele reclamava muito do atendimento, mas que também tinha razões concretas para reclamar.

Preocupava-nos com a dormida em bancos de cimento usados para descansar e dormir pelos acompanhantes e, mais ainda, quando soubemos que algumas autoridades consideravam uma indisciplina o referido comportamento de uso dos bancos, mesmo não havendo cadeiras com encosto de cabeça nas enfermarias.

Frente a estas realidades, nos dispúnhamos a dialogar com os usuários hospitalizados e nos grupos noturnos de acompanhantes daqueles, que havíamos criado no hospital, os quais aconteciam na sala de reunião dos psicólogos, porque não dava para fazer de conta que as questões apresentadas, de caráter subjetivo e objetivo, não eram um problema que nos incomodava emocional e profissionalmente.

Preocupávamo-nos com tais questões enquanto dimensão da cultura e da política hospitalar, sempre levando em consideração os assuntos emergentes que partiam das expectativas dos usuários.

Obrigamo-nos a considerar que havia dentro do hospital cidadãos, sujeitos sócio-políticos. Que até os ditos pacientes eram, na maioria das vezes, um tanto impacientes... Percebemos, então, que, como psicólogos, poderíamos não levar em consideração a responsabilidade de sermos cidadãos, sujeitos sociais, mais ainda em nossas escutas psicológicas.

Do outro não percebido como cidadão, com seus direitos civis e políticos, em certas ocasiões, não só por nós psicólogos, o que dizer? Tal situação parecia ser um verdadeiro contrassenso para a conquista da humanização, entendida como práxis co-elaborada social e crítica, antítese de uma cultura de opressão (Zitkoski, 2008, pp. 214-217).

A esta altura já conseguíamos acreditar que diálogo/escuta tinha a ver com visão de mundo, com abordagem e desempenho teórico e prático, com poder de transformação e de autotransformação, na medida em que o processo dialético diálogo/escuta expressa o modo de estar no mundo e possibilita intervenções sobre ele. Processo que é exigência da comunicação humana, da natureza humana constituindo-se social e historicamente e não como um a priori; característica de uma intencionalidade que não se esgota na racionalidade (Freire, 2004).

Munido destas preocupações sobre a relação entre o que fazer psicológico e os processos de humanização, e munido destas compreensões teóricas, tivemos a oportunidade de, posteriormente a nosso trabalho no hospital, construir uma modalidade de atenção psicológica, empiricamente denominada Diálogo, na realização de nossa prática num Caps para transtornos mentais em adultos, modalidade que teve seu início no primeiro semestre de 2007, seis meses após nossa entrada na instituição. Sentíamos a necessidade de continuar construindo uma psicologia política: espaços de acolhimento do conflito subjetivo que valorizassem os sentidos de confrontação das relações e práticas, a nível individual e institucional. Neste sentido, percebíamos na instituição uma carência de espaços dialógicos de integração que levasse em conta a totalidade dos atores institucionais, o que parecia favorecer, no usuário em especial, um sentimento desconfortável de segmentação e hierarquização nas relações intersubjetivas, desconstruindo a potencialidade crítico-subversiva dos sujeitos implicados; no Caps ainda não havia assembleias gerais, por exemplo.

O trabalho desenvolvido no Diálogo se originou de um reduzido grupo de acompanhamento psicológico, formado por cinco ou seis usuários aos quais prestávamos atendimento psicológico individual. Percebíamos a insatisfação, por parte de outros usuários, pelo fato de não estarem participando deste trabalho. Por vezes chegavam a solicitar participação. Abrimos, então, as portas do grupo, o qual ainda era denominado de grupo de conversa, à possibilidade de participação de todos os atores institucionais, já que conversávamos sobre assuntos individuais e processos institucionais, considerando que a participação numa sessão grupal não configurava exigência para a participação nas próximas sessões. Deu-se início à modalidade Diálogo. Este grupo contempla dinâmicas psicológicas e situações sócio-culturais na tessitura de reflexões dialógicas, de vivências ou expressividades desarmadas da reflexão e pode se constituir em um recurso para a construção de uma clínica que possa oferecer um *ethos* humano, um cuidado dialógico e político de construção de humanidade.

O Diálogo conjuga atenção ou intervenção sobre o vivido dos participantes, com saberes de “experiência feitos” - nascidos na prática - e conhecimentos mais elaborados (Freire, 1999), num momento de construção de sentido em grupo. O Diálogo se constitui como uma proposta nossa, enquanto profissional, em busca de um que fazer clínico que congrega preocupações políticas e éticas de ordem prática, buscando o direito à liberdade de expressão e a co-responsabilização de todos os implicados no dia-a-dia da Instituição. Mas, também, preocupações políticas e éticas de ordem teórica - quanto à possibilidade de construir co-participativamente um pensamento relativo à clínica que considere o psicológico enquanto constituído e constituinte de condições sócio-culturais -, questões pelas quais temos sido motivado e incomodado.

O Diálogo pressupõe um trabalho alicerçado em princípios políticos – enquanto construção de acordos éticos -, epistemológicos – por ter uma preocupação definida pela construção de um conhecimento psicossocial - e prático, na perspectiva de se oferecer atenção psicológica no contexto institucional. Consiste na adoção de uma práxis híbrida entre atenção psicológica e outras modalidades de atenção, tais como a discussão de questões psicossociais não diretamente relacionadas à clínica, tal como é tradicionalmente concebida. Esta modalidade de prática psicológica se propõe, enquanto dispositivo de atenção psicossocial, a oferecer um espaço para o aprofundamento e compreensão da co-responsabilidade de sujeitos envolvidos num que fazer institucional,

o qual é complexo porque articula de forma compartilhada uma atenção aos sentidos e significados subjetivos, às relações intersubjetivas, sociais e a fenômenos que emergem no contexto institucional. É um exercício centrado no poder do diálogo como mediação possível entre as questões subjetivas e sócio-culturais emergentes para os participantes, de forma a não os agredir ética ou afetivamente. A compreensão de pessoas como sujeitos histórico-culturais requer uma leitura das e uma intervenção nas relações humanas que ultrapassem a compreensão de dimensões subjetivas e intersubjetivas de maneira descontextualizada e a-histórica, alcançando as dimensões sociais, culturais e políticas no contexto em que se realizam.

O Diálogo, tal como propomos, se realiza em grupo, partindo da compreensão de que os movimentos grupais captam e expressam a transversalidade das relações, institucionais – transversalidade como produto e construção simultânea da interação de relações verticais e horizontais. Nesse sentido o Diálogo permite, ao mesmo tempo, conhecer e criar uma realidade de si “no-e-com-o-mundo”, o que tem conseqüências éticas e políticas.

Esta proposta de trabalho justifica-se pela possibilidade de apresentar e caracterizar uma nova modalidade de atenção psicológica que congrega, a um só tempo, a participação dos atores sociais que transitam na Instituição, voltados à busca de compreensão acerca de inúmeras questões que atravessam o seu cotidiano, e que exigem posicionamentos éticos e políticos, podendo contribuir, também, para pensarmos tal modalidade em outros espaços sociais. Nesta perspectiva a construção do conhecimento psicossocial se faz de forma compartilhada com os atores sociais envolvidos.

No que diz respeito à adoção do pensamento de Paulo Freire em práticas psicológicas, que visam à assunção da co-responsabilidade dos atores sociais na construção dos sentidos de suas existências, consideramos o diálogo como dispositivo intersubjetivo central para o desenvolvimento de uma psicologia histórico-cultural, no nível da prática profissional e da pesquisa. Neste sentido, nos reportamos ao pensamento do psicólogo social González Rey e sua teoria da subjetividade, enquanto vertente de aprofundamento psicológico do fenômeno subjetivo que se anuncia como elemento fundamental para o pensamento psicossocial de Freire.

Deste modo, adotamos como objetivo geral investigar as possibilidades do Diálogo como dispositivo de atenção psicológica à compreensão de processos psicossociais na Instituição Caps Casa Verde. De forma específica, buscamos caracterizar o Diálogo no contexto do pensamento de Paulo Freire; apresentar o

conceito de subjetividade e articulá-lo ao de diálogo; investigar as possibilidades do Diálogo como processo psicoeducativo facilitador de mutações subjetivas; e apresentar o Diálogo como possibilidade de prática institucional.

As metas que pretendemos alcançar se dirigem à construção de argumentos que possam evidenciar a importância do Diálogo para a construção das relações entre os atores institucionais; a favorecer uma compreensão mais aprofundada sobre o universo institucional, com suas características de produção de conhecimento psicossocial; e contribuir para a possibilidade de realização do Diálogo em outros espaços voltados para a saúde mental e atenção psicossocial.

I. DIÁLOGO/ESCUTA: UMA LEITURA ILUMINADA POR ELEMENTOS DO PENSAMENTO PSICOSSOCIAL DE PAULO FREIRE

A dialogicidade, porque não se esgota na racionalidade, é condição para o processo de totalização da consciência e de apreensão da realidade em seus momentos subjetivos e objetivos:

A consciência do mundo que implica a consciência de mim no mundo, com ele e com os outros, que implica também a nossa capacidade de perceber o mundo, de compreendê-lo, não se reduz a uma experiência racionalista. É como uma totalidade – razão, sentimentos, emoções, desejos -, que meu corpo consciente do mundo e de mim capta o mundo a que se intenciona (Freire, 2004, pp. 75-76).

Nessa linha de investigação teórica sobre o conceito de diálogo/escuta, levando em consideração as preocupações sobre nossa prática profissional, evidencia-se, em *um primeiro plano*, o importante papel do estar consciente de si no mundo, construído através da relação dialógico-dialética consciência-mundo. A este respeito nos valem do pensamento de Fiori ao afirmar que:

A consciência e o mundo não se estruturam sincronicamente numa estática consciência do mundo: visão e espetáculo. Essa estrutura funcionaliza-se diacronicamente numa história. A consciência humana busca comensurar-se a si mesma num movimento que transgride, continuamente, todos os seus limites. Totalizando-se além de si mesma, nunca chega a totalizar-se inteiramente, pois sempre se transcende a si mesma. Não é a consciência vazia do mundo que se dinamiza, nem o mundo é simples projeção do movimento que a constitui como consciência humana. A consciência é consciência do mundo: o mundo e a consciência juntos, como consciência do mundo, constituem-se dialeticamente num mesmo movimento – numa mesma história. Em outros termos: objetivar o mundo é historicizá-lo, humanizá-lo. Então, o mundo da consciência não é criação, mas, sim, elaboração humana. Esse mundo não se constitui na contemplação, mas no trabalho. (1999, pp. 16-17).

Trata-se da consciência enquanto capacidade subjetiva de historicizar-se, historicizando o mundo. Nesta relação há uma imbricação mútua: o mundo forçando a consciência à autotranscendência ininterrupta; a consciência como leitura e produção da realidade – subjetivação, objetivação e transcendência no mundo e com o mundo.

“Transcendência, neste contexto, significa a capacidade da consciência humana de superar os limites da configuração objetiva.” (Freire, 2002, p. 78).

“Estar no mundo [contexto histórico, social, cultural, em que a vida biológica se transforma em existência] implica necessariamente estar com o mundo e com os outros.” (Freire, 2004, p.20). Os conceitos de objetivação e de historicização traduzem seres humanos em processo de produção subjetiva e objetiva, individual e social, de forma simultânea, levando-se em consideração as relações mutuamente recursivas entre estes processos.

Um segundo plano, de igual importância ao primeiro, para a compreensão do que constitui o diálogo/escuta, diz respeito ao diálogo: “O diálogo fenomeniza a essencial intersubjetividade humana; ele é relacional e, nele, ninguém tem iniciativa absoluta. Os dialogantes admiram um mesmo mundo; afastam-se dele e com ele coincidem; nele põem-se e opõem-se.” (Fiori, 1999, p.16). Ao assim caracterizar o diálogo, o autor parece reconhecer a dialética entre subjetividade, intersubjetividade e objetividade, bem como a produção humana e da humanidade como função do diálogo, processo forjado na admiração e na reflexão co-elaborada, no movimento das complementaridades e contradições das relações. Mas não prescrito ou prescritivo.

Perceber e produzir o diálogo entre sujeitos concretos tornou-se ponto central das preocupações sobre a nossa prática psicológica, trazendo-nos a compreensão de que nesta prática buscávamos uma teorização que pudesse atravessar todas as áreas da psicologia.

Consideramos que as subjetividades envolvidas no diálogo/escuta não podem ser reduzidas a categorias universais e invariantes. Como já dissemos anteriormente, o paciente não permanecia pacientemente durante todo o tempo da hospitalização, visto que ia readquirindo, ainda no hospital, sua capacidade de anúncio e de denúncia, de criação e desconstrução de uma realidade que, como tal, estava sendo filtrada pela instituição, mas extrapolava-a. Em sua experiência de usuário no hospital ou no Caps apontava para a necessidade de uma leitura subjetiva de seu processo de adoecimento, de sua doença e, simultaneamente, para a necessidade de se contemplar o contexto social concreto no qual ele vivia. Ou seja, dentro do hospital ou no Caps, é o cidadão ou ruralista, sujeitos sócio-políticos que se apresentam a nós na maior parte de nossos contatos.

Um terceiro plano necessário à construção do diálogo/escuta com potencial transformativo, diz respeito às ações que se desenvolvem quando, pelo diálogo, há uma

tomada de consciência de si no mundo, o que implica, necessariamente, assumir uma posição política. A este respeito Paulo Freire argumenta:

É por isso que, alcançar a compreensão mais crítica da situação de opressão não liberta ainda os oprimidos. Ao desvelá-la, contudo, dão um passo para superá-la desde que se engajem na luta política pela transformação das condições concretas em que se dá a opressão. O que quero dizer é o seguinte: enquanto no meu caso, foi suficiente conhecer a trama em que meu sofrimento se gestava para sepultá-lo, no domínio das estruturas sócio-econômicas a percepção crítica da trama, apesar de indispensável, não basta para mudar os dados do problema. Como não basta ao operário ter na cabeça a idéia do objeto que quer produzir. É preciso fazê-lo. (2003, p. 32).

O autor considera a estrutura social como uma integração dialética entre a infra-estrutura - as condições materiais da sociedade - e a supra-estrutura - sua cultura, educação, politicidade -, afirmando a libertação das estruturas e dos processos opressivos como enfrentamento aos limites ideológicos, epistemológicos, políticos, econômicos, culturais (Mendonça, 2008), os quais configuram macros universos. Neste sentido, Freire considera a ação libertadora como práxis coletiva de transformação/produção da realidade.

Os três operadores conceituais de nossas primeiras investigações teóricas, indicados acima, constituem elementos fundantes da construção da realidade e de sua condição subjetiva, o que exige aprofundamentos, segundo os planos que lhes dão consistência:

i. Primeiro plano: consciência de si, diálogo e ação

O diálogo é reflexão intersubjetiva que se dá “no exercício da ação transformadora da realidade condicionante. Desta forma, consciência de e ação sobre a realidade são inseparáveis constituintes do ato transformador pelo qual homens e mulheres se fazem seres de relação.” (Freire, 2002, p.78). Neste sentido, não há dicotomia entre a consciência de si e a consciência da realidade, visto que a consciência se faz na ação consciente, a qual envolve “reflexão, intencionalidade, temporalidade e transcendência” (Freire, 2002, p.78).

Consciência de si, diálogo e ação, conformam uma unidade prática: o *sujeito* - social e histórico - em suas relações desenvolvidas no cotidiano junto-com outros sujeitos. A consciência de estar no mundo e com o mundo só pode ser construída a partir da vivência própria do sujeito, alimentada pela práxis, que é a unidade entre esta vivência/experiência espontânea e a reflexão sobre ela, num movimento transformador: aproximação crítico-prática da experiência concreta para admirar/compreender e transformar suas relações com a complexidade do real, no ato mesmo de modificação da realidade. Todos estes momentos de experiência espontânea e reflexiva se mantendo entre si em relações de mutualidade recursiva é o que configura a práxis (Konder, 1992).

O psicólogo social González Rey se afina a esta compreensão ao comentar sobre a ação do sujeito pesquisador:

Um dos elementos que definem a condição de sujeito é a reflexão, isto é, a capacidade de produção intelectual permanente no curso da vida (...). A produção teórica na pesquisa faz o pesquisador comprometer-se continuamente, implicando sua reflexão constante sobre as informações que aparecem nesse processo. O pesquisador como sujeito não se expressa somente no campo cognitivo, sua produção intelectual é inseparável do processo de sentido subjetivo marcado por sua história, crenças, representações, valores, enfim de todos os aspectos em que se expressa sua constituição subjetiva. A legitimidade do pesquisador como sujeito de produção de pensamento, bem como a do pensamento como via de produção de modelos de inteligibilidade são partes consubstanciais do caráter teórico da pesquisa (2005b, p. 36).

Trata-se de conceber um sujeito que se implica reflexivamente sobre as informações que aparecem no curso da pesquisa científica, ou sobre suas experiências no curso da vida, para a construção de modelos de inteligibilidade de si e da realidade.

O sujeito concreto, social, circunstanciado é razão e emoção, ao mesmo tempo e simultaneamente. A não ser assim, a ação enquanto *práxis* – tensão dialética entre prática e reflexão compartilhada sobre e na prática - não colaboraria para a humanização da consciência, movimento prático-social no qual esta chega a posicionar-se como qualitativamente crítica – consciência enquanto existência social percebida, sabedora dos condicionantes históricos e situacionais de sua ação, sabedora de sua condição ontológica de denunciadora e anunciadora de realidades, é o que nos coloca todo o pensamento freireano.

O sujeito, nessa perspectiva, é um sujeito-aprendiz/ensinante; sua ação afetivo-intencionada deve provocar educabilidade - produção de consciência da plurideterminação da realidade, capacidade de se impor, de se autodeterminar (Gadotti, 2004) – e, nesta medida, possuir eticidade e politicidade.

A imbricação entre ação, ética e política torna-se clara na seguinte passagem do referido texto:

Se a liberdade é que faz o homem, e o homem é o resultado de muitas determinações, o homem torna-se homem num processo de descoberta dessas determinações e de ação sobre elas. (...) Poder tornar-se homem passa, portanto, pelo conhecimento de suas contradições e pela superação de suas próprias determinações (Gadotti, 2004, p. 24).

Eticidade e politicidade na ação e na produção de sujeitos críticos. Não se trata, aqui, de conceber as estruturas e relações sociais como determinações mecânicas, lineares sobre o sujeito, mas condicionantes deste, enquanto potencialidades, probabilidades, tendências. “É por estarmos sendo este ser dado à aventura e à paixão de conhecer, para o que se faz indispensável a liberdade que, constituindo-se na luta por ela, só é possível porque, programados, não somos, porém, determinados.” (Freire, 2003a, p.99).

A ação se constitui na tensão dialógico-dialética entre subjetividade e objetividade; no diálogo psicológico é um momento subjetivo em relação com as objetividades que lhes constitui e frente às quais é simultaneamente constituinte.

Neste sentido, o diálogo psicológico pode ser pensado como ação subjetivo-objetiva em desenvolvimento intersubjetivo e, como tal, produção de conhecimento co-elaborado.

ii. Segundo plano: diálogo/escuta como produção de conhecimento co-elaborado

Partimos da compreensão de que é necessário o diálogo entre o psicólogo ou psicoterapeuta e o cliente, usuário institucional ou sujeito comunitário, considerando que o modo como o diálogo é percebido e como são elaborados os pontos de vista destes atores, em diálogo, é de importância fundante. É relevante pensar o diálogo na relação psicólogo-cliente/usuário como dialética permanente entre subjetividade e

objetividade, e reconhecer essa interdependência com as aproximações conscienciais de mundo.

O diálogo freireano, conjugação dialógico-dialética de argumentos e ações entre sujeitos envolvidos numa determinada situação, mediatiza indivíduos de corpo inteiro, que se emocionam, refletem e se refletem. Este movimento permite uma aproximação rigorosamente metódica que, segundo Freire (2004), caracteriza o exercício de reflexividade sobre a realidade e sobre si.

“O diálogo não existe num vácuo político. Não é um processo livre onde se possa fazer o que se quer. O diálogo se dá dentro de algum tipo de programa e contexto.” (Freire & Shor, 2003, p.127). O conflito é pré-suposto do diálogo, sob pena deste se tornar monólogo (Gadotti, 2004).

O diálogo psicológico é, então, exercício de co-elaboração conflituosa, contraditória enquanto ação de sujeitos que se voltam sobre a realidade que os mediatiza - em seus elementos subjetivos e objetivos -, problematizando-a, respondendo ao desafio de transformá-la.

Aqui, é importante considerar que: “Para refletir [teorizar] sobre minha prática não me é necessário mudar de contexto físico [um hospital, uma sala de aula, um grupo psicológico]. É preciso que minha curiosidade se faça epistemológica.” (Freire, 2004, p.78).

“O diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e re-fazem.” (Freire & Shor, 2003, p.123). Daí que em relações solidárias, democráticas entre sujeitos sociais, diálogo e escuta se constituam conjuntamente enquanto um sistema aberto à unidade nas diferenças. “É preciso que quem tem o que dizer saiba, sem dúvida nenhuma, que, sem escutar o que quem escuta tem igualmente a dizer, termina por esgotar a sua capacidade de dizer por muito ter dito sem nada ou quase nada ter escutado.” (Freire, 2008, p.117).

E por sermos seres comunicativos, “através do diálogo, refletindo juntos sobre o que sabemos e não sabemos, podemos, a seguir, atuar criticamente [na prática] para transformar a realidade.” (Freire & Shor, 2003, p.123).

Onde há diálogo com o outro, há produção de conhecimento com o outro; onde há produção de conhecimento junto-com o outro, há possibilidades de modificação da realidade de forma a humanizá-la.

O diálogo como produção do conhecimento compartilhado entre sujeitos modifica a consciência da realidade no próprio exercício de transformação desta

realidade, pois processo que chega à conscientização de sua produção social, promove um compromisso epistemológico caracterizador de uma política, de um posicionamento crítico na confecção de uma ética e de uma estética existencial (Freire, 2005). Nessa mesma direção podemos pensar o diálogo/escuta ou a atividade dialógica do psicólogo como exercício de conscientização do estar no mundo, como construção pragmática do sentido na pronúncia e na ação sobre a realidade. Conforme Brandão (2008, p. 31), a densidade pragmática do sentido faz referência à potencialidade de conscientização que um tema ou palavra sugere.

A valorização do outro e de si, enquanto sujeitos críticos, permite novas possibilidades sociais, movimento que só se realiza eticamente no exercício de uma prática humanizante e democrática.

Pensar o diálogo como produtor de conhecimento compartilhado implica em compreender conhecimento não apenas pelo seu caráter acadêmico-filosófico e/ou científico; implica em pensar este como saber de experiência-feito, produzido através do fazer-refletir próprio de cada sujeito, na historicidade singular de cada um, mas que sempre tem seu caráter social, porque produzido no seio de uma sociedade (Freire, 1999).

Por ser histórico, o conhecimento comporta três características fundamentais: a temporalidade, a rigorosidade e a ciclicidade gnosiológica. É temporal porque existenciado - situado e datado -; a rigorosidade se caracteriza pelo deslocamento do menos rigoroso para o muito mais rigoroso, de uma menor capacidade de desvelação e produção da realidade para uma maior condição de revelá-la e produzi-la; a ciclicidade gnosiológica diz respeito à dialética consciencial - subjetivo-objetiva - do sujeito conhecedor, colocando-se entre o conhecer o conhecimento já existente e o produzir novo conhecimento (Freire & Shor, 2003).

Conhecer é um processo que envolve comunicação, provocação, incertezas. “A comunicação afirma ou contesta a relação entre as pessoas que se comunicam, o objeto em torno do qual se relacionam, e a sociedade na qual estão.” (Freire & Shor, 2003). Conseqüentemente, a condição mais essencial do conhecimento é a existencição, não se tratando de relações psicológicas mecânicas de causa e efeito, mas produção real e potencial de compreensões críticas - subjetivo-objetivas. Compreensões que se movimentam no sentido da superação da curiosidade desarmada da reflexão, alcançando

a curiosidade epistemológica – reflexiva -, o que é exigência para a condição problematizadora do diálogo.

Portanto, a realidade é uma construção que leva em consideração relações que não se esgotam na ordem da racionalidade. Implica estratos conscientes e inconscientes. Nesta perspectiva, consideramos o inconsciente como fato psíquico co-extensivo à consciência, formando uma unidade com esta (González Rey, 2005a). O inconsciente, portanto, é tão originário quanto à reflexão para a consciência humana.

Em conseqüência, na práxis psicológica ou psicoterapêutica, a preocupação deve ser sempre relativa à co-produção de novas possibilidades, de novos desdobramentos e enfrentamentos subjetivos e objetivos dos indivíduos, na costura dialógico-dialética de suas experiências espontâneas e reflexivas em suas relações sociais e consigo mesmos. Tais processos se conjugam e são mutuamente recursivos.

Considerando as relações entre subjetividade, objetividade e reflexividade, afirma Fiori:

A reflexividade é a raiz da objetivação. Se a consciência se distancia do mundo e o objetiva, é porque sua intencionalidade transcendental a faz reflexiva. Desde o primeiro momento de sua constituição, ao objetivar seu mundo originário, já é virtualmente reflexiva. É presença e distância do mundo: a distância é a condição da presença. Ao distanciar-se do mundo, constituindo-se na objetividade, surpreende-se, ela, em sua subjetividade. Nessa linha de entendimento, reflexão e mundo, subjetividade e objetividade não se separam: opõem-se, implicando-se dialeticamente. A verdadeira reflexão crítica origina-se e dialetiza-se na interioridade da “práxis” constitutiva do mundo humano – é também “práxis” (1999, pp. 14-15).

Para este autor, assim como para Freire, se a subjetividade se dialetiza com a objetividade e não existe sem esta, podemos considerar ambas como raízes do conhecimento.

Concordando com González Rey (2004), concebemos a subjetividade como momento dialético de expressão da objetividade nos sistemas humanos culturalmente constituídos. Portanto, o conhecimento é processo co-originário de subjetivação, objetivação e intersubjetivação.

Não há mistério, paixão sem mundo. Somos enquanto refletimos e nos encantamos. Somos, assim como a realidade e, conseqüentemente o conhecimento, processo organizado. O conhecimento sobre aquilo que somos apenas permite

estabelecer parâmetros não absolutos. Parâmetros, conhecimentos são ou pressupõem objetividades e referências dialéticas às subjetividades possíveis. Portanto, mundo, realidade, conhecimento, objeto, objetividade, subjetividade são todos processos inacabados.

Do inacabamento do objeto diz Fiori:

A objetividade dos objetos é constituída na intencionalidade da consciência, mas, paradoxalmente, esta atinge no objetivado, o que ainda não se objetivou: o objetivável. Portanto, o objeto não é só objeto, é, ao mesmo tempo, problema: o que está em frente, como obstáculo e interrogação (1999, p. 14).

Esta observação nos permite pensar no mistério do mundo como função não apenas das emocionalidades e racionalidades, mas da condição potencial do objetivável, ou seja, da condição ontológico-intencional da interrogação sobre o objeto e a realidade. Esta condição ontológico-intencional da consciência corresponde ao seu estar sempre provocada a responder às demandas do real, imaginado ou concreto, num movimento dialético sempre emergente ou em potencial.

A lógica dialética dos diferentes processos psíquicos tem um caráter contraditório e complementar (González Rey, 2005a), o que nos ajuda a compreender a lógica da consciência em seu processo de existencialização como construção dialógico-dialética de totalidades-sistemas, como multiplicidade complexa do sujeito individual e/ou social.

Todos estes elementos se implicam na epistemologia do diálogo/escuta psicológico defendido na compreensão deste trabalho, o qual é co-produção de objetividade e subjetividade, de circunstâncias e sujeitos. Costura intencionada entre os momentos subjetivos e objetivos da realidade, os quais são irreduzíveis entre si em abstrato, pois mutuamente constituídos e constituintes.

Por isto podemos conceber o diálogo/escuta psicológico em suas relações com o conhecimento ou como produção de conhecimento. Passemos agora a considerar as relações entre diálogo/escuta, conhecimento e cultura numa perspectiva dialógico-dialética.

Para a compreensão das conexões do diálogo/escuta com conhecimento e cultura é importante ter em consideração a condição intencional e existencial da consciência, e

sua interferência na produção do diálogo psicológico. Esta condição expressa o processo sócio-cultural dos indivíduos e se apresenta subjetivamente organizada.

É importante, também, refletir sobre as prerrogativas e implicações de uma prática psicológica ou psicoterapêutica norteada por princípios éticos, estéticos e políticos, ou seja, construída sempre junto-com-o-outro e não para-o-outro – co-elaborada e co-responsabilizada. Prática que tem por finalidade a transformação de processos sociais complexos no sentido da humanização.

A produção do diálogo psicológico como produção cultural democrática se faz como crítica e dialógica mediação de sujeitos sociais. Conforme Freire:

Cultura é todo o resultado da atividade humana, do esforço criador e recriador do homem, de seu trabalho por transformar e estabelecer relações de diálogo com outros homens. (...) é também aquisição sistemática da experiência humana, mas uma aquisição crítica e criadora, e não uma justaposição de informações armazenadas na inteligência ou na memória e não incorporadas no ser total e na vida plena do homem (2005, p. 43).

Podemos, então, a partir desta compreensão de cultura, considerar a produção de conhecimento como um momento de produção cultural. Nesta perspectiva, o que diferencia conhecimento de cultura é a necessária rigorosidade metódica na produção daquele, seu caráter epistemológico, sua ciclicidade gnosiológica. Mas ambos, cultura e conhecimento são processos dialéticos – contraditórios e processuais -, históricos, sociais, políticos e, inclusive gnosiológicos.

Morin, a respeito do circuito cérebro/mente/cultura, afirma que a mente humana é uma criação que emerge e se afirma na relação cérebro-cultura, compreendendo a condição humana como estando submetida a um “duplo princípio: um princípio biofísico e um psico-sócio-cultural, um remetendo ao outro.” (Morin, 2003, p.51). Temos uma origem cósmica e uma organização molecular, fisiológica. No entanto, nos humanizamos pela nossa capacidade de pensar, de questionar, de complexificar a realidade na medida em que nos coletivizamos.

Estamos navegando na ordem da realidade - dos sujeitos que a constituem conjuntamente entre si e com os objetos enquanto refletidos e sentidos. Sujeitos que produzem processos organizados de subjetivação e objetivação e que se dialetizam na construção e focalização da realidade, a qual está sempre para além da consciência, no sentido de provocar-lhe ininterruptamente:

Na dialética constituinte da consciência, em que esta se perfaz na medida em que faz o mundo, a interrogação nunca é pergunta exclusivamente especulativa: no processo de totalização da consciência é sempre pró-vocação que a incita a totalizar-se. O mundo é espetáculo, mas, sobretudo convocação. E, como a consciência se constitui necessariamente como consciência do mundo, ela é, pois, simultânea e implicadamente, apresentação e elaboração do mundo. (Fiori, 1999, p. 14).

A realidade como totalidade – espetáculo e convocação - para a consciência humana, não como ocorrências isoladas, explicadas por cruzamentos lógicos de dados que falam por si, anteriores à consciência, invariantes e universais. Realidade como processo de construção histórica do mundo e de si, simultaneamente.

“Talvez seja este o sentido mais exato da alfabetização: aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se.” (Fiori, 1999, p. 10). Parece ser este, também, um dos objetivos do diálogo/escuta psicológico: auxiliar o sujeito a aprender a escrever sua própria vida, paulatinamente superando suas dificuldades e aprendendo a ler e enfrentar suas contradições.

Diálogo/escuta como resistência às ideologias que coisificam o humano pela mística antidialógica do pecado, pelo fatalismo histórico - o qual pode se expressar numa compreensão da história humana como repetição do passado, como tendo um futuro inexorável ou como sendo a história das individualidades (Freire, 2007, pp. 33-37).

Mas se o fatalismo histórico é alienação da realidade, essência da desumanização, quais elementos pedagógicos podem favorecer o anúncio e a denúncia do real, nossa capacidade de “biografar-se, existenciar-se, historicizar-se”?

iii. Terceiro plano: o contorno político-pedagógico do diálogo/escuta

Segundo Nogueira (2005b) Paulo Freire, em conversa com o filósofo Faundez, ressaltava que:

Nossa conceituação deve ser processual. Ela deve não ocultar o movimento pelo qual objetos e coisas são digeridos pelo nome, pelo conceito. Tu dizias isso no livro editado com o chileno Faundez: nossa reflexão não deve apenas responder; ela deve mostrar as perguntas. É uma pedagogia das perguntas, atenta à curiosidade. E re-fletindo os processos de conhecimento. Ou seja, o conceito mostra um pensamento sem esconder a curiosidade que precedeu ao pensamento. (Freire apud Nogueira, p. 35).

Nesta citação, o autor afirma a necessária abertura do ato de construção do conhecimento à vivência, à experiência, à cultura do sujeito conhecedor, além da abertura de seu pensamento aos processos de sua própria construção, aspectos envolvidos com o momento psicológico e o meio histórico-cultural em que esta construção ocorre. Ainda que o diálogo/escuta não seja um processo estritamente pedagógico, constrói-se como relação nutrida de educabilidade, como já expressamos anteriormente, podendo-se pensá-lo como tendo um caráter político-pedagógico.

Desta forma, para possibilitar o diálogo/escuta, sem agredir a estrutura (forma) e a velocidade e ritmo do pensamento exposto pelo outro, devemos problematizar este outro e sua expressão intencional, historicizando-o e contextualizando-o, assim como à sua própria intencionalidade, em busca de expressões ocultas e contradições – unidade e luta dos aspectos contrários (ou diversos) (Gadotti, 2004). Devemos, também, nos colocar neste processo de problematização - a essência do diálogo - por ser exigência do diálogo que os dialogantes se assumam enquanto processo e, portanto, enquanto problema. Só assim podemos proporcionar abertura à curiosidade epistemológica do pensamento exposto, contribuindo com a formulação de suas perguntas na direção de respostas complexas e colaborando para a transformação do conhecimento ingênuo em conhecimento problematizado, concretude refletida. Movimento produzido na práxis do diálogo/escuta que, como tal, se gera na realidade concreta e incide nela, pelos seus desdobramentos enquanto ação interventiva no contexto das práticas dos sujeitos dialogantes e pelo retorno dialético a estes das conseqüências de suas ações, num exercício de ampliação da compreensão, explicação e transformação da realidade e de si (Freire, 1980, p. 52).

Adotar tal posicionamento implica considerar a dialética da relação objetividade-subjetividade na construção entre sujeitos de conhecimento, que são sujeitos concretos, pois o diálogo/escuta parte da conversa entre sujeitos de experiências: “(...) se não

somos capazes de conversar sobre suas experiências [experiências dos alunos] comuns, transformando-as em filosofia, então, não sabemos o que fazer com nossa ciência” (Freire apud Torres, 1997, p. 115).

A intencionalidade da consciência – “tender para algo, significando-o” (Fiori apud Damke, 1995, p. 63) – indica a impossibilidade de uma relação de cognoscibilidade direta, reflexa sujeito-mundo, o que quer dizer que o mundo comum das consciências se constitui numa aproximação intersubjetiva destas frente aos momentos subjetivos e objetivos do mundo sócio-histórico e culturalmente constituído. Por isto, podemos falar de visões de mundo das consciências enquanto fenômenos que, ainda que coletivos, têm relação com a subjetividade em sua expressão singular, na sua contribuição investigativa, interpretativa e criativa do mundo comum. Singularidade que é mais que uma diferença fechada em si – estereotipada -, é transcendência de qualquer interioridade, o que Dussel em sua filosofia da libertação denomina de alteridade. “Na metafísica da alteridade, o outro é concebido como exterior ao meu mundo, exterior a qualquer centralidade” (DamKe, 1995, p. 48).

A impossibilidade da cognoscibilidade na relação direta sujeito-mundo implica, por sua vez, em que o ato de aprendizagem de “transferência de conhecimento” se constitua como negação ontológica do sujeito conhecedor e do próprio conhecimento. Quanto a este, se resumindo ao repasse de informação e quanto àquele - que só se apropria ou produz conhecimento verdadeiro numa relação dialógico-dialética, gnosiológica e histórica com a realidade -, fazendo-o caixa de “depositados”, de slogans, de comunicados (Freire, 1980/1999).

O ato de conhecer se estrutura por limites, condições e caminho. Como ato dialógico seus limites são os mesmos do diálogo: a ignorância e a prescrição. A produção de conhecimento sobre um determinado assunto exige algum nível de conhecimento anterior sobre ele (ainda que qualitativamente menos rigoroso) e o conhecimento em si não é algo acabado, prescritível, é histórico, devir (Freire, 1999). O diálogo é condição essencial deste ato e de seu caráter educativo, na medida em que desmitifica as ideologias opressoras, prescritivas da ordem e do controle e “articula conhecimento da realidade e produção real da existência, que supõe a unidade dialética entre base estrutural e superestrutural da sociedade” (Damke, 1995, p. 59), entre seus sistemas de produção material e cultural respectivamente.

O ato do conhecimento supõe comunicação, relação de sujeitos cognoscentes mediatizados por um objeto cognoscível. Trata-se sempre de uma produção que sofre a interferência das singularidades dos sujeitos que, desenvolvendo curiosidade epistemológica, comparam, escolhem, decidem, rompem... (Freire, 2008, p. 71). “O caminho parte do senso comum e vai ampliando e aprofundando as esferas de compreensão da realidade até chegar ao pensamento científico-filosófico” (Damke, 1995, p. 60), pois conhecer é um ato de existência.

Afirma esta autora:

Precisamos pensar os fatos como partes ou como pequenas totalidades pertencentes a um todo maior. Ao mesmo tempo, é necessário pensar o todo como algo que cria as partes, mas que é também ele criado pelas mesmas (p. 74).

O conhecimento se processa na ultrapassagem dialógico-dialética da dimensão imediata da realidade para a produção de zonas de inteligibilidade desta. Os fatos, coisas, pessoas e relações para serem compreendidos criticamente precisam ser percebidas como pertencentes a uma totalidade que os transcende e os constitui, enquanto constituída por eles e, por isso, possível de ser transcendida. Por isto a necessidade da produção de um pensamento dialógico-dialético.

Portanto, o diálogo na prática psicológica ou psicoterapêutica, como estratégia de produção de conhecimento de si no mundo, tem sua fundamentação nas possibilidades desta escuta dialógico-dialética como agenciamento de ações subjetivas e objetivas na realidade, potencializando sua transformação enquanto sistema. Neste sentido, é uma prática político-pedagógica na medida em que se propõe a acompanhar sujeitos no ato de quem escreve sua própria história de forma contextual e, portanto, apropria-se dela.

De tal forma que qualquer aspecto da leitura ou escrita psicológica do real, seja concreto, representado ou imaginado, possa ter relação com esta escuta co-elaborada entre parceiros nos espaços sociais. Diálogo/escuta que ao mesmo tempo os constitui – sujeitos e espaços – e é constituído por eles.

A produção do diálogo/escuta co-elaborado nos âmbitos do sentir, do pensar e questionar mediatiza e é mediatizada por práticas – saberes e fazeres - e por conhecimentos de ordem psicológica e não psicológica. Desta forma, por ser co-

elaboração de sujeitos em espaços e contextos sociais e culturais, trata-se de um movimento sistêmico subjetivo relacionado com outros sistemas de natureza não subjetiva, como são as áreas institucionais da saúde, da justiça, da educação, dentre outras em seus determinismos de organização e oferta de serviços.

Desta perspectiva, o conhecimento não se fundamenta em invariantes universais, se constrói como processo organizado social, histórico, cultural e político; assim como seus sujeitos produtores. Para o exercício do diálogo/escuta é importantíssimo que os atores em diálogo aprendam, então, o diálogo interpessoal dialogando, inclusive, com as instituições e os movimentos comunitários e sociais, institucionalizados ou não.

Quanto mais educados, ético-politizados forem tais atores, mais caminham no sentido das possibilidades da ação intersubjetiva de sujeitos sócio-históricos, que pode ser representada pela co-elaboração, união, organização e síntese cultural, características da comunicação, que é dialogicidade e que, portanto, não acontece fora da práxis que se dá entre alteridades (Freire, 1999).

Trata-se da produção de uma psicologia aberta à pergunta, contribuindo para o “processo em que o homem constitui e conquista, historicamente, sua própria forma” (Fiori, 1999, p. 10). Psicologia que se faça antropologia, acabando por exigir e comandar uma política (p.10).

II - DIÁLOGO E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO: CONSTRUÇÕES DE SI E DO SOCIAL

A **teoria da subjetividade** de González Rey (2005a), assim como a pedagogia da libertação de Freire, parte da preocupação com a **construção histórico-cultural do sujeito e da sociedade** que, por ser dialética, é complexa; procura superar a dicotomia entre indivíduo-sociedade, assim como as relacionadas ao interno-externo, objetividade-subjetividade, sujeito-objeto, dentre outras fundadas na concepção de mundo da ciência tradicional, racionalista e essencialista.

A fundamentação histórica desta teoria tem raízes na psicologia soviética com base nos trabalhos de Vygotsky, no desenvolvimento de uma compreensão da psique enquanto processo individual, cultural, histórico e social:

A teoria histórico-cultural, inspirada em um marxismo criativo e revolucionário procurava representar a unidade dos sistemas complexos da sociedade por meio das aparências desconexas de suas formas de expressão. Procurava-se a essência como princípio organizador, e não como princípio metafísico inalterável que atuava como causa universal (González Rey, 2005c, pp. 29-30).

Opondo-se a esta perspectiva de um princípio metafísico inalterável, base da essência da conduta humana, o autor considera que a subjetividade não é produto final de objetos invariantes, portanto não se expressa em comportamentos invariantes. Desde este ponto de vista, sua teoria considera o momento subjetivo individual e o social enquanto sistemas interdependentes, mutuamente afetáveis e abertos; organização e processo, os quais “podem ser influenciados pelo curso da ação de seus protagonistas” (González Rey, 2004, p. 160). Por esta razão:

O desenvolvimento de uma teoria histórico-cultural da subjetividade se inspira em um pensamento dialético orientado não pelas sínteses finais das contradições que perpetuam o racionalismo, tanto na dialética hegeliana quanto na marxista, mas pelo desenvolvimento contraditório de sistemas complexos que podem ser qualificados como sistemas distantes do equilíbrio, e que se organizam no curso contraditório de sua própria processualidade, entre os quais se destacam a subjetividade e a sociedade” (González Rey, 2005a, pp. 234-235).

No plano da teoria histórico-cultural, a subjetividade, a sociedade e a realidade são multidimensionais e assumidas histórico-subjetivamente. São apropriadas pelo sujeito através de sua ação subjetivada em sua produção de sentidos - a qual é constituída pelos níveis simbólico e emocional a um só tempo, e que se integra dialeticamente à história subjetiva deste sujeito -, considerando suas motivações, necessidades e interesses atuais, na construção de suas perspectivas e possibilidades sócio-culturais, enquanto sujeito constituído e constituinte delas.

González Rey define da seguinte forma sua **concepção dialética da subjetividade**:

Esta perspectiva [a da subjetividade como instância generativa de sentidos e significados, constituída e constituinte do desenvolvimento social] muda completamente a forma em que historicamente se apresentou a relação entre o individual e o social, logrando uma integração dialética que não se integra necessariamente em novas sínteses, mas que se abre no infinito de suas forças constitutivas, gerando uma diversidade de formas de expressão, todas elas comprometidas com as ações, significados e sentidos produzidos (2005a, p. 54).

Trata-se de uma visão que não corresponde a um modelo mecanicista, racionalista, mas à lógica da diversidade das expressões e produções de sentidos e de significados de sujeitos implicados na realidade através de suas ações sobre ela. “A realidade entra na configuração dos processos subjetivos, não como uma entidade externa que influi sobre eles desde ‘fora’, senão como um sistema que é subjetivado de forma permanente pela ação do sujeito nele” (González Rey, 1977, p. 39). A sociedade, portanto, é “um sistema vivo, complexo, mas que se desenvolve sobre a base de seus protagonistas” (González Rey, 2004, p.161), apresentando-se subjetivamente como espaços físicos e culturais, ação e produção de sentidos e significados.

Para esta teoria, **história e cultura** são consideradas processos de subjetivação:

A cultura é uma produção subjetiva que expressa as condições de vida do homem em cada momento histórico e em cada sociedade concreta, mas que constitui uma produção diferenciada que indica precisamente o curso dos processos de subjetivação que orientaram a ação humana em cada época e ambiente em que essa ação foi realizada. A cultura não é uma adaptação à realidade objetiva que se expressa nela, e sim uma produção humana sobre essa realidade, desenvolvida não como expressão direta de atributos objetivos a ela e sim pela forma como o homem e a sociedade produziram sentidos

subjetivos diferenciados diante dela a partir de suas histórias (González Rey, 2004, p. 125).

O sujeito, individual e coletivo, simultaneamente, se constrói em contextos histórico-culturais por entre suas relações, práticas e espaços sociais de convivência, com base em suas produções de sentido atuais e históricas, tecendo sua leitura/produção cultural da realidade, contribuindo para o delineamento da história social.

“A especificidade da cultura diferencia os processos de sentido que configuram os eventos e os processos vividos pelas pessoas e pelas sociedades” (González Rey, 2004, p. 145). Por seu caráter subjetivo, de produção de sentido, a cultura sempre cria espaços de contradições às visões sociais hegemônicas, produzindo momentos de ruptura no tecido social. Esta produção cultural se encontra em andamento contínuo nas subjetividades, nelas se expressando uma **história subjetiva** referenciada por elementos individuais, sociais e culturais, os quais “incluem as instituições, os vários tipos de ação social do homem e suas formas de integração macrossocial” (González Rey, 2004, p. 137), como formas, também, de produções subjetivas.

Na teoria da subjetividade proposta pelo autor o sujeito não é pensado como um indivíduo ou coletivo passivo, reflexo de um social externo. Trata-se de um sujeito – “psicológico, sociológico, político, ético e moral” (González Rey, 2004, p. 153) - que ao mesmo tempo é constituído subjetivamente pelas forças subjetivas e objetivas da sociedade, e as constitui. “O sujeito se exerce na legitimidade de seu pensamento, de sua reflexão e das decisões por ele tomadas. Por elas, ele entra na dinâmica complexa da vida social” (González Rey, 2004, p. 149).

Sobre o **sujeito** afirma o autor:

Considero o sujeito – como considero a subjetividade – tanto em nível social como em nível individual, como aquele indivíduo ou grupo que legitima seu valor, que é capaz de gerar ações singulares e que mantém sua identidade através dos vários espaços de contradições e confrontações que necessariamente caracterizam a vida social (2004, p. 153).

A história subjetivada deste sujeito o caracteriza como elemento social particular, disruptivo, capaz de transgredir, de reformular as relações, as práticas e os espaços sociais. Portanto, “o social aparece subjetivado, singularizado e deformado nessa história subjetiva, mas sempre aparece” (González Rey, 2004, p. 154). No

entanto, pela natureza da produção subjetiva que não se reduz à intencionalidade, nem à ação consciente, “o sujeito representa um momento de contradição e confrontação não somente com o social, mas também com sua própria constituição subjetiva que representa um momento gerador de sentido de suas práticas” (González Rey, 2005a, p. 240).

Em suma, a realidade nesta perspectiva é constituída culturalmente, sempre como leitura e produção cultural, numa construção subjetivamente processada, não redutível a processos racionais, ainda que estes completem o quadro complexo, multidimensional de suas construções: “a realidade existe na processualidade contraditória dos elementos que a constituem (...), essa realidade não se move somente pela ação da razão, mas por necessidades que se ocultam de seus protagonistas” (González Rey, 2005a, p. 272), não conscientes.

Daí a importância do **diálogo** - com sua condição dialógica de valorização da produção de sentidos e significados dos sujeitos em diálogo - para a produção social e para a produção de uma psicologia que possa se comprometer com as questões da contemporaneidade.

O diálogo implica a integração do singular no curso do social. Nesta perspectiva, a produção do diálogo é produção de subjetividade tanto individual quanto social, tanto no sentido da auto-reflexão quanto no sentido da reflexão compartilhada entre sujeitos.

“A **reflexividade** é uma característica do sujeito com a qual está comprometida a produção de sentidos subjetivos em todas as esferas da vida” (González Rey, 2005a, p. 240). Neste sentido, a reflexividade é compreendida como uma condição de emancipação do sujeito perante a linguagem, enquanto exercício dialógico-disruptivo de produção de pensamento na produção de novas práticas sociais e de si mesmo (González Rey, 2005a, p. 240).

O **sujeito dialógico** pode ser entendido, então, como encarnação da complexidade entre emoção, reflexividade, produção de linguagens, ações não linguísticas, relações e práticas sociais: fenômenos produtores de sentido e significado. Ou seja, o sujeito é produto e produtor de pensamento e, como tal, de realidade objetivada e subjetivada. Ele se constitui e se constrói como processo de produção histórico-cultural que se expressa em suas contribuições para a formação da subjetividade social.

A produção subjetiva tem sua gênese no encontro singular de um sujeito com sua experiência social concreta - situada e datada (González Rey, 2004, p. 51). Esta

realidade concreta nem é interior, nem exterior a realidade subjetiva em abstrato, mas realidade compartilhada, social e histórica. A subjetividade, então, se constitui na relação complexa entre um momento singular e um momento social, os quais não são exterioridades um do outro, são mutuamente recursivos. Neste sentido, é importante atentarmos para o fato de que **a subjetividade é individual e social** ao mesmo tempo, pois seu momento social está comprometido com a subjetividade individual, se expressando através de um sujeito individual e social, simultaneamente:

A subjetividade é social e historicamente configurada, tanto em cenários sociais, como individuais, mas representa um tipo de processo diferente de outros que se inscrevem em ambos: a produção de sentidos que não se restringe nem a uma delimitação social, nem a uma individual, constituindo as duas dentro de um mesmo sistema. A ordem subjetiva representa uma forma de expressão diferenciada tanto dos processos sociais como dos individuais (González Rey, 2004, pp. 144-145).

Os elementos objetivos e subjetivos da realidade oferecem referenciais para a construção de **elementos de sentido**. Trata-se, portanto, da constituição de uma realidade não mais redutível aos elementos objetivos ou subjetivos, mas construída a partir de “todos os aspectos que caracterizam a vida das pessoas” (González Rey, 2004, p. 152).

A subjetividade se constitui como processo e organização na produção de sentidos; pela integração de sistemas simbólicos e emoções provenientes de encontros multidimensionais configurados por sujeitos individuais e histórias singulares de instâncias sociais, em contextos sócio-culturais.

Conforme este autor (2004, p. 50): “o **sentido** articula de forma específica o mundo psicológico historicamente configurado do sujeito com a experiência de um evento atual”. Desta forma, “o sentido não representa uma omissão do objetivo e sim uma forma de se representar o processo através do qual o objetivo se converte em psicológico” (p. 52). O sentido, então, está na raiz do processo de subjetivação individual. É o princípio da articulação da realidade concreta (social, cultural e histórica) com a cena subjetiva individual.

O sentido subjetivo é a integração de uma enocionalidade de origens diversas que se integra a formas simbólicas na delimitação de um espaço de experiência do sujeito. No sentido subjetivo integra-se

tanto a diversidade do social quanto a do próprio sujeito em todas as suas dimensões, incluindo a corporal. As emoções associadas à condição de vida do sujeito se integram em sua produção de sentido (González Rey, 2004, p. 127).

Os sentidos expressam-se através das decisões do sujeito realizadas em suas ações concretas, passando a formar parte da realidade (González Rey, 1977, p. 38). Referem-se a qualquer relação, fato ou fenômeno subjetivo, inclusive emocional: “o sentido subjetivo da emoção se manifesta pela relação de uma emoção com outras em espaços simbolicamente organizados, dentro dos quais as emoções transitam” (González Rey, 2005a, p. 243). Os sentidos se renovam em espaços concretos (contextos teóricos ou práticos), na medida em que o sujeito se biografava, historiciza-se, existencializa-se, sofrendo este processo a interferência do inconsciente, pois a produção de sentido não se subscreve inteiramente à ordem da **intencionalidade da consciência**:

A consciência é uma via de produção de sentido que implica representações e formulações intencionais, mas que está sempre constituída por processos de sentido que se integram a essas representações e que ficam fora da “visibilidade” consciente do sujeito” (González Rey, 2004, p. 22).

Nesta perspectiva, não existe a dicotomia consciência/inconsciência. A consciência é sempre consciência de um percebido, mas nela se encontra um fundo irracional. O sentido transita, implica-se com os momentos racionais e irracionais da consciência. Por esta razão, a racionalidade (a moralidade, a eticidade) se desenvolve a partir da produção de sentido do sujeito e constitui-se como produtora de sentido. A subjetividade, conseqüentemente, constitui-se neste trânsito.

Para a produção dos sentidos concorrem os elementos de sentido (elementos da realidade concreta) que estão associados a elementos emocionais geradores de estados dinâmicos – estados de estabilidade emocional (González Rey, 1997). Esta condição que os elementos da realidade concreta têm de estarem constituídos por emoções capazes de produzirem estados afetivos de relativa estabilidade, constituindo-se como elementos de sentido, é uma condição gerada por necessidades “como estados produtores de sentido, associados à atuação do sujeito numa atividade concreta” (González Rey, 2005a, p. 245).

Os sentidos produzidos ao longo das experiências do sujeito se organizam em **configurações** referentes ao contexto, a história e a qualidade subjetiva das atividades e relações do sujeito que, em seu processo de atuação, produz novos sentidos que passam a constituir ou reconstituir configurações subjetivas. Sobre esta categoria afirma González Rey:

A categoria de configuração não se define por conteúdos universais, nem por processos únicos de caráter universal, senão que constitui um núcleo dinâmico de organização que se nutre de sentidos subjetivos muito diversos, procedentes de diferentes zonas de experiência social e individual. Precisamente, considero que o valor heurístico desta categoria está em sua elevada flexibilidade, e no fato de representar um elemento que se constitui no funcionamento de um sistema, pois as configurações são um elemento de sentido dentro do comportamento atual de um sistema subjetivo, seja este social ou individual e, ao mesmo tempo, podem alterar sua forma de organização ante a emergência de sentidos e configurações que passam a ser dominantes dentro do momento atual de ação do sistema (2005a, pp. 2003-204).

Dentre os sentidos que constituem uma configuração há os sentidos dominantes – nucleares -, que mantêm sua organização produtora de necessidades e motivações subjetivas relativamente estáveis e que constituirá novos sentidos na medida em que novas experiências vão sendo vivenciadas e que se traduzem no que o sujeito pensa, sente e questiona em seus espaços de atuação.

Posicionar-se pressupõe estados afetivos e apreciações simbólicas perante outros sujeitos, práticas coletivas e espaços sociais na construção da **subjetividade social**, que é definida como:

O sistema integral de configurações subjetivas (grupais ou individuais) que se articulam nos vários níveis da vida social, envolvendo-se de maneira diferenciada nas várias instituições, grupos e formações de uma sociedade concreta. Essas formas tão dessemelhantes guardam relações complexas entre si e com o sistema de determinantes de cada sociedade concreta, aspectos que devem ser integrados e explicados pela psicologia social (González Rey, 2004, pp. 146-147).

O autor refere-se à totalidade do sistema aberto de configurações de sentido individual ou grupal relacionadas aos cenários sociais, em suas diferentes formas de organização e funcionamento. Cenários que mantêm relações de mútua recursividade e

que sofrem as determinações da produção concreta das existências numa determinada sociedade, que supõem a unidade dialética entre suas bases estrutural e superestrutural.

As **configurações sociais de sentido**, individuais ou grupais, se manifestam pela ação dos sujeitos implicados nos cenários sociais, pela forma como tais sujeitos se constituem e são constituídos nesta relação.

Pensar o diálogo/escuta como um fenômeno que envolve sujeitos sociais é, então, compreendê-lo como construção lógica que se estrutura como processo e organização, constituição e construção de processos subjetivos, intersubjetivos e cenários sociais.

1. O DIÁLOGO/ESCUTA ENQUANTO LÓGICA CONFIGURACIONAL NA PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE SOCIAL

A produção da subjetividade social se dá corporificada pelas relações intersubjetivas de sujeitos biopsicossociais, sujeitos concretos - constituídos em e constituintes de cenários sociais. E por conta da mútua recursividade entre subjetividade social e individual, a intersubjetividade também é condição para a constituição desta:

A organização da subjetividade individual tem na ação intersubjetiva um momento permanente de expressão e de confronto que garante a processualidade de sua organização dentro de um processo de desenvolvimento permanente ao longo da vida do sujeito (González Rey, 2005a, p. 236).

A própria configuração da subjetividade social implica o desenvolvimento e a organização das subjetividades individuais para as quais a ação intersubjetiva é um momento de construção - organização e desenvolvimento - na medida em que as confronta.

Nesta perspectiva, sujeito e subjetividade social são instâncias mutuamente recursivas e contraditórias de um mesmo fenômeno: a subjetividade como sistema relativo a este sujeito (González Rey, 2005a, p. 261), em seu momento individual e social. Sistema subjetivo o qual, por sua vez, se dialetiza com as instâncias anteriormente citadas, em sua dupla condição de constituído e constituinte.

O diálogo, então, como forma de presentificar um evento no campo da subjetividade social, sofre a influência da subjetividade do sujeito dialogante na

interface de seus momentos individual e social, bem como de sua própria ação como sujeito concreto (situado e histórico), objetivo-subjetivo; portanto, como estratégia reflexivo-problematizadora de organização intersubjetiva da realidade, de sua interpretação e produção, o diálogo comporta-se como elemento de mobilidade entre as esferas individual e social, produzindo o trânsito entre o momento individual e o social das subjetividades em diálogo.

Por duas razões, pelo menos, para esta perspectiva teórica, o diálogo não se apresenta como estratégia de racionalização, de imposição de uma lógica externa ao sujeito: primeiro, porque respeita a condição do sujeito enquanto indivíduo subjetivado e subjetivante, portador de uma consciência geradora de sentido e, como anteriormente exposto, nem a intencionalidade, nem o sentido são redutíveis à ordem da racionalidade; segundo, porque é o efeito da ação do sujeito, dentro do sistema subjetivo em que esta ação aparece, o que marcará mais enfaticamente a produção de sentidos e significados em andamento no diálogo (González Rey, 2005a, pp. 261-262). A forma como o diálogo se processa e se organiza depende mais dos efeitos subjetivos das ações dos sujeitos em diálogo – lingüísticas e não lingüísticas – do que das intencionalidades que se expressam no diálogo. Por isto, o diálogo se processa e se organiza como práxis, e pela mesma razão seus fundamentos subjetivos se constituem em dimensões da realidade que não estão explícitas, não se expressam na imediaticidade da relação dialógica, são histórico-culturais.

Nesta perspectiva, como fundamento subjetivo do diálogo, “o pensamento é inseparável de um sujeito que pensa e que está mediado pela sua própria constituição subjetiva nesse processo, o que faz do pensamento um processo produtor de sentido subjetivo e não apenas de significações” (González Rey, 2005a, p. 128).

A forma práxica como o diálogo se processa e se organiza, e seu respeito pela condição subjetiva do pensamento como uma particular característica do processamento dialógico, relativa ao caráter gnosiológico do conhecimento, são elementos de uma lógica de enfrentamento e construção da realidade que González Rey vem definindo como **lógica configuracional**, afirmando:

[A lógica configuracional] não se expressa em uma intencionalidade finalista guiada por uma representação aditiva de caráter regular e externa em relação ao que se estuda [...] assume diferentes opções diante das transformações qualitativas e das emergências inesperadas que o investigador enfrenta no processo de investigação. (2005a, pp. 273-274).

Na perspectiva do diálogo entre sujeitos histórico-culturais - constituintes de um determinado cenário social - relacionado a uma produção cultural e de conhecimento no cotidiano, em que o diálogo se expande em seus conteúdos, considerando-se a não linearidade entre as representações destes e a subjetividade dos sujeitos dialogantes, o sujeito em diálogo poderia ser considerado um investigador e o diálogo um processo dialógico configuracional de investigação, mesmo que não atingisse um padrão filosófico-científico? Por desdobramento, *poderíamos pensar o diálogo/escuta como uma prática psicológica clínica potencializadora de uma construção lógico-configuracional da realidade?*

Ainda que os sujeitos em diálogo, em seu processo investigativo, não estejam sofrendo a mediatização de uma teoria científica em seu recorte construtivo-interpretativo da realidade, trata-se de uma práxis (dialética entre reflexão e prática) que leva em conta processos objetivos e subjetivos que nem sempre são acessíveis de forma imediata às suas experiências subjetivadas, históricas ou atuais, nem se apresentam isomorfos a tais experiências. Por isto o diálogo/escuta se faz necessariamente como aproximação da prática educativa co-construída, que acontece entre sujeitos investigadores (cognoscentes) mediatizados por um objeto (cognoscível), prática gnosiológica que suscita a curiosidade epistemológica – o exercício da reflexão e da auto-reflexão; alimenta a singularidade (alteridade) como fenômeno constituído na dialética da diversidade; construção de mobilidade entre o individual e o social, porque trânsito entre o momento subjetivo individual e o social.

O conhecimento produzido pela lógica configuracional tem, portanto, “caráter plurideterminado, irregular e contraditório” (González Rey, 2002, p. 68), além de processo organizado assumido em sua condição subjetiva, características da lógica do diálogo e, por derivação, da escuta enquanto diálogo. Neste sentido, a objetividade do real não tem uma relação biunívoca com os processos subjetivos, descaracterizando o conhecimento como uma representação de uma realidade que lhe é externa, mas confirmando-o como interpretação e produção subjetiva da realidade.

O diálogo/escuta como práxis psicológica ou psicoterapêutica promove um processo de compreensão da realidade que se aproxima da estrutura da abordagem construtivo-interpretativa, característica da construção do conhecimento em pesquisa qualitativa que tem na comunicação (dialogia) um de seus atributos: “A ênfase na

comunicação como princípio epistemológico está centrada no fato de que uma grande parte dos problemas sociais e humanos se expressa, de modo geral, na comunicação das pessoas seja direta seja indiretamente” (González Rey, 2005b, p. 13). Tal abordagem se estrutura na relação praxica, concreta, complexa entre o investigador e a realidade pesquisada, em que a subjetividade daquele passa a ser de fundamental importância na construção do conhecimento. Pelo diálogo entre sujeitos sociais, em seus espaços cotidianos, a produção subjetiva lógico-configuracional é mediatizada, não por uma teoria científica, mas pelas vivências, experiências, saberes e conhecimentos construídos nas relações, atividades e espaços sociais dos sujeitos em diálogo, processo que intermitentemente se contradiz e se confronta com as subjetividades individuais, lhes fazendo contraponto e simultaneamente lhes suscitando curiosidade epistemológica. Trata-se da elaboração do conhecimento no e junto-com o mundo cotidiano.

Aqui, a realidade é um sistema aberto, complexo, multidimensional que provoca, resiste e, simultaneamente, acolhe a mudança. Assim como o são o sujeito, a sociedade, a subjetividade, o conhecimento.

Sobre realidade, subjetividade e conhecimento, afirma González Rey:

A realidade é constitutiva da subjetividade humana, não podemos seguir identificando-a como dimensão externa em relação à subjetividade. É essa condição do real subjetivado, que caracteriza o conhecimento e lhe permite a subjetivação de novas formas do real, o que leva a novos momentos no desenvolvimento do conhecimento. A capacidade para subjetivar o real, que está dada, entre outras coisas, pela constituição do real na subjetividade, permite ao homem chegar a novos territórios do real, inacessíveis em termos de “dados” objetivos imediatos. Nesse aspecto o pensamento é uma condição da “objetividade” do conhecimento, e a teoria é o sistema que permite a ação histórica do pensamento humano e é condição do desenvolvimento do conhecimento em níveis crescentes de complexidade (2002, p. 136).

Podemos transpor este raciocínio para a produção do conhecimento pelos sujeitos em seus espaços cotidianos em uma perspectiva dialógico-freireana, na medida em que nela não se concebe uma dicotomia entre conhecimento acadêmico e não acadêmico, mas conhecimento possível de ser construído no seio do arcabouço histórico-cultural dos sujeitos em diálogo.

Parece-nos, então, que podemos pensar o diálogo/escuta constituindo-se como aproximação à abordagem construtivo-interpretativa da realidade em espaços

psicológicos; como processo afetivo-reflexivo sobre a configuração de representações, valores, crenças e mitos, envolvendo níveis diferenciados de conhecimento e, portanto, como co-construção da visão de mundo de sujeitos nos variados cenários, com seus espaços, relações e práticas sociais; como aproximação de uma construção dialógico-configuracional de pensamento e produção de sentido, porque intersubjetivo-prática, potencializadora do desenvolvimento lógico-configuracional da subjetividade individual. Diálogo/escuta como ação psicológica concreta e, portanto, não redutível à lógica racional.

III – OBJETIVO, NATUREZA E EPISTEMOLOGIA DA PESQUISA

Com o objetivo de investigar as possibilidades do Diálogo como dispositivo de atenção psicológica à compreensão de processos psicossociais no Caps Casa Verde, propomo-nos a caracterizar o Diálogo como processo político e dialógico de produção de sentidos e significados subjetivos a partir das experiências concretas de seus participantes. Neste sentido, o Diálogo pode se constituir como processo psicoeducativo, facilitador de mutações subjetivas, revelando-se como um rico recurso de atenção psicológica em práticas institucionais. Esperamos construir argumentos que possam evidenciar a importância do Diálogo para a construção das relações entre os atores institucionais, favorecendo uma compreensão mais aprofundada sobre suas experiências e sofrimento, contextualizados em seus universos sociais e culturais. Pretendemos, ainda, contribuir para a possibilidade de realização do Diálogo em outros espaços voltados para a saúde mental e atenção psicossocial

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, numa perspectiva psicossocial, com base na Epistemologia Qualitativa de González Rey, definida como “um esforço na busca de formas diferentes de produção de conhecimento em psicologia que permitam a criação teórica acerca da realidade plurideterminada, diferenciada, irregular, interativa e histórica, que representa a subjetividade humana” (González Rey, 2002, p. 29).

Também se caracteriza como uma pesquisa interventiva, na medida em que, adotando a perspectiva indicada por Lourau, “a intervenção como método indica o trabalho da análise das implicações coletivas, sempre locais e concretas. Nesse sentido, o campo de análise não se separa do campo de intervenção” (apud Eduardo Passos, Virgínia Kastrup, & Liliana da Escóssia, 2009, p. 19). Ainda segundo estes autores, a análise das implicações daqueles que integram o campo de intervenção permite acessar os processos subjetivos e institucionais dos atores sociais envolvidos.

Quanto à condição interventiva da pesquisa qualitativa, afirma González Rey:

A pesquisa qualitativa remete à intimidade do sujeito e o envolve em situações que são muito sensíveis para ele/ela, mas que, por sua vez, lhes oferece possibilidades de se colocarem de forma diferente diante da vida, permitindo-lhes novas opções através das situações produzidas pela pesquisa. É por essa razão que a maioria das pesquisas qualitativas representa uma intervenção com conseqüências para o sujeito envolvido na pesquisa. Logo, os sujeitos devem participar na pesquisa de forma voluntária, e com plena consciência

das situações que podem chegar a enfrentar em seu curso (2009, p. 177).

Buscamos, então, acompanhar o Diálogo a partir da manifestação criativa e democrática de sujeitos singulares, como processo e organização de produção subjetiva social, enquanto sistema de comunicação complexa no seio de uma instituição e de uma sociedade; como leitura e produção subjetiva da realidade, mas considerando que:

A subjetividade não substitui os outros sistemas complexos do homem (bioquímico, ecológico, laboral, saúde etc.) que também encontram, nas diferentes dimensões sociais, um espaço sensível para seu desenvolvimento, mas transforma-se em um novo nível na análise desses sistemas, os quais, por sua vez, se convertem em um novo sistema que, historicamente, tem sido ignorado em nome do subjetivismo, do mentalismo e do individualismo (González Rey, 2005b, p. 14).

Para este autor, assim como para Paulo Freire, a produção subjetiva de sujeitos dimensionados histórico-culturalmente, por considerar os sistemas objetivos da realidade, não corre o risco de transformar-se em subjetivismo, de despencar no imobilismo subjetivista, na tentativa de dicotomizar a objetividade da subjetividade (Freire, 1999, p. 37).

A compreensão humana – subjetiva - de uma atividade no sistema social implica engajamento afetivo, pensamento, reflexão, comunicação e possibilidade de teorização de sua dinâmica interna e de suas relações com o meio social. Conforme González Rey:

A sociedade enquanto sistema é extremamente complexa, e qualquer processo ou evento que nela acontece é suscetível de um complexo sistema de desdobramentos gerador de infinitos sistemas de conseqüências que estão mais além das representações conscientes dos sujeitos envolvidos em tais eventos, mas que só podem ser estudados em sua real complexidade por meio de elementos diferenciados de informação dos sujeitos; esses elementos permitem articular, em um modelo, a significação do social na vida humana (2005b, p. 12).

O sentido subjetivo, mais além das representações conscientes dos sujeitos pesquisados, com sua mobilidade, mutabilidade e caráter sistêmico, se propagando na subjetividade de forma configuracional, é um elemento articulador dos diferentes elementos de sentido e de elementos dinâmico-emocionais que aparecem no curso dos processos ou eventos. Tal articulação, não tendo uma perspectiva racionalista, subverte

“qualquer ordem que se queira impor ao sujeito ou à sociedade desde fora” (González Rey, 2005b, p. 22). Neste sentido, a subjetividade explicita “um sistema complexo [plurideterminado, contraditório, irregular] capaz de expressar, através dos sentidos subjetivos, a diversidade de aspectos objetivos da vida social que concorrem em sua formação” (González Rey, 2005b, p. 19).

A realidade subjetiva, como sistema complexo, não aparece “de forma imediata perante o observador, sendo que seus processos e formas de organização devem ser construídos a partir de inúmeras formas de expressão” (González Rey, 2005b, p. 18). Esta definição da natureza ontológica - condição de possibilidade de ser – da subjetividade, “que tem como sua unidade constitutiva essencial os sentidos subjetivos” (González Rey, 2005b, p. 18) na construção de processos de significação, traz como exigência para a produção do conhecimento uma intermitente produção teórico-epistemológica que se viabilize pelo seu contínuo diálogo com os processos e formas de organização da realidade, sempre dinâmicos e mutáveis, através da expressividade viva – emocional e crítica – dos sujeitos que a constituem. Exige, também, uma metodologia de natureza teórico-qualitativa, que não considere o instrumento como um definidor de resultado, mas como momento processual para sua construção teórica (González Rey, 2005b, p. 43).

Nesta perspectiva, este autor produz o conceito de Epistemologia Qualitativa como fundamentação filosófico-científica para a construção metodológica qualitativa, caracterizando esta, quanto à análise e processamento de conteúdos, pela técnica de Análise de Conteúdos, “a qual se apóia na codificação da informação em categorias para dar sentido ao material estudado” (González Rey, 2002, p. 143). Entretanto, se distancia do marco positivista desta, para o qual o rigor refere-se à coleta do material empírico, concebido como independente da teorização. Para a epistemologia qualitativa, o rigor na análise dos conteúdos refere-se à coerência e riqueza “das operações interpretativas nos marcos do processo construtivo do qual formam parte [...] os processos intelectuais do pesquisador no desenvolvimento de suas interpretações e as formas complexas de relação entre a interpretação e o estudado” (González Rey, 2002, p. 144); o fundamental é a construção de sentidos subjetivos e de processos de significação do empírico através da produção de indicadores - “aqueles elementos que adquirem significação graças à interpretação do pesquisador” (González Rey, 2002, p. 112)-, visto que a produção subjetiva na ciência, nesta perspectiva, deve alcançar o concreto pensado, uma leitura e

produção crítica do empírico, apontando as mudanças nas representações gerais do objeto pesquisado (Gonzalez Rey, 2002, p. 7).

Os indicadores sinalizam, de forma processual, características do sujeito estudado, colaborando para uma compreensão complexa deste como totalidade, em que o significado das partes só é alcançado em suas relações com o conjunto das mesmas, sugerindo a necessidade de uma interpretação que se dá como uma construção que, por ser produção subjetiva, deve assumir seu caráter móvel e sistêmico.

Como embasamento a uma proposta teórica e metodológica concretas, a epistemologia qualitativa, com base na abordagem histórico-cultural, defende três princípios gerais da produção do conhecimento:

Primeiro princípio: o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, que se justifica pela definição ontológica da realidade subjetiva como uma realidade distinta da totalidade do real, mas que mantém uma relação de recursividade com esta, ainda que nunca a alcance completamente:

A realidade é um domínio infinito de campos inter-relacionados independentes de nossas práticas; no entanto, quando nos aproximamos desse complexo sistema por meio de nossas práticas, as quais, neste caso, concernem à pesquisa científica, formamos um novo campo de realidade em que as práticas são inseparáveis dos aspectos sensíveis dessa realidade. São precisamente esses os aspectos suscetíveis de serem significados em nossas pesquisas. É impossível pensar que temos um acesso ilimitado e direto ao sistema do real, portanto, tal acesso é sempre parcial e limitado a partir de nossas próprias práticas (González Rey, 2005b, p. 5).

Nossas práticas, como parte constituída e constituinte de nossas produções subjetivas, formam um novo campo de elementos subjetivamente sensíveis da realidade, os quais são suscetíveis à investigação científica. O estudo deste campo é recortado por construções teóricas denominadas de zonas de sentido, definidas “como aqueles espaços de inteligibilidade que se produzem na pesquisa científica e não esgotam a questão que significam, senão que pelo contrário, abrem a possibilidade de seguir aprofundando um campo de construção teórica” (González Rey, 2005b, p. 6). Neste sentido, a validade ou a legitimidade do conhecimento é uma medida de sua viabilidade no enfrentamento de novas zonas de sentido.

Em decorrência disto, a viabilidade de uma teoria decorre de sua capacidade de diálogo com cada modelo teórico proveniente de cada pesquisa que com ela se

relaciona. O modelo é a produção teórica local que acompanha a produção subjetiva do pesquisador em sua trajetória pelo momento empírico, a partir do qual se realiza o processo de construção da informação na produção e tessitura de sentidos subjetivos e processos de significação sobre o material de campo (González Rey, 2005b, p. 116).

Segundo princípio: a legitimação do singular como instância de produção do conhecimento, que está intrinsecamente relacionada ao caráter teórico construtivo-interpretativo da produção do conhecimento. Neste sentido, o teórico é entendido como:

A construção permanente de modelos de inteligibilidade que lhe dêem consistência a um campo ou um problema na construção do conhecimento, ou seja, o teórico não se reduz a teorias que constituem fontes de saber preexistentes em relação ao processo de pesquisa, mas concerne, muito particularmente, aos processos de construção intelectual que acompanham a pesquisa. O teórico expressa-se em um caminho que tem, em seu centro, a atividade pensante e construtiva do pesquisador (González Rey, 2005b, p. 11).

O autor se refere ao caráter teórico na construção do modelo pelo pesquisador – considerando, particularmente, seus aportes subjetivos - como via de aproximação ao momento empírico. Neste sentido, afirma: “a informação única que o caso singular nos reporta não tem outra via de legitimidade que não seja sua pertinência e seu aporte ao sistema teórico que está sendo produzido na pesquisa” (González Rey, 2005b, p. 12).

Se o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento decorre do fato de que a realidade, em sua complexidade, não é apreensível de forma direta e imediata, apreendê-la significa interrogá-la, recortá-la, interpretá-la. Entretanto, esta interpretação, nas ciências antropológicas, para alcançar rigorosidade e atingir totalidades maiores que a do momento empírico, requer análise, confrontação de seus elementos objetivos e subjetivos, transmutando o empírico-perceptual imediato em empírico-concreto – situado e datado, contexto e história, processo e organização -, para esclarecimento de suas inter-relações, suas contradições, os níveis de necessidades e interesses subjetivos implicados. É esta a condição de legitimação da informação produzida no caso particular da pesquisa, processo que requer a assunção social e política da produção do conhecimento e do próprio conhecimento enquanto produção histórico-cultural.

O caráter qualitativo na abordagem histórico-cultural da produção do conhecimento na pesquisa tem como condição, além do processo de legitimação do caso singular como instância de produção do conhecimento científico e do caráter construtivo interpretativo desta construção, um *terceiro princípio: a dialógica da*

comunicação, processo que carece da expressão de sujeitos vivos, reflexivos e históricos, constituídos e constituintes da realidade.

Sobre a riqueza proporcionada pelos processos de comunicação para a pesquisa antropológica, afirma González Rey:

Por intermédio da comunicação, não conhecemos apenas os diferentes processos simbólicos organizados e recriados nesse processo, estamos tentando conhecer outro nível diferenciado da produção social, acessível ao conhecimento somente por meio do estudo diferenciado dos sujeitos que compartilham um evento ou uma condição social (2005b, pp. 13-14).

Trata-se da consideração ontológica pelo nível diferenciado da subjetividade social, da comunicação como condição de possibilidade de aparecimento desse nível, o qual é uma qualidade dos elementos objetivos do real:

A comunicação é o espaço privilegiado em que o sujeito se inspira em suas diferentes formas de expressão simbólica, todas as quais serão vias para estudar sua subjetividade e a forma como o universo de suas condições sociais objetivas aparece constituído nesse nível (González Rey, 2005b, p. 14).

Diferentes formas de expressão simbólica fazem referência a conteúdos verbais ou icônicos como a ação, a atividade, a reflexão, a decisão, o comportamento, as relações, aspectos relacionados com a constituição subjetiva das condições sociais objetivas e à expressão do sujeito como complexo tecido informacional.

A intencionalidade da pesquisa, com base na epistemologia qualitativa, no estudo da subjetividade, “volta-se para a elucidação, o conhecimento dos complexos processos que constituem a subjetividade e não tem como objetivos a predição, a descrição e o controle” (González Rey, 2002, p. 48), os quais estão na base da filosofia positivista, construção ideológica que tem negado a história e a subversividade do sujeito, expressões de sua produção cultural. Portanto, a proposta metodológica desta pesquisa tem o diálogo como estratégia central de sua elaboração:

A trama de diálogos no curso da pesquisa adquire uma organização própria, em que os participantes se convertem em sujeitos ativos que não só respondem às perguntas formuladas pelo pesquisador, mas constroem suas próprias perguntas e reflexões [...] muitas vezes inauguradas ali (González Rey, 2002, pp. 85-86).

A promoção do diálogo se faz caminho metodológico para a superação da epistemologia da resposta, “a qual é, em realidade, uma reprodução, em termos epistemológicos, do princípio estímulo-resposta dominante durante toda a primeira metade do século XX na construção do pensamento psicológico” (González Rey, 2005b, p. 14). Importa a construção de uma epistemologia da pergunta, comprometida com a produção do sujeito - “o complexo tecido informacional que este produz por diferentes caminhos” (González Rey, 2005b, p. 15), na busca democrática de sua expressividade criadora, subversiva.

Nesta pesquisa, procuramos contemplar o que os sujeitos sentem, pensam e questionam (González Rey, 2004, p. 174), em suas experiências concretas, no contexto do grupo Diálogo, considerando suas relações e formas de comunicações possíveis, intersubjetivas e sócio-institucionais.

Esta pesquisa é consequência de sua ênfase na construção teórica e de sistemas conversacionais, visto que o empírico precisa ser construído teoricamente e depende da mediação dos sujeitos envolvidos. O diálogo, então, aparece como operacionalizador não apenas da tessitura subjetiva na pesquisa, mas de seus elementos práticos como recursos e instrumentos.

A pesquisa teve seu início a partir do primeiro momento de sua construção teórica local - a problematização do Diálogo no Caps Casa Verde, na busca de iluminar as preocupações relativas à compreensão de sua produção subjetiva, seu diferencial político-pedagógico de grupo e sua possibilidade de acolhimento psicológico; sua condição de processo clínico social.

Nesta linha de pensamento, afirma González Rey:

O processo de construção da informação é regido por um modelo que representa uma síntese teórica em processo permanente a ser desenvolvida pelo pesquisador em sua trajetória pelo momento empírico. Tal síntese teórica está envolvida sempre com representações teóricas, valores e intuições do pesquisador, mas também está aberta ao momento empírico de seu trabalho, assim como às novas idéias que aparecem nesse momento, algumas das quais podem ser totalmente inéditas. (2005b, p. 116).

Na pesquisa qualitativa orientada pela epistemologia qualitativa, o problema pode ser construído em forma de problematização:

Contrariamente ao que se tem enfatizado historicamente na literatura sobre o tema, a formulação do problema da pesquisa não é um momento formal, senão o desenvolvimento progressivo de uma representação que não será, nem deverá ser perfeita, e que vai orientar o processo de organização inicial da pesquisa, o qual será suscetível de modificação no curso do pensamento (González Rey, 2005b, p. 87).

Partindo das considerações sobre o Diálogo, já tendo iniciado as bases teóricas de nosso conceito de escuta psicológica enquanto diálogo/escuta, considerando-o como um sistema crítico e conversacional, que já tentávamos desenvolver quando de nossas realizações profissionais e nos momentos de facilitação do Diálogo, buscamos nosso caminho metodológico.

IV. A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA

i. A construção do cenário

A pesquisa teve início com a construção do cenário, que “é o contexto que se produz para implicar aos participantes” (González Rey, 2009, p. 177), processo que nos foi favorecido, pois já assumíamos a condição de facilitador do grupo Diálogo na instituição Caps Casa Verde, tomando, portanto, este campo como objeto de nossa pesquisa. Neste sentido, estabelecemos seis sessões grupais como objeto de investigação, auxiliados por uma co-facilitadora que já trabalhava conosco antes de nosso ingresso no mestrado. Discutimos com a direção da instituição o desejo de eleger o trabalho que já vínhamos realizando como campo de pesquisa, o que foi estimulado e aceito pela instituição através da assinatura da Carta de Aceite. Esta autorização nos permitiu anunciar ao grupo a realização da pesquisa, os objetivos desta, a responsabilidade dos participantes e seus direitos junto à apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), além da solicitação de permissão para a gravação dos grupos. O trabalho de pesquisa com os grupos e a entrevista com a co-facilitadora foi realizado no período de abril a outubro de 2011.

ii. A escolha dos participantes

Os sujeitos da pesquisa, escolhidos intencionalmente, constituíram a totalidade dos sujeitos que participaram do grupo Diálogo, enquanto campo de pesquisa – usuários, estagiários, visitantes e funcionários do Caps Casa Verde. Os critérios de inclusão para a participação nos grupos foram, portanto, ser uma das representações citadas, estar presente no horário do grupo e ter desejo de participar do mesmo.

A média de participantes por encontro grupal se deu em torno de 20 pessoas, de ambos os sexos, com variados diagnósticos e idades, embora todos adultos. Buscou-se para a composição do grupo a presença de usuários e membros da equipe, além da participação do facilitador e co-facilitador. Ao longo dos encontros grupais, procurou-se acompanhar os conteúdos que emergissem da fala de seus participantes.

iii. Os recursos construídos

A metodologia percorreu sistemas conversacionais construídos através de dois instrumentos: a modalidade grupal de prática interventiva denominada Diálogo e entrevista aberta de avaliação desta modalidade junto à co-facilitadora. Também foi produzido um diário de campo objetivando o registro de aspectos e fenômenos não contemplados nos grupos e relacionados ao trabalho desenvolvido.

iv. Procedimento de coleta de dados

Foram realizadas seis sessões do Diálogo, ocorridas nos dias 13 e 20 de abril; 04, 11, 18 e 25 de maio, todas em 2011. Cada encontro teve a duração de uma hora, aproximadamente, transcorrendo entre 10h30 e 11h30, nas manhãs de quarta feira, no Caps Casa Verde. Os temas discutidos estavam relacionados às necessidades, motivações e interesses do próprio grupo participante, não havendo, a priori, temáticas delimitadas. Entretanto, como forma de facilitar o diálogo no grupo, a cada encontro era realizada a apresentação dos princípios e normas do trabalho grupal (anexo B) aos participantes. As sessões foram gravadas e literalizadas, compondo textos a partir dos quais transcorreu o processo de interpretação hermenêutica do Diálogo, momento em que foram construídos os núcleos de sentido das conversas e discussões grupais.

Realizamos, ainda, uma entrevista aberta para avaliação dos encontros grupais do Diálogo, também gravada e literalizada. Para tanto, trabalhamos a partir da seguinte pergunta disparadora: “Você que participou de nossos encontros grupais, qual a avaliação que você faz deste processo?”. Os núcleos de sentido da entrevista foram construídos conforme o mesmo procedimento realizado para os encontros do Diálogo.

Segundo Minayo e Gomes (2010, p. 64) a entrevista aberta permite que o participante da pesquisa fale livremente sobre o tema apresentado, ainda que ao investigador coubesse algum direcionamento para aprofundamento das questões em elaboração.

Ao longo de todo o processo de pesquisa estivemos atentos aos movimentos e dinâmicas institucionais e grupais, devidamente registradas em um diário de campo.

v. Processo de compreensão do material

Na pesquisa orientada pela epistemologia qualitativa “o instrumento é usado apenas como um indutor de informação, como uma via idônea para estimular e enriquecer as oportunidades de expressão dos sujeitos estudados” (González Rey, 2009, p. 178). Não há uma relação isomórfica entre um instrumento e sua possível produção de sentido, “nenhum instrumento é específico em relação ao que se pretende estudar” (p. 178). Com relação à produção de sentido construída pelos instrumentos afirma, ainda, o autor: “o sentido é uma expressão do sujeito e seu significado aparece através das relações entre o que o sujeito expressa num instrumento e todas as outras fontes de informação organizadas no curso da pesquisa” (p. 179).

Também utilizamos as contribuições deste autor (2002, 2005b) no que se refere à análise da subjetividade como objeto da pesquisa psicológica. Segundo ele, “não está nas aparências do material empírico o objeto do pesquisador, mas nas diversas formas de organização não acessíveis da aparência, sendo, no nosso caso, a organização subjetiva presente em todo tipo de comportamento ou expressão humana” (González Rey, 2005b, p. 117). Portanto, a produção do conhecimento, nesta pesquisa, exigiu a produção de indicadores para a análise crítica das expressões e contradições de seu objeto, em suas relações internas e sócio-institucionais, e para a análise das possibilidades e dos caminhos concretos de sua aplicabilidade em outros espaços sociais.

Com base na literalização do material gravado, dos encontros grupais e da entrevista de avaliação do processo, realizamos a interpretação hermenêutica de seus conteúdos, o que nos exigiu a construção dos núcleos de sentido (sinalizados pela cor azul-claro), na medida em que não podemos dissociar os núcleos de sentido da interpretação hermenêutica. Apresentamos uma síntese dos núcleos de sentidos mais relevantes ao longo de todo o processo grupal (sinalizada pela cor azul-escuro), pretendendo, com isto, apresentar ao leitor a potencialidade comunicativo-elaborativa dos grupos de Diálogo.

Finalmente, no diário de campo (anexo A) procuramos, de forma espontânea, observar a dinâmica institucional, o caráter de suas relações e outros aspectos não contemplados nos encontros do Diálogo. Neste sentido, ressalta Minayo e Gomes (2010, pp. 70-71) que o diário de campo é o principal instrumento da observação participante: “processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma

situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica”. As observações produzidas pelo diário de campo (sinalizadas pela cor verde-oliva) foram explicitadas com a pretensão de melhor configurar o campo institucional em que a pesquisa se realizou.

V. A COMPREENSÃO DOS DADOS OBTIDOS

Para a compreensão dos dados obtidos adotamos a perspectiva proposta por Gadamer, buscando a interpretação hermenêutica dos conteúdos que emergiram e a construção dos núcleos de sentidos relacionados a eles.

A hermenêutica, inicialmente considerada interpretação dos textos filosóficos ou religiosos (Lalande, 1999), adquiriu com Schleiermacher e Dilthey uma abrangência cada vez mais geral, uma vez que está relacionada à interpretação daquilo que é simbólico (Rohden, 2002). Gadamer (2008) dá um passo adiante ao colocar a hermenêutica no jogo vivo da linguagem, ao propor caminhos não só no sentido da palavra ao conceito, mas igualmente de volta, do conceito à palavra. Importância reconhecida desde os antigos gregos que acreditavam estar sempre presentes no diálogo um terceiro: a linguagem. A partir da concepção de linguagem em Heidegger, como morada do ser, e influenciado pela Fenomenologia do Espírito de Hegel e da concepção de jogos de linguagem de Wittgenstein, vai propor que na conversação, havendo autenticidade e abertura à experiência, haverá a fusão de horizontes dos dialogantes (Rohden, 2002). Modo revolucionário que quebra com a hegemonia unilateral da ciência moderna, possibilitando outro alcance da verdade.

Isto posto, trabalharemos, num primeiro momento, com a análise dos conteúdos que emergiram nos grupos e, posteriormente, com as falas relacionadas à entrevista de avaliação do trabalho grupal. Apresentaremos, ainda, as interpretações hermenêuticas realizadas a partir das observações do diário de campo, ressaltando os eixos institucional e do próprio Diálogo como relevantes nesta compreensão.

1. Núcleos de sentido construídos a partir da interpretação hermenêutica dos conteúdos dos grupos

➤ As Sessões do Diálogo

13.04.2011.

1. Os participantes vão se expressando na medida de suas necessidades, inquietações e possibilidades. No grupo, inicialmente, vão surgindo idéias e conceitos que seguem linhas paralelas de narrativas e discussão, os quais se apresentam como um auto-relato de uma depressão, acompanhado de uma proposta de discussão sobre tal tema como necessidade do próprio sujeito sofredor situar-se frente a si mesmo, denotando a exposição de um sofrimento subjetivo e, simultaneamente, demandando um clareamento pedagogicamente organizado, provavelmente denunciando a ausência de um espaço de educação em saúde na instituição. Um segundo usuário dá início a uma discussão paralela sobre um ato genocida numa escola do Rio e sua relação com a extinção dos manicômios, na perspectiva de justificá-los como forma eficiente de controle social. A confluência de temas como violência, extinção de manicômios e depressão, também é alinhavada pela própria usuária que solicitou a conversa sobre depressão, se dando da seguinte forma: *“Eu acho que quando a gente está em desalento... Muitas famílias muitas vezes nem se quer ouviram falar sobre depressão. No meu caso mesmo... Você não quer sair da cama... Em depressão... E a família começa a criticar a pessoa, que não tem motivação. Se nesse caso for excluir o manicômio, acho que a tendência é piorar... Por que, se não tem informação adequada agora, aí vai se excluir os manicômios”*. No grupo, a expressão de necessidades, inquietações e possibilidades relativas ao sofrimento subjetivo individual e social parece facilitar a busca do aprender a situar-se frente a si mesmo e ao mundo, e poder legitimar no participante do Diálogo a expectativa de estar contribuindo para a construção social. A denúncia da ausência de espaço de educação em saúde na instituição, como causa de sofrimento psíquico, é sentida como contribuição aparente para reforçar um novo posicionamento institucional sobre esta questão.

2. Num momento posterior, a discussão segue na perspectiva de ultrapassar a relação entre violência e transtorno mental, configurando o sentido e o significado da violência em outros contextos, bem como modos de enfrentamentos pessoais e sociais, como no seguinte argumento construído por um terceiro participante usuário: *“Eu acho que é isso, mesmo pessoas que não tenham transtorno ainda têm capacidade de cometer algum crime. Não é julgando, esse negócio de isolar... Tem que haver mesmo é um desarmamento”*. Visões de homem, de sociedade, de instituição e de psicologia vão

se desenhando, mesmo que fragmentariamente e de forma irregular, relacionadas à discussão sobre o controle social, tratamento e compreensão dos processos patológicos na área da saúde mental. *Na medida em que o social emerge, implicitamente como violento, a violência política e econômica com seu corte de classe e a violência ambiental passam a servir como elementos para contextualizar o desamparo e a fragilidade humana nos dias de hoje. Desta forma, a possibilidade da construção dialógica do sentido subjetivo da violência, ainda que fragmentada e irregular, parece alcançar uma incipiente apreensão de sua plurideterminação social.*

3. No desenvolvimento construtivo da discussão os vários atores presentes são convidados a expressar suas idéias e conhecimentos. Como a construção discursiva tem uma relação com os saberes e experiências dos participantes no grupo, a expressão do conhecimento formal tem status equivalente ao conhecimento informal. Com isto é apresentada uma trama complexa de elementos constitutivos do sentido subjetivo da violência pessoal e social, objetivamente referidos, contribuindo para a explicitação, pelo facilitador, da necessidade de uma compreensão sistêmica da organização social e institucional, e do sujeito como constituído e constituinte destas esferas sociais: “Mas eu sei que o que está posto na discussão e *o grupo é muito rico para explicitar essas questões é que percebemos que nossos problemas não são problemas que a gente possa enfrentar de forma isolada, são problemas que estão dentro de uma complexa construção social. Então, se falou do desrespeito ao outros, se lembrou de Ministério Público, se falou de políticas, e da importância de saber votar pra poder diminuir a questão da violência. É um sistema, nós estamos dentro de um sistema. Toda vez que a gente tem que fazer alguma coisa efetiva, a gente tem que pensar nessa direção, ainda que, individualmente, eu possa fazer alguma coisa. Mas socialmente, só se torna efetivo, na medida em que eu entendo isso de uma forma sistêmica e que eu posso contribuir pra essa modificação sistêmica do social. Tá claro isso?*”. *A possibilidade da co-participação dos distintos e múltiplos atores sociais presentes no grupo, com suas representações, conhecimentos e/ou saberes de experiência feitos parece contribuir para a relativização do status do conhecimento formal frente ao informal e para a apresentação de uma trama complexa de elementos constitutivos do sentido subjetivo dos fenômenos pessoais e sociais; neste sentido, contribuí, também, para o acolhimento da expressividade intelectual.*

20.04.2011.

1. O grupo, após sua apresentação aos estagiários novos de medicina, tem início com uma fala de uma usuária com diagnóstico de esquizofrenia, acompanhada de outras que refletem a relação entre sofrimentos psíquicos e medicação. *Nestes momentos percebemos com maior agudez a necessidade da atenção acolhedora e dirigida a expressões individuais, mesmo delirantes, como modo de compreender o vivido sempre como apresentação e representação de um sujeito histórico-cultural, não redutível a uma descrição semiológica.*

2. *Quando essas falas passam a ser acompanhadas de evocações a Deus e a temas religiosos, provavelmente refletem formas de busca de suporte para amenizar a dor.* É o que acontece no momento em que um usuário introduz uma temática religiosa sobre o enfrentamento do sofrimento com um sentido de fé enquanto resignação e obediência, aspecto logo problematizado pelo grupo por conta de seu caráter democrático, multicultural. O usuário, insatisfeito e ansioso com o rumo da discussão em direção a um sentido religioso menos rígido e mais questionador, introduz com sutileza e viés conservador o tema do pecado, a espera da aceitação de sua perspectiva de pensamento. Entretanto, afirmando sua diferença, o grupo continua trazendo outros questionamentos acerca de Deus e da religião, inclusive, exemplos de que embora a fé seja imprescindível ao viver, por si ela não basta, precisando haver esforços para que as soluções possam ser encontradas. Tal raciocínio exige do grupo um trabalho de contextualização da prática religiosa a fim de poder contra argumentar frente ao discurso de tonalidade fundamentalista desenvolvido pelo usuário. *No Diálogo, por seu caráter contraditório no exercício de afirmação da diferença e da alteridade, relacionado à sua possibilidade de ser momento de problematização, a discussão acerca da prática religiosa parece tender a não se restringir a compreensões fundamentalistas deste fenômeno.*

3. Outro aspecto trabalhado foi a reflexão sobre a interferência causada no Diálogo a partir da criação de uma oficina de produção de sopa, quase no mesmo horário do grupo. *A defesa do caráter político-democrático de livre expressão dos sujeitos*

participantes no grupo se constrói dialogicamente, parecendo poder interferir no arranjo das práticas institucionais.

4. Pela necessidade de alguns participantes, o grupo se pôs a escutar algumas narrativas sobre problemas pessoais, procurando dar alguns retornos. *A escuta foi construída na medida de suas possibilidades terapêuticas: narrativas e discursivas, mas tendo em consideração que não há tempo e disponibilidade para um mergulho emocional e cognitivo muito profundo e demorado nos conflitos pessoais, como na psicoterapia.*

5. Próximo ao final do grupo, por ter sido desenvolvido em seu percurso a discussão sobre religiosidade, a convite de uma usuária, os dois estagiários de medicina expuseram suas compreensões sobre este fenômeno. *Momento extremamente rico para a desconstrução de estereótipos de papéis sociais e para a recursiva construção do sujeito social, elementos facilitadores para a compreensão de uma clínica social.*

6. Como fechamento da discussão, o facilitador aproveitou para sinalizar a ausência, na maioria das compreensões expostas, de uma visão da religião enquanto construção coletiva no mundo concreto. *Percebe-se assim o grupo pela sua variedade e especificidade de temas, como um termômetro cultural, sócio-institucional das visões de mundo, na medida de suas possibilidades de apreensão multicultural destas dimensões da realidade.*

04.05.2011.

1. Esta sessão de grupo teve início com um momento informativo sobre questões jurídicas - previdenciárias e trabalhistas - demandadas espontaneamente por alguns usuários ao ex-procurador do Estado e atual estudante de psicologia que, juntamente com uma arte-terapeuta, também estudante de psicologia da Fits (Faculdades Integradas Tiradentes), participou na condição de visitante. *A importância da abertura a momentos informativos no grupo decorre da necessidade subjetiva do participante e da condição dialógica do clima grupal. A presença de múltiplas representações sociais no grupo pode anunciar motivos, necessidades e interesses ainda desconhecidos, por parte de*

seus participantes, além de possibilitar o trabalho com novas informações e conhecimentos.

2. Quando a co-facilitadora percebeu que a motivação para a sucessão de solicitações informativas começou a se esvaír, estimulou a contribuição, para o desenvolvimento da discussão grupal, de um usuário que ainda não havia se pronunciado e com potencial intelectual e motivacional para propor um novo assunto, possivelmente abrindo possibilidades para o aparecimento de novos conteúdos. Neste momento, deslocando o eixo da discussão, este anuncia um novo fato apresentado recentemente na mídia televisiva sobre a questão Osama bin Laden, fato que parece estar lhe mobilizando intensamente, o que se expressa em sua motivada apresentação do tema. *O estímulo à contribuição do sujeito como abertura as suas necessidades subjetivas, na construção do clima dialógico, parece facilitar a própria construção subjetiva daquele, sua possibilidade de contribuir para a discussão e, neste sentido, potencializa sua capacidade de protagonizar uma modificação ou mudança do eixo temático em desenvolvimento.*

3. O grupo enquanto totalidade, por sua natureza democrática, procurou dar um tratamento dialético à discussão, buscando contextualizar e historicizar o personagem em questão, apesar da participação de duas usuárias evangélicas que expressaram uma opinião de caráter conclusivo e inteiramente negativo em relação a este personagem da história internacional recente. *O desenvolvimento dialético-dialógico do grupo, como possibilidade que lhe é intrínseca, lhe impediu a eleição de universais invariantes em suas análises e, em consequência, a dogmatização na discussão como possibilidade de síntetização.* O que se expressa no seguinte depoimento da arte-educadora, que dá início a um momento de síntese das questões desenvolvidas a partir do personagem proposto: “Os Estados Unidos se coloca como defensor da humanidade (...). E o que percebi de tudo que vocês falaram é que aprendi muito agora. O que está acontecendo aqui é que não existe só um ponto de vista. Nem só um tá certo, nem só um tá errado, nem só um é o herói, nem só um é o vilão. Na verdade isso acontece com a gente também. Nem sempre a gente é só o bom, só o certo, a gente também erra e o outro também. Essa dualidade tanto política, quanto individual é um reflexo mesmo da vida. Tem que ter mesmo esse cuidado (...)”. Esta compreensão foi compartilhada pelo ex-procurador do estado e outras questões referentes aos Estados Unidos e ao terrorismo foram abordadas.

4. *A ação de algum participante pode modificar ou anunciar um eixo temático, quando um novo assunto traz um sentido pragmático, portador de alguma densidade existencial para o grupo, assim como aconteceu quando uma nova e inesperada discussão sobre casamentos consangüíneos mobilizou o grupo a partir da tomada da palavra por uma usuária com diagnóstico de bipolaridade.*

5. *Posteriormente, o diálogo surgiu do conflito psicológico e pessoal sobre o trauma de ter sido roubada por um companheiro, vivido por outra usuária que, corriqueiramente, desenvolve um sentido muito pessoalizado nas discussões de que participa ou propõe, sempre girando em torno de suas próprias questões individuais, denotando grande dificuldade intelectual e de *insight*, mas quase sempre se esforçando por participar e ser ouvida no grupo. O conflito trazido pela usuária, embora pessoal, parece mobilizar novamente todo o grupo, na medida em que as tramas existenciais colocadas por cada um, de algum modo, diz respeito e afeta a todos. Trata-se de um grupo que desenvolve um sentido de acolhimento psicológico, o qual se pode explicitar conforme as inúmeras formas de expressão em que emerge o conflito psicológico. Neste sentido, o Diálogo parece possibilitar abertura para o acolhimento do sujeito que denota grande dificuldade intelectual e de *insight*, permitindo que aqueles usuários com maiores dificuldades encontrem, no grupo, acolhimento e reconhecimento.*

6. *Por fim, nos minutos finais da sessão grupal, apresentou-se uma discussão sobre a necessidade e possibilidades que tem o usuário para estudar, momento que serviu de mote informativo sobre uma atividade pedagógica que está acontecendo na instituição, uma sala de estudo para semi-alfabetizados (o que corresponde a uma parcela dos usuários), trânsito para desenvolvimentos educativos posteriores fora do Caps. Conteúdos em discussão no grupo podem remeter às atividades na instituição. A discussão no grupo, sobre a necessidade e possibilidade dos estudos para o usuário, constituiu-se como momento esclarecedor do interesse e motivação de alguns participantes pela continuidade de seus estudos.*

7. *A abrangência dos temas tratados no grupo enquanto reflexões ou informações, envolvendo questões sociais, institucionais e pessoais foi sintetizada na fala final da visitante: “Para mim foi uma grande oportunidade (...) de aprender tantas coisas, de*

refletir sobre tantas questões. Essa questão do grupo de compartilhar... Pelo que percebi, aqui é um momento de compartilhar a vida. A gente compartilhou a nossa, vocês compartilharam a de vocês. O que aprendeu, o que pensou, o que viu na televisão, o que viveu na semana... É realmente muito interessante... Dá vontade de voltar na outra quarta, se vocês convidarem...". Esta fala, de alguma forma revela que a proposta do grupo como diálogo e elaboração do vivido parece surtir seus efeitos; o grupo enquanto possibilidade de compartilhar o vivido parece não só dá sentido a este, como também parece propiciar suporte para que essas vivências possam ser percebidas como humanas, na medida em que podem ser comunicadas e compartilhadas. Neste sentido, o fechamento da sessão grupal acompanhado da realimentação dos atores não usuários parece ser importante elemento de estímulo ao clima dialógico do Diálogo.

11.05.2011.

1. As interrupções da comunicação em desenvolvimento no grupo, por uma usuária com diagnóstico de bipolaridade, em fase de mania, desde os primeiros momentos da sessão, poderia ter suscitado impaciência, intolerância, gracejo, pirraça. No entanto, o grupo mais uma vez acolheu essas interrupções, reiterando na prática seu espaço de acolhimento. *A inclusão e o respeito no grupo, referentes a usuários que estão com dificuldade de se comportar de forma a não prejudicar as discussões, é algo que percebemos constituir parte de sua natureza educativa, no sentido de aprendermos a conviver com a diversidade de uma maneira que possamos nos aproximar de situações possíveis de acontecer socialmente.*

2. Ainda nos primeiros minutos da sessão, uma usuária que na maior parte do tempo se mostra calada e observante, se posiciona ativamente frente à temática de sua depressão, relatando alguns sintomas vivenciados nos últimos dias e, subitamente, anuncia a finalização de sua fala. *Esta usuária parece desejar compartilhar com o grupo o seu sofrimento; mas é possível, também, que sua atitude tenha sido uma forma de legitimar, para o coletivo grupal, sua presença neste espaço e no espaço da instituição. Trata-se de uma usuária com um padrão socioeconômico médio, moradora de um bairro de classe média e isto parece ter relação com sua dificuldade de expor-se*

à discussão no espaço do grupo, provavelmente, por resistência cultural à maioria dos usuários, os quais participam de extratos sociais economicamente inferiores.

3. Eis que se apresenta um tema que mobiliza o diálogo nos participantes por sua emergência, dramaticidade e motivação expressiva por parte de uma usuária: o conflito de uma mãe com seu filho viciado em jogos eletrônicos. O tema é trazido pela própria mãe, uma usuária que, neste momento, desenvolve uma leve aceleração no pensamento. *A problematização segue sinalizadores que vão sendo expressos pela narradora e pelo próprio grupo, que passa a questionar a validade do uso da violência, inclusive a ação de quebrar coisas, mobilizando todo o grupo, na medida em que este é um fato familiar a muitos dos presentes, embora experienciado com sentimento de culpa e desejo de reparação. Questões desta natureza e relativas a outras experiências trazidas pelo grupo parecem, de fato, ser um dos objetivos a serem alcançados pelo diálogo, na medida em que transformam a experiência de alguns em uma experiência coletiva e, portanto, compartilhadora de sentidos, significados e saberes de experiência-feito.*

4. Uma vez concluída a discussão anterior, o assunto sofre um rápido deslocamento com temáticas relativas a necessidades materiais concretas. *Novamente o drama existencial é o que mobiliza as atenções. Trata-se da existência enquanto biografiação, historicização, socialização. O acolhimento então se pauta na comunicação solidária, afetiva dos participantes (usuários, profissionais e estudantes).*

5. Após um momento informativo no grupo, irrompe a fala de uma usuária que nos traz a possibilidade de algum nível de problematização de seus conflitos familiares, tendo a figura do filho, neste momento, como centro de suas inquietações. *Neste caso, como na primeira situação existencial trabalhada no grupo, levando em consideração um de seus fundamentos, que é o exercício de acolhimento psicológico, e devido ao perfil de seus participantes, a problematização (que é a essência do diálogo) se constrói alimentada por vivências e saberes de experiência feitos.*

6. Por alguns minutos e por conta da dificuldade de concentração nas discussões, por parte de uma usuária, a co-facilitadora desenvolveu alguns questionamentos referentes à conduta e interesse de participação daquela. *Este momento de interrupções*

repetidas da discussão por parte da usuária constituiu-se como motivo educativo para uma reflexão conjunta sobre a postura de compartilhamento do clima grupal.

7. Por fim, passamos a palavra para a visitante e para os estagiários como forma de encerramento das discussões, *instante em que a psicóloga procura definir o Diálogo como um grupo com uma inclinação psicoterápica que mantém abertura para outras possibilidades de desenvolvimento, além de funcionar de forma diferenciada quanto ao trânsito dos participantes entre o espaço interno e externo ao grupo.*

18.05.2011.

1. Para apresentação do grupo ao novo estagiário solicitamos a colaboração dos usuários. Participaram espontaneamente conosco uma usuária que, via de regra, apresenta uma expressão pueril, com diagnóstico de esquizofrenia, e outro usuário que costuma freqüentar o grupo mesmo não estando mais em tratamento na instituição. *O convite parece ter estimulado a expressividade desses usuários, contribuindo para o sentimento de pertença no grupo.*

2. A apresentação do novo estagiário presente (dois já haviam participado da sessão grupal anterior) gerou a oportunidade de esclarecimento informativo sobre o termo “neurologista”, desconhecido para alguns dos presentes. *Mas por conta da peculiaridade deste grupo, de não trabalhar sob uma pauta pré-concebida, dando vez à expressão espontânea e ao diálogo afetuoso, um mero termo poderia ter suscitado desdobramentos dialógicos mais complexos que apenas um conjunto de atitudes informativas (comunicados) se, por acaso, tivesse mobilizado o grupo ou parte dele emocionalmente, como pode acontecer com qualquer outra questão que se apresente em seu interior.*

3. Demos início a uma conversa sobre a experiência do estágio no complexo Hepr com os estagiários de medicina, tentando uma abordagem propositiva a fim de motivar o grupo que, neste primeiro momento, sofria pelo esvaziamento decorrente da ausência temporária de alguns usuários que tinham ido ao hospital participar de uma palestra sobre resiliência, mas que haveriam de participar do segundo tempo do grupo. Em meio às opiniões e relatos de experiências vão surgindo referências a familiares dos

estagiários com sofrimento psíquico, momento em que parece apresentar-se a necessidade de uma melhor compreensão sobre as possibilidades de tratamento relacionado ao diagnóstico de esquizofrenia. Foi apresentada, como sugestão dada pela co-facilitadora ao estagiário, uma linha de tratamento psicossocial a seu familiar, havendo, por parte do facilitador, um esforço para generalizar a discussão, fazendo referência a outros caminhos sociais possíveis de tratamento, provocando um deslocamento na temática, da esfera pessoal para a social. Este deslocamento poderia ter permitido o envolvimento ativo, na discussão, de outros participantes do grupo com problemas semelhantes, o que parece não ter sido compreendido nem mesmo pela co-facilitadora. *O desenvolvimento do grupo faz pensar que: caso o clima do grupo se apresente pouco dinâmico, pode-se tentar uma abordagem de facilitação mais propositiva, a fim de estimular, de dar subsídios a uma discussão; a organização do grupo parece ser capaz de suportar, sem inviabilizá-la, um fluxo irregular de seus participantes; apesar de os conteúdos relacionados às demandas dos usuários terem prioridade no grupo, este parece ser capaz de eleger a discussão de temas relacionados mais diretamente a participantes não usuários, na medida em que as demandas referidas não estejam acontecendo e o tema em discussão tenha relação com a perspectiva subjetiva dos usuários; o desenvolvimento do diálogo no grupo requer a assunção da intencionalidade do discurso, para que possa haver clareza argumentativa, ainda que elementos não intencionais constituam parte da riqueza de suas expressões e argumentos.*

4. Chegam da palestra sobre resiliência alguns usuários e um estagiário de medicina. Após a apresentação deste, a pergunta proferida pelo facilitador sobre a experiência do estágio é refeita e dirigida a ele, mas interrompida pela fala de uma usuária que, neste dia, se apresentava logorréica e ansiosa por comentar o tema da palestra assistida. Na condição em que se apresentava a usuária, sua capacidade de concentração, de escuta e argumentação prejudicava, em algum nível, o diálogo. *Ansiedade, delírio, depressão, os transtornos psíquicos de uma forma geral, no grupo, são elementos que dificultam o desenvolvimento do diálogo, mas não o inviabiliza.*

5. De volta à discussão sobre a experiência do estágio de medicina na visão do próprio estagiário, tem continuidade o delineamento de alguns elementos favoráveis e desfavoráveis ao modelo de estágio vigente, sendo que sua condensação temporal e

desorganização, que muito incomoda às relações travadas entre profissionais e estudantes na instituição, parecem interferir profundamente, também, em todos os estagiários presentes. *Neste sentido, percebemos que a possibilidade da discussão - problematização - de temas relativos ao cotidiano institucional é uma condição do Diálogo que parece estimular à participação, até mesmo, dos estagiários.*

6. A palavra é passada aos usuários e surge uma fala repetida em sessão anterior do grupo, relacionada à lembrança de um acontecimento familiar, vinda de uma usuária idosa, com diagnóstico de bipolaridade, em leve estado de mania: *“Já tive alegria. Reuniu a família todinha, toda. Genro da velha, cunhado da gente, sobrinho, tudo... A casa ficou assim... (Junta os dedos e pisca). Pra comemorar a Páscoa”*. Este momento suscita uma atitude aparentemente bem humorada, mas sutilmente impaciente por parte dos facilitadores, acabando por frustrar a narradora, que acaba optando por se calar temporariamente. *Há momentos em que pode faltar aos próprios facilitadores tranqüilidade necessária para a costura entre as situações e atitudes que se apresentam no interior do Diálogo, até mesmo pela complexidade da dinâmica que nele pode se estabelecer, envolvendo expectativas conscientes e inconscientes não comprometidas com o desenvolvimento do diálogo grupal.*

7. Em seguida se apresenta a possibilidade de uma discussão interessante sobre as contradições do planejamento da copa do mundo no Brasil, o que não foi desenvolvido devido à interrupção de uma usuária portadora de um leve déficit cognitivo, que expressou a necessidade de compartilhar uma reflexão sobre sua capacidade de estudar informática, o que sensibilizou o grupo. Em meio a informações estimuladoras dirigidas a usuária, a co-facilitadora promove a discussão sobre a questão apresentada provocando a participação dos outros usuários, construindo, desta forma, uma análise dialógica da questão. *A temática envolvendo estudos parece ter estimulado outros usuários para refletir sobre suas dificuldades nessa área, bem como possibilita a expressão de projetos de vida e esperanças de crescimento pessoal e intelectual.* A não linearidade dos enunciados no diálogo acabou por entremear, nesta discussão, um informe sobre a atividade de uma escolinha no interior da instituição, atrelado à queixa, realizada por uma participante, quanto à quebra do direito de participação nesta atividade por decisão de uma funcionária; uma digressão sobre o direito de participação nas atividades e a condição coletiva das decisões no interior da instituição quanto aos

projetos terapêuticos singulares; além de depoimentos complementares sobre as dificuldades nos estudos. *Neste momento, o diálogo elabora-se a partir da complexidade de elementos de sentido e dinâmico-emocionais provenientes de diversos cenários individuais, institucionais e sociais em que se dão as experiências dos sujeitos em relação.*

8. Volta-se ao tema da resiliência, pela necessidade de protagonismo e reconhecimento da usuária em estado leve de mania e logorréia, o que mais uma vez motivou o grupo no sentido de refletirem sobre sua própria capacidade de resiliência frente às inúmeras dificuldades que vivenciam. *O Diálogo, então, se desenvolve como processo educativo estimulador da auto-reflexão por seu caráter de produção subjetiva de conhecimento.*

9. Ao final da sessão, a usuária anteriormente citada registra a condição potencial que tem a presença dos estagiários para o enriquecimento das discussões, possivelmente denotando apreço pela participação dos diversos atores sociais que o grupo comporta. *O compartilhar experiências é avaliado como fundamental para a percepção da realidade, bem como parece proporcionar um importante suporte para o enfrentamento das dificuldades, o que reitera o caráter comunicativo e elaborativo do grupo. Neste sentido, a presença dos estagiários parece ser contributo à riqueza das discussões e possibilidade de construção de laços afetivos.*

25.05.2011.

1. Após o momento inicial de apresentação, uma usuária desenvolve uma auto-análise referente à sua necessidade de devolver o dinheiro alheio, a partir de um fato que lhe ocorreu num coletivo urbano. *Trata-se de uma usuária ainda em leve logorréia, estado que tem atravessado algumas de suas participações no grupo e que, juntamente com sua expressão professoral, característica de si possivelmente enfatizada por sua orientação religiosa, tem incomodado alguns participantes, até por seu destacado tempo de fala no grupo. Com base nestes elementos, buscando não facilitar estímulo excessivo a sua fala, dificultando sua orientação centralizadora da discussão, evitamos, neste momento, mergulhar numa análise da questão trazida pela usuária.*

2. Segue a anúncio, por uma usuária, do falecimento do sobrinho drogadicto, com um breve relato do sofrimento e dos acontecimentos que a mesma vivenciou. Momento logo seguido por uma informação prestada pela co-facilitadora, sobre a possibilidade de participação da usuária citada e de outra participante do grupo na escolinha do Caps. *O corte sobre o momento de exposição de sofrimento, realizado pela co-facilitadora e denunciado pela usuária em estado de logorréia, sugere nossa dificuldade clínica e social de contato com a dor excessiva causada pelos crimes relacionados ao tráfico de drogas, realidade sem controle social que nos atinge a todos, direta ou indiretamente; mas, possivelmente, está intencionalmente relacionado com a expectativa do momento em que será feito um convite muito especial e delicado a uma usuária com dificuldade de aceitação de sua gravidez, referente a uma confraternização, no grupo, pelo nascimento de sua criança; elementos que, nesta sessão grupal, tendem a configurar uma emocionalidade que enalteça o sentido familiar da vida social, ocultando os elementos obscuros desta.*

3. Surge uma queixa relacionada a uma tristeza existencial vivenciada por uma usuária com dificuldade em seus relacionamentos afetivos, na família e com seus reais ou pretensos parceiros. *Trata-se de alguém que, como já sinalizamos em outras sessões grupais, apesar de sofrer algum déficit cognitivo, trás a possibilidade, no grupo, de algum nível de diálogo sobre suas questões pessoais, necessitando de um acolhimento psicoterápico, possivelmente individual em seu início, devido a sua demanda e dificuldade de diálogo/escuta psicológico. Alguém que trás uma importante contribuição para o grupo, pela exposição de sua singularidade, mas que não conseguimos responder à altura de sua demanda, relacionada a seus conflitos pessoais, pelos motivos anteriormente colocados, pela condição geral da pluralidade de motivos geradores das discussões no interior do grupo e por razão da preparação da confraternização citada. Neste sentido, percebemos que, no Diálogo, o acolhimento psicológico ao sujeito tende a transcender intermitentemente o cenário individual.*

4. Durante a fala da usuária anterior, adentra no grupo outra usuária com diagnóstico de transtorno de personalidade que, intencionalmente e repetidamente, busca prejudicar o andamento do grupo, situação que demandou do facilitador uma atitude explícita de exigência de respeito à situação grupal. Esta usuária é uma das mais

difíceis de relacionamento na instituição, bastante arisca e por vezes impertinente, mas que nunca tinha criado tamanha dificuldade para o trabalho no Diálogo. Recentemente quis sair da instituição com o argumento de estar sentido desrespeito de alguns profissionais. *Aparentemente estava a destilar sua revolta com as relações institucionais, no espaço do grupo, enquanto momento de acolhimento psicológico e político do sujeito usuário. Mais uma vez, por razões de tempo e da expectativa emocional da sessão, e por imaturidade clínica, possivelmente, perdemos a oportunidade de problematizar a situação em exposição.*

5. A oportunidade de comemorar o futuro nascimento do bebê de uma das participantes, a qual se encontra com dificuldades de relação e com humor deprimido, rejeitando sua gravidez, mobilizou um tempo da sessão grupal. Conseguiu-se marcar a comemoração com a anuência da maioria e pela concordância da usuária em questão. *A motivação para esta comemoração no grupo aconteceu por conta do vínculo da usuária com o facilitador, seu técnico de referência, da relação de familiaridade da usuária com o espaço do grupo e por este comportar a possibilidade da construção coletiva prévia de um ponto de pauta. Nesta oportunidade, percebemos claramente a possibilidade que tem o Diálogo de organizar democraticamente momentos afetivos de conversa, o que, neste caso, se apresenta como uma confraternização produzida coletivamente.*

6. Uma avaliação sobre o dia-a-dia na instituição, feito pelo facilitador, delineia o penúltimo momento do grupo. *Trata-se de uma oportunidade política de avaliação das atividades institucionais de forma co-participada - junto com o usuário -, enaltecendo o sujeito social na pessoa de cada participante. Percebe-se, por parte de todos os participantes, inclusive dos facilitadores, certa fragilidade de posicionamento na direção proposta, evidenciada pela ausência de uma discussão mais aprofundada da questão, que articule diversos atores e atividades institucionais. Dificuldade, inclusive, institucional. Neste momento, ainda não foram construídos espaços abertos de avaliação junto com o usuário na e sobre a instituição, que contemplem a totalidade de seus sujeitos implicados; não há assembleias gerais, processos que se refletem na dificuldade para o desenvolvimento co-intencionado sobre avaliação institucional, ou sobre qualquer das atividades desenvolvidas no Caps, inclusive sobre o próprio grupo.*

7. Finalmente, a co-facilitadora pergunta aos estagiários sobre o grupo. Estes confirmam a necessidade da conversa e de várias visões para a construção do grupo como espaço de produção de saúde mental. *Neste sentido, percebemos a compreensão, pelos estagiários de medicina, da condição dialógica deste grupo em seu trabalho com sujeitos sociais, de que saúde mental é uma questão complexa; ainda que tais compreensões tenham se dado de forma apenas incipiente, possivelmente, também, pela brevidade da relação deste estagiário com o grupo.*

2. Síntese dos núcleos de sentido construídos a partir das interpretações dos encontros do Diálogo

Com o intuito de apresentar uma síntese dos núcleos de sentidos que emergiram nos grupos de Diálogo, categorizamos, segundo os aspectos significativos, aqueles relativos à construção temática dos grupos, ao desenvolvimento desses grupos, bem como, os elementos que nos serviram de referência para caracterizá-los.

Aspectos relativos à construção temática no Diálogo

Os temas eleitos parecem apresentar densidade existencial e sentido pragmático para o grupo, processo provavelmente facilitado pelo caráter dialógico-dialético de seu desenvolvimento, se dando de forma co-elaborada, o que parece estimular e legitimar a apreensão dos conteúdos, favorecendo o acolhimento de sujeitos que apresentam grandes dificuldades cognitivas, além de facilitar a expressão de projetos de vida e a expectativas de crescimento pessoal e intelectual. A possibilidade da discussão - problematização - de temas relativos ao cotidiano institucional é uma condição do Diálogo que parece estimular à participação, até mesmo, de estagiários, além de, aparentemente, contribuir para a transformação institucional. O caráter dialógico-dialético de enfrentamento intersubjetivo dos conteúdos apresentados nos encontros grupais parece contribuir para a contextualização e historicização dos mesmos, dificultando a dogmatização ou simplificação de suas compreensões; neste sentido, a não linearidade dos enunciados no Diálogo parece favorecer a apreensão da complexidade de elementos de sentido e dinâmico-emocionais provenientes de diversos

cenários: individuais, institucionais e sociais em que se dão as experiências dos sujeitos em relação. O movimento do grupo de usuários, ao eleger temas não diretamente relacionados às suas necessidades, mas às de outros participantes, ocorreu na medida em que suas demandas, aparentemente, não apresentavam urgência, ainda que qualquer tema discutido mostrasse relação com a perspectiva subjetiva dos usuários.

Aspectos relacionados ao desenvolvimento do Grupo

Os momentos de informação no Diálogo são construídos respeitando-se a motivação, necessidade e interesse dos participantes, como meio de potencializar suas construções subjetivas na promoção de suas identidades e da possibilidade dialógica do clima grupal; neste sentido, o estímulo à contribuição do sujeito como abertura à sua subjetividade parece facilitar a apresentação de novas informações e o desenvolvimento de novos conhecimentos, caracterizando o Diálogo, também, como processo educativo estimulador da auto-reflexão. Expressões desagradáveis no Diálogo podem acontecer, contudo, o clima de afetividade acolhedora parece permitir estas expressividades na base da inclusão e do respeito mútuo. Posicionamentos que atoplem a discussão, por parte de algum participante, podem se transformar num momento educativo de informação ou reflexão conjunta sobre a postura de compartilhamento do grupo. As diferenças vividas por alguns participantes diretamente relacionadas a um padrão sócio-econômico mais elevado em relação à maioria dos usuários parecem desestimular a exposição de conflitos subjetivos daqueles, provavelmente devido ao choque cultural alimentado pelo corte de classe social vivido em nossa sociedade. A problematização do cotidiano construída no Diálogo parece favorecer a construção compartilhada de sentidos e significados subjetivos na construção do conhecimento, na maior parte, alimentado pelos saberes de experiência feitos, que é o nível mais comum de expressão do conhecimento no grupo, devido ao perfil cultural da maioria de seus participantes. Em momentos de pouca motivação ou iniciativa grupal, a atitude propositiva por parte do facilitador estimula a construção do clima dialógico e a expressividade dos participantes, além de contribuir para o sentimento de pertença ao grupo. O desenvolvimento do diálogo, no grupo, requer a assunção da intencionalidade do discurso para que possa haver clareza argumentativa,

ainda que elementos não intencionais constituam parte da riqueza de suas expressões e argumentos. Os transtornos psíquicos, de uma forma geral, são elementos que dificultam o desenvolvimento do diálogo no grupo, mas não o inviabilizam. Há momentos em que pode faltar aos próprios facilitadores tranquilidade necessária para a costura entre as situações e atitudes que se apresentam no interior do Diálogo, até mesmo pela complexidade da dinâmica que nele pode se estabelecer. Por vezes, se faz necessário o cuidado com a administração do tempo de fala do participante, a fim de não oportunizar excessivamente alguns em detrimento de outros. Questões relacionadas ao sofrimento social podem gerar dificuldades de elaboração no grupo, por fatores relacionados à imaturidade clínico-social de sua facilitação. O fechamento da sessão grupal acompanhado do feedback dos atores envolvidos parece ser importante elemento de estímulo ao clima dialógico do Diálogo

Aspectos relacionados à caracterização do Grupo

O Diálogo, com sua qualidade clínica e dialógica de ser espaço de acolhimento psicológico do sujeito em sofrimento e momento político-pedagógico de elaboração de um pensamento sistêmico, trás como possibilidade a compreensão da construção social de manifestações singulares; neste sentido, a expressão das inquietações, necessidades e possibilidades no grupo parece facilitar a construção da identidade e das relações no mundo. O grupo serve de momento de observação e avaliação individual, institucional e social podendo contribuir como instância reflexiva para o desenvolvimento destes três níveis, levando em consideração a condição de suas plurideterminações. Como momento dialógico de participação de múltiplos atores e representações sociais, o grupo parece facilitar a compreensão de que todos podem contribuir para o conhecimento produzido pelos sujeitos participantes e para transformações institucionais democráticas. O caráter problematizador e contraditório do grupo tende a facilitar a compreensão dos conteúdos trabalhados no sentido de evitar simplificações por universais invariantes, na afirmação da complexidade do real; neste sentido, o participante é compreendido em sua condição histórico-cultural, nunca redutível a uma descrição semiológica e a presença dialógica de atores sociais não usuários parece facilitar a desconstrução de estereótipos dos papéis sociais, além de promover a recursiva construção do sujeito social, elementos facilitadores para a

compreensão de uma clínica social. O Diálogo desenvolve inclinação psicólogo-terapêutica que, em certos momentos, pode estar focada nas narrativas e discussões de um caso individual, no entanto, não se desenvolve como psicoterapia. O grupo, pela sua variedade e especificidade de temas, parece ser percebido como um termômetro cultural, sócio-institucional das visões de mundo, na medida de suas possibilidades de apreensão multicultural destas dimensões da realidade; esta configuração de possibilidades parece aproximar as situações no grupo a vivências possíveis de acontecer no meio social mais amplo. No grupo, a existência é tratada como processo de biografiação, historicização, socialização, o que parece facilitar, inclusive, a compreensão dos limites condicionais para a construção do diálogo, os quais se expressam, também, por dificuldade psicopatológica, por questões de caráter ético profissional e interinstitucional levando-nos a pensar que a potencialidade do diálogo, no grupo, depende da potencialidade do diálogo nas relações institucionais e em outros espaços sociais. O Diálogo mantém um trânsito entre sua inclinação psicoterápica e outras possibilidades de desenvolvimento; neste sentido, sua organização parece ser capaz de suportar, sem inviabilizá-lo, um fluxo irregular de seus participantes quanto a seus espaços interno e externo. O compartilhar experiências é avaliado como fundamental para a percepção da realidade, bem como parece proporcionar um importante suporte para o enfrentamento das dificuldades, o que reitera o caráter comunicativo e elaborativo do grupo; neste sentido, o acolhimento psicológico, no Diálogo, tende a transcender intermitentemente o cenário individual e a presença de atores não usuários parece ser contributo à riqueza das discussões e possibilidade de construção de laços afetivos. No Diálogo, é possível a eleição de um ponto de pauta pré-definido, desde que construído coletivamente no decorrer da sessão anterior. A condição da multiplicidade temática no grupo parece favorecer a unidade entre a celebração à vida e o sofrimento. O Diálogo parece favorecer a aprendizagem da avaliação dos processos e da organização institucional, inclusive de seu próprio desenvolvimento enquanto atividade, mas sofre com as possíveis limitações para o diálogo na ação dos atores institucionais.

3. Núcleos de sentido construídos a partir das interpretações hermenêuticas da entrevista com a co-facilitadora dos grupos

1. O Diálogo foi um grupo aberto quanto aos assuntos discutidos, os usuários tinham liberdade de elegê-los. O convite à participação dos atores não usuários era um estímulo à diversidade, ao enriquecimento do diálogo, à contribuição mútua entre usuários e não-usuários. Todos estes elementos serviam para que o usuário percebesse a complexidade de sua realidade, que não era um sujeito isolado do mundo. *Ressalta-se aqui o princípio da diversidade das relações e dos conteúdos construídos no grupo, da democracia e emergência dos temas tratados como estratégia de desenvolvimento de uma compreensão complexa da realidade do usuário, de suas relações institucionais e sociais.*

2. O grupo possibilita, no exercício do diálogo, um “aprendizado na troca...”, uma oportunidade pouco comum ao paciente psiquiátrico, momento para a aprendizagem do situar-se e de produção do sentido de pertença à instituição como um lugar “aberto para outras pessoas...”. *O grupo se constitui como espaço de aprendizagem dialógica de construção de si e do social, colaborando para o sentimento de pertença à instituição e, neste sentido, compensa a carência de espaços político-dialógicos na instituição, possibilitando a confrontação e a explicitação de contradições.*

3. O grupo trouxe a oportunidade da experiência de criação de um ambiente de convivência dialógica, das relações igualitárias. Oportunidade aberta pela participação de pessoas não pertencentes à instituição. A co-facilitadora ressalta que a linguagem do facilitador, apesar de rebuscada, “muito alta (...) coisas da filosofia, vamos supor”, parecia ser elemento de estímulo à auto-estima do usuário, à participação no grupo e de aprendizagem. *O Diálogo se apresenta como experiência de troca dialógica, de criação de um clima de relações horizontais com pessoas da instituição e de fora de seus muros, o que é parte constitutiva de sua relevância e de sua essência. A linguagem intelectual do facilitador, na medida em que expressa e busca contribuir para a complexidade dos desenvolvimentos temáticos pode ser percebida como legítima e se constituir como conteúdo de aprendizagem e como motivo para a auto-estima do usuário, por sua possibilidade de co-participação na construção dessas idéias e argumentos.*

4. A co-facilitadora reflete, com base em exemplos de caso, a importância da relação profissional do facilitador do Diálogo com o participante, para que este se motive à participação neste grupo; comenta sobre o poder do Diálogo de atrair usuários e motivá-los a estar na instituição e, neste sentido, ressalta o respeito que o facilitador tem pelo seu trabalho no grupo e na instituição. O Diálogo trouxe um sentido de possibilidade de construção do respeito mútuo no exercício dialógico das relações,

percepção negada, às vezes, pela própria instituição, no exercício de produção da passividade, da negação do sujeito. O grupo contribui para a produção de uma realidade diferente da realidade violenta em que vive o usuário; contribui, inclusive, para a percepção ou compreensão dos direitos institucionais do usuário. *O Diálogo se constitui como espaço de promoção afetiva das relações, em contraposição a vivências de relações verticalizadas na instituição e nos espaços e grupos sociais, vivências nas quais o sentido de ordenamento pode se configurar como o caráter preponderante. O Diálogo parece afirmar que o direito à fala espontânea e/ou crítica não exclui a obrigação do respeito ao outro, ao sintetizar respeito e confrontação; neste sentido, seu exercício constitui-se de um caráter de subversão a institucionalização das relações. No Diálogo, ainda que o tema dos direitos institucionais dos usuários, como qualquer outro, não seja prerrogativa no desenvolvimento das discussões, pode ser elemento de suas construções dialógicas.*

5. A co-facilitadora comenta que o grupo foi um aprendizado coletivo para todo mundo: “pelo que você [facilitador] colocava, pelo seu respeito, pelo seu estímulo que você trazia de motivação”; neste sentido, ressalta o contato anterior do facilitador com o paciente e a questão da igualdade nesta relação. Volta a falar da linguagem rebuscada do facilitador como algo que, em algum sentido, o usuário era capaz de acompanhar e que isto a surpreendia, porque ainda levava consigo, assim como muitos de seus colegas e estudantes, o preconceito que a fazia tratar o paciente psiquiátrico como alguém sempre incapaz de desenvolver um pensamento complexo. No entanto, o contato com esta produção do pensamento crítico no grupo, a motivou na realização de um grupo de leitura na instituição. *Para o Diálogo, como momento de aprendizado, é fundamental que o facilitador desenvolva condutas e atitudes ético-democráticas, inclusive, nos momentos externos ao grupo, favorecendo relações horizontais entre sujeitos de linguagens diferenciadas. A possibilidade da expressão intelectual no Diálogo parece motivar a realização de outras modalidades de grupo na instituição que objetivem a construção dialógica de conteúdos diversos. O Diálogo parece contribuir para a desconstrução do preconceito relacionado à capacidade de comunicação da pessoa que desenvolve um transtorno psíquico, o qual ainda é uma característica em muitas das relações na instituição.*

6. A co-facilitadora adverte sobre o que considera um equívoco: a segmentação dos pacientes por diagnóstico médico quando do acolhimento psicológico grupal, afirmando ser esta uma perspectiva não humanizante, uma negação da perspectiva do diálogo entre sujeitos sociais, afetivos. *O Diálogo, como modalidade de cuidado psicológico, tem um compromisso com o processo de humanização e, neste sentido, favorece a construção do sujeito de diálogo – político, social e afetivo - o qual não é redutível ao corte psicopatológico. Por esta razão, o Diálogo se contradiz com processos institucionais implicados com uma psicologia dos transtornos.*

4. Observações produzidas pelo diário de campo, consideradas em dois eixos de apreciação

➤ A Instituição

O caráter político das relações que se dão entre profissionais e usuários, profissionais e instituição, e usuários e instituição nos faz perceber tais instâncias relacionais como um sistema, como uma totalidade na instituição, na medida em que as dificuldades apresentadas em alguma destas instâncias parecem refletir e ser reflexo de dificuldades apresentadas nas outras instâncias. Devido à dificuldade de auto-avaliação apresentada pela equipe, processo que tem relação com sua dificuldade de avaliação dos processos de trabalho e de construção de sua história coletiva, concluímos que a equipe tem encontrado dificuldade na construção de sua identidade. Neste sentido, percebemos pouca conscientização por parte do funcionário sobre a construção do trabalho em equipe, o que tem se refletido na fragmentação e isolamento das atividades e na dificuldade de compartilhamento do trabalho com o usuário, no nível da discussão e da prática. O funcionamento institucional ainda carece do desenvolvimento de atividades fundamentais para a perspectiva da ressocialização do usuário e para a promoção do diálogo na instituição, como assembléias, grupos sistemáticos de acolhimento à família, conselho gestor, realização freqüente de visitas domiciliares e uma ampla comunicação interinstitucional para complementação e continuidade dos Projetos Terapêuticos Singulares (PTS's). Neste sentido, a ressocialização do usuário e a promoção do diálogo institucional são processos que mantêm uma relação de mútua recursividade. A prestação do serviço de psiquiatria aos egressos, na instituição, confirma a dificuldade das políticas públicas na esfera municipal e estadual de responderem à demanda na área de saúde mental.

➤ O Diálogo

Os temas que têm se desenvolvido no Diálogo parecem demonstrar densidade existencial e sentido pragmático, na medida em que refletem as experiências e vivências

dos participantes ao se relacionar com suas motivações, necessidades e interesses. Seus conteúdos referem-se a temáticas voltadas para o dia-a-dia dos usuários, tais como: a religiosidade; informações, análises e demandas relativas à instituição; a violência em suas variadas dimensões; o sofrimento, tratamento e processos psicopatológicos; as relações intersubjetivas, familiares, institucionais e sociais; as histórias de vida, dentre outros. O diálogo como estratégia central de desenvolvimento do grupo não se reveste de um caráter prescritivo, de ordenamento, é processo e organização democrática. Neste sentido, a qualidade das relações de seu facilitador ou facilitadores com os diversos atores na instituição parece interferir no desenvolvimento do Diálogo, inclusive, por este se constituir como espaço de construção de relações afetivas. O grupo tem sofrido com a desmotivação do usuário, processo que parece estar relacionado a diversos fatores como: a pequena produção de atividades referentes à saúde na instituição (atividades de lazer, culturais, educativas, políticas); o prolongamento da permanência do usuário na instituição, provocado pela carência de oportunidades grupais, institucionais, comunitárias e sociais, externas ao Caps, que se integrem ao processo de ressocialização; o perfil atual de boa parte dos usuários, com pouco rendimento crítico e um sentimento, vivenciado pelo usuário, de dificuldade de integração com seus congêneres e com a instituição. Neste sentido, a atitude propositiva, por parte da facilitação do grupo, parece contribuir para a superação da desmotivação referida. Percebemos, no Diálogo, uma dificuldade apresentada por alguns usuários quanto à exposição de conflitos pessoais, fator que parece estar relacionado com o contexto de realização do Diálogo (o cotidiano de uma instituição); com a condição de abertura do grupo ao trânsito de pessoas, inclusive, não pertencentes à instituição; com a cultura de classe de alguns usuários, na medida em que esta resiste ao encontro com a cultura popular da maioria dos usuários; com o preconceito frente ao sujeito que desenvolve um transtorno mental ou por uma dificuldade pessoal de socialização de seus conflitos. As diferenças no perfil de facilitação no grupo, mais ou menos condutivo, mais ou menos interpretativo parecem sinalizar para a flexibilidade deste em relação à personalidade de seus facilitadores. Quanto à co-facilitação no grupo, percebemo-la como um instrumento importante para seu enriquecimento e desenvolvimento, por tratar-se de uma atividade de forte conotação política na instituição, ainda que possa se caracterizar como tendo sua centralidade no acolhimento psicológico. O Diálogo congrega informação e construção de conhecimento, caracterizando-se como uma atividade reflexiva, de análise e síntese. Mas sua produção de conhecimento não se dicotomiza do

compartilhamento das experiências, vivências e saberes de experiência feitos. No grupo, o conhecimento teórico não tem um status maior que o conhecimento adquirido por experiência. Para o desenvolvimento dialógico do grupo parece importante que se realize, sobre este, avaliações periódicas junto com seus participantes, como forma de contribuir para e estimular a diversidade dos conteúdos trabalhados, para a conscientização dos objetivos do grupo, suas possibilidades de relacionamento institucional. Outro fator importante para o desenvolvimento dos diálogos no grupo parece ser a conscientização de seus princípios e normas, o que se dá como processo mais demorado para alguns participantes com dificuldades cognitivas ou de relacionamento interpessoal. O grupo parece ser suficientemente flexível para suportar o atraso eventual de uma quantidade substancial de seus participantes, até por ter se desenvolvido como uma modalidade de trânsito livre entre seu espaço interno e seu espaço externo. O grupo, por ser uma modalidade de intervenção psicológica inédita e complexa, parece despertar a atenção de quem o tem conhecido e de quem dele tem notícias.

VI. EM BUSCA DE UMA ARTICULAÇÃO ENTRE OS RESULTADOS DA PESQUISA E SEUS ELEMENTOS TEÓRICOS

Esta pesquisa teve como objetivo investigar as possibilidades do Diálogo como dispositivo de atenção psicológica à compreensão de processos psicossociais e como facilitador de mudanças subjetivas na Instituição Caps Casa Verde. Para tanto, buscamos caracterizar o Diálogo no contexto do pensamento de Paulo Freire, articulando-o ao conceito de subjetividade na perspectiva de Gozález Rey.

De acordo com a análise dos conteúdos que emergiram nos grupos de Diálogo, pôde-se perceber que, **o caráter político do grupo emergiu nas situações em que sugestões e queixas/denúncias a respeito da instituição são trazidas à tona**, permitindo a apreciação de ações e o levantamento de propostas de mudança. Os grupos de Diálogo permitem que seus participantes se coloquem de forma ativa – percebendo-se como atores de suas histórias - o que corrobora as idéias de Paulo Freire ao anunciar que consciência e ação sobre a realidade são inseparáveis e constituintes do ato transformador pelo qual homens e mulheres se fazem seres de relação.

O caráter político no grupo expressou-se, também, na possibilidade dialógica para a construção do sentido subjetivo dos conteúdos como processo facilitador para uma compreensão complexa dos temas em discussão. Na medida em que aos sujeitos participantes foi delegada a possibilidade da construção argumentativa de seus posicionamentos individuais e sociais, foi possível uma elaboração práxica sobre a realidade e sobre si, através de reflexões mediadas pelas referências à prática.

O conteúdo religioso no grupo, assim como qualquer outro aspecto cultural, pôde ser considerado em sua dimensão individual e social. Neste sentido, as diferenças interculturais foram valorizadas como expressão, também, de diferenças individuais, facilitando a construção do sentido do respeito entre os participantes como sujeitos produtores de cultura e, conseqüentemente, impedindo a eleição de universais invariantes como elementos de parâmetro para as discussões.

A construção narrativa do sofrimento aconteceu como meio para a elaboração das discussões, na medida em que foi acompanhada da atitude de abertura à possibilidade da problematização de seus conteúdos, momento em que história e posicionamentos pessoais puderam ser questionados enquanto elementos do diálogo.

O Diálogo, enquanto clínica social, pôde se apresentar como momento de abertura para a participação dialógica de atores não usuários institucionais (profissionais, estagiários e visitantes), contribuindo, pela diversidade das representações e expressões sociais para uma compreensão da complexidade cultural, social e política, como também para a aprendizagem emocional-afetiva de distintas relações.

A mudança dos eixos temáticos em discussão, no grupo, foi facilitada pelo sentido pragmático de um novo assunto, como potencializador de reflexões relacionadas às necessidades, motivações, interesses e produções subjetivas dos sujeitos participantes.

As conversas e discussões, no Diálogo, puderam constituir um sistema aberto - não acabado e interativo - de produção de conhecimento, envolvendo seus variados níveis de complexidade, desde o nível do vivido, passando pelos saberes de experiência feitos e alcançando um padrão reflexivo. Trata-se de uma produção lógico-configuracional, enquanto composição de um quadro complexo de apreciações psicossociais, que tem na produção intersubjetivo-dialógica o seu centro de irradiação, alcançando elementos de sentido da realidade num movimento que não corresponde à ordem da racionalidade linear, porque práxis entre sujeitos de corpo inteiro – razão e emoção – no e com o mundo. Neste sentido, a produção de conhecimento pôde ser compreendida como produção do sujeito participante e como possibilidade estendida a todos.

Considerando que a densidade existencial refere-se à potência que um tema ou palavra tem para afetar nossa história subjetiva, mobilizando-nos vivências, **percebeu-se que, apesar dos sofrimentos serem distintos, porque singulares, trazê-los à tona permitiu a seus participantes compartilhar coletivamente esses sofrimentos, reconhecendo-os e legitimando-os.**

A potencialidade dialógica do grupo se encontra na dependência da potência dialógica da instituição e da sociedade. O grupo como produção histórico-cultural se encontra articulado às possibilidades de construção de conhecimento e cultura de seus participantes, assim como sofre a interferência dos recortes institucionais e sociais, ainda que possa transcendê-los, ao se configurar como célula institucional criativa e de produção crítica.

O Diálogo foi reconhecido como um grupo com inclinação psicoterápica, ainda que não seja em si psicoterapia. Foi compreendido como tendo um caráter

de abertura para outras possibilidades de desenvolvimento pessoal e coletivo, permitindo o trânsito de participantes com suas distintas representações sociais. Pela condição geral da pluralidade de motivos geradores das discussões em seu interior, relacionados a interesses que transcendem a esfera das resoluções emocionais, acreditamos que a modalidade grupal Diálogo se caracteriza como uma experiência que tem um caráter psicológico – enquanto espaço de acolhimento do sofrimento; pedagógico – como espaço de produção de educabilidade, do aprender a fazer análise ou escolhas; político – enquanto espaço de produção e de reflexão sobre acordos ético-democráticos; e social – no sentido de sua abertura à discussão histórico-cultural, considerando a interdependência entre as relações, práticas e espaços sociais.

Uma abordagem propositiva relacionada à manutenção do clima dialógico pôde colaborar para a promoção do diálogo. De fato, houve momentos ou sessões grupais em que o nível de motivação dos participantes para o desenvolvimento das conversas ou discussões esteve diminuído, por razões diversas e interdependentes como, por exemplo, quantidade, perfil subjetivo e estado emocional dos usuários, motivação para o tratamento na instituição, sinalizando para a adoção de uma atitude mais propositiva por parte do (s) facilitador (es) como estratégia dinamizadora da atividade no grupo. Neste sentido, considerando que o Diálogo foi realizado numa instituição voltada ao tratamento do sujeito com limitações relacionadas a transtornos psíquicos, compreendemos que a presença de integrantes com melhor capacidade discursiva no grupo pode potencializar o processamento dialógico dos conteúdos emergentes.

A produção de um ponto de pauta, estabelecido coletivamente numa sessão grupal anterior, enquanto possibilidade de exceção à norma do grupo, referente à sua condição de não programação prévia, prejudicou a elaboração subjetiva grupal do sofrimento exposto. Deste modo, compreendemos a importância da defesa da não programação prévia dos conteúdos a serem elaborados no grupo como norma que se defina enquanto processo para a promoção do clima de acolhimento psicológico. Por outro lado, defendemos, também, a legitimidade que tem o coletivo de pré-programar alguma atividade no interior do grupo, desde que relacionada a questões que tenham um sentido existencial ou pragmático para os seus participantes.

A questão da autoridade do facilitador pôde ser apreendida ao longo do desenvolvimento grupal. À luz de Freire, compreendemos que a autoridade do facilitador, assim como a do professor, não se deve configurar, na perspectiva do diálogo, de forma impositiva, mas na tentativa da costura dialógica (prática e teórica) da situação cognoscente ou de conflito, o que exige amor ao diálogo, amor ao outro e respeito à sua condição de facilitador aprendiz/ensinante. Nesta perspectiva, tratando-se de uma situação de conflito, passada tal situação, caso seu desfecho não tenha sido confortável, se faz necessário um momento de reflexão e avaliação grupal sobre o episódio, de tal modo que possibilite e legitime a dialogia e a condição do acolhimento psicológico no grupo. Compreendemos, desta forma, a necessidade do(s) facilitador(es) portar uma formação complexa, abrangendo as dimensões anteriormente apontadas e relativas aos sujeitos em tratamento: psicológica, sociológica, política, ética e moral.

Os momentos de iniciação e fechamento da sessão grupal são especialmente ricos para o convite à participação e para a promoção do clima de acolhimento dialógico que se caracteriza, entre outras coisas, pela possibilidade da diversidade de expressões linguísticas e não linguísticas; pela abertura ao que o sujeito sente, pensa e questiona relativamente a assuntos de seu interesse ou à produção de sentidos e significados relacionados à sessão grupal ou ao grupo como um todo.

Na entrevista de avaliação, realizada com a co-facilitadora, sobre o desenvolvimento do processo Diálogo, foram ressaltados alguns pontos de apreciação que não haviam sido evidenciados em nossas análises anteriores:

O grupo pôde proporcionar ao usuário o sentido de pertença à instituição, na medida em que este, democraticamente, no interior do espaço grupal, contracenou com a multiplicidade dos atores institucionais, sem desmerecer sua própria produção subjetiva.

A convivência grupal se realizou com base em relações igualitárias, horizontais, permitindo que na construção e elaboração dos conteúdos, na mudança de eixos temáticos, na iniciação e finalização dos trabalhos grupais não houvesse um líder que tivesse iniciativa absoluta, o que caracteriza a própria dialogicidade. Neste sentido, as construções intelectuais, em meio às discussões, não se constituíram como elemento de impasse e de desmotivação para os outros usuários, afinando-se às suas expectativas, necessidades, motivações e interesses.

A construção de relações dialógicas entre o facilitador e usuários institucionais no cotidiano das relações na instituição foi elemento importante para a produção do clima dialógico no interior do grupo. Esta afirmativa faz referência à necessária construção de uma atitude dialógica – abertura cotidiana à curiosidade epistemológica de si e do outro – para a facilitação de modalidades dialógicas no contexto institucional. Compreendemos que, assim como na construção de instrumentos de pesquisa, sistemas conversacionais no cotidiano das práticas institucionais se interatuam e se potencializam.

O caráter político do grupo pôde se explicitar, inclusive, nas oportunidades de informação e reflexão sobre os direitos institucionais dos usuários, momentos em que se pôde construir um processo de conscientização relativo à condição dialógica da síntese entre o respeito mútuo e a confrontação com o campo dos interesses pertinentes às relações na instituição.

Há um paradoxo em grupos que se pretendem de acolhimento psicológico e que se constroem considerando o diagnóstico médico como elemento de corte em suas composições. Contrariando esta posição, compreendemos que as produções conversacionais, em trabalhos com grupos, não se devem sustentar na avaliação semiológica do sujeito, negando sua condição de sujeito histórico-cultural. Conforme

González Rey (2005-a), a produção subjetiva não é redutível a entidades psicopatológicas, tendo-se que considerar na construção do sujeito psicológico a doença enquanto produção subjetiva aberta a múltiplas interferências individuais e sociais.

Em nossas considerações sobre o Diálogo ainda podemos evidenciar os seguintes elementos:

No Diálogo, sua diversa e democrática produção de conteúdos parece favorecer um sentido compartilhado de liberdade de expressão e de bem estar relacionado à participação. Na medida em que a produção dialógica se faz construção co-participada de acolhimento psicológico, a construção afetiva das relações no grupo parece se relacionar ao respeito à diversidade cultural de suas expressões, à emergência da alteridade, à pluralidade de visões de mundo.

O caráter ético, no Diálogo, enquanto grupo de acolhimento psicológico numa instituição, é tratado considerando-se as seguintes questões como princípios para o funcionamento do grupo:

- **a não revelação de um “grande segredo”** – aquilo que, por corte subjetivo-individual, não é falado para qualquer sujeito, podendo ser algo de si ou do outro, resguardando-se o respeito às dificuldades individuais de exposição de conteúdos no grupo;

- **a não personalização das queixas relativas aos atores institucionais** – tendo em conta o sentido de cidadania do usuário, compreendemos sua condição de sujeito singular e político, sua necessidade subjetiva de compartilhar suas inquietações com relação ao cotidiano institucional e, neste sentido, no grupo, podemos apenas informar aos usuários, enquanto facilitador(es), a perspectiva correta da dinâmica das relações e práticas institucionais, remeter o sujeito queixoso ao profissional que foi referido em algum momento ou compartilhar a queixa com a equipe de profissionais-cuidadores, não cabendo, na instância do grupo, o estímulo a uma análise relativa a um profissional específico na instituição. Desta forma, ainda que se apresentem limites éticos, que devem ser exigidos de todos os participantes, deve-se conduzir o diálogo para os limites estabelecidos na norma acordada, porém buscando-se preservar o clima dialógico e de acolhimento psicológico.

A tensão entre a fala espontânea e a fala crítica para a produção dialógica parece produzir estímulo à atenção mútua. O compartilhar a produção do diálogo, no grupo, implica em assumir o sujeito enquanto razão e emoção, “sujeito de corpo inteiro”. Provoca a curiosidade epistemológica e a construção de sentidos e significados de sujeitos individuais e de uma subjetividade social democrático-crítica, favorecedora de ideologias de resistência a processos que, em suas representações, valores, crenças e mitos neguem a constituição de um sujeito histórico-cultural. Neste sentido, compreendemos a produção das práticas profissionais, assim como a produção científica, como produções ideológicas, produção de uma cultura que respeite a

diversidade de pensamento, ou de reprodução de uma cultura hegemônica, momento em que novas produções de sentido são sufocadas.

O Diálogo parece contribuir para a diminuição da dispersão das relações na instituição, por sua condição de facilitador de construções vinculares, o que corrobora a definição de seu caráter de acolhimento psicossocial, em que a construção da subjetividade social não se faz por negação às alteridades postas, nem a seus direitos e deveres respectivos.

A clareza dos objetivos grupais parece estar na dependência da organização dialógica proporcionada pela facilitação no grupo, na medida em que o grupo tem objetivos psicológicos, sociológicos, pedagógicos, políticos, éticos e morais, se fazendo construção cultural-institucional num contexto aberto ao diálogo com a sociedade.

Por fim, compreendemos o Diálogo como um processo inserido numa totalidade de relações institucionais mutuamente recursivas. Neste sentido, alguns conteúdos surgidos no grupo relativos à dinâmica institucional apontam para a sua incipiente interlocução social e para a necessidade de continuidade e complementaridade do tratamento em outros espaços sociais, por exemplo. Estes conteúdos, relacionados à interlocução social da instituição, foram trabalhados no grupo, apenas, no plano teórico. Isto, provavelmente, comprometeu a potencialidade dialógica das discussões grupais, na medida em que, como já dissemos, a qualidade do diálogo institucional interfere na qualidade do diálogo no grupo, pois Diálogo é práxis social – processo e organização teórica e prática, no e com o mundo.

REFERÊNCIAS

- Brandão, C. R. (2008). **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense. (Coleção Primeiros Passos: 38).
- Damke, I. R. (1995). **O processo do conhecimento na pedagogia da libertação: as idéias de Freire, Fiori e Dussel**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- Fiori, E. M. (1999). Aprender a dizer a sua palavra. In Freire, P. **Pedagogia do Oprimido** (27a ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1980). **Extensão ou Comunicação?** (5a ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____ (1999). **Pedagogia do Oprimido** (27a ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____ (2002). **Ação cultural para a liberdade: e outros escritos** (10a ed.). São Paulo: Paz e Terra.
- _____ (2003a). **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido** (11a ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____, & Shor, I. (2003b). **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor** (10a ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____ (2004). **À Sombra desta mangueira** (5a ed.). São Paulo: Olho d'Água.
- _____ (2005a). **Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire** (3a ed.). São Paulo: Centauro.
- _____, & Nogueira, A. (2005b). **Que fazer: teoria e prática em educação popular** (8a ed.). Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- _____ (2007). **Política e Educação**. (8a ed.). Indaiatuba, SP: Villa das Letras. (Coleção Dizer a Palavra).
- _____ (2008). **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa** (38. ed.). São Paulo: Paz e Terra. (Coleção Leitura).
- Gadamer, H. (2008). **Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica** (10a ed.). Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Gadotti, M. (2004). **Pedagogia da Práxis** (4a ed.). São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire.
- González Rey, F. L. (1997). **Epistemologia qualitativa e subjetividade**. São Paulo: EDUC.
- _____ (2002). **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

- _____ (2004). **O Social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito**. Petrópolis, RJ: Vozes.
- _____ (2005a). **Sujeito e Subjetividade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- _____ (2005b). **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- _____ (2005c). O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica. In: González Rey (org.). **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- _____ (2009). A questão das técnicas e os métodos na psicologia: da medição à construção do conhecimento psicológico. In: Bock, Ana M. Bahia (org.). **Psicologia e o compromisso social**. (2a ed.). São Paulo: Cortez.
- Konder, L. (1992). **O futuro da filosofia da práxis: o pensamento de Marx no século XXI**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Lalande, A. (1999). **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- Mendonça, N. A. (2008). Educação como ação cultural para a humanização. In Mendonça, N. A. **Pedagogia da Humanização: a pedagogia humanista de Paulo Freire**. São Paulo: Paulus. (Coleção Pedagogia e Educação).
- Minayo, M. C. de S. (org.), & Gomes, S. F. D. R. (2010). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade** (29a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Morin, E. (2003). **Os sete saberes necessários a educação do futuro** (8a ed.). São Paulo: Cortez.
- Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. da. (2009). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina.
- Rohden, L. (2002). **Hermenêutica Filosófica: entre a linguagem da experiência e a experiência da linguagem**. São Leopoldo, RGS: Editora Unisinos.
- Torres, C. A. (1997). **Pedagogia da luta: da pedagogia do oprimido à escola pública popular**. Campinas, SP: Papyrus. (Série “Educação Internacional” do Instituto Paulo Freire).
- Zitkoski, J. J. (2008). Humanização/desumanização. In Streck, D. R., Redin, E. & Zitkoski, J. J. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

ANEXOS

ANEXO A – DIÁRIO DE CAMPO

✓ Caps – Casa Verde. 26.01.2011. Quarta feira.

Os usuários estavam em sua maioria na academia do Hospital Escola Portugal Ramalho (Hepr), de 09h às 10h da manhã. Ficamos a pensar se estavam todos por opção ou se há os que gostariam de não estar na academia, estar a conversar ou a assistir televisão, visto não termos outra atividade para oferecer, neste momento. Tal dúvida nos ocorreu por conta da adesão à atividade física na academia, que no dia de hoje chegou à totalidade dos usuários e pela resistência de alguns frente aos exercícios. Eles ficam na academia por uma hora, aproximadamente, e aproveitam para desenvolver atividades físicas num campo de futebol ao lado.

✓ 02.02.2011. Quarta feira.

Nas duas últimas sessões do Diálogo conversamos sobre o tema da possibilidade da existência do “demônio” interferindo sobre nossas relações e atitudes. O tema religioso parece se constituir como uma das preocupações centrais no cotidiano de vários usuários. Na segunda das duas sessões citadas, convidamos a psiquiatra para informar aos presentes sobre o momento de transição relativo ao processo de reconhecimento do Caps Casa Verde pelo Ministério da Saúde. Neste momento, a instituição está vinculada ao Hospital Escola Portugal Ramalho (Hepr). Muitas perguntas surgiram quanto às mudanças físicas, administração de medicamentos, cozinha e refeições, equipe, tempo de transição para um momento de maior autonomia institucional, entre outras. Muitos agradecimentos e reverências foram feitos à psiquiatra. Esta sessão do Diálogo chegou à aproximadamente uma hora e meia (de 10h30 às 12h), o que tem acontecido em várias ocasiões, quando os assuntos tratados estimulam aos participantes a prolongarem o tempo da sessão.

No grupo de hoje pensamos ter agido de forma ordenatória com relação à defesa do compromisso de aprendermos a ouvir com atenção dirigida, tolerante e paciente a todos os participantes, o que parece ter constrangido a um usuário que havia desmerecido a importância da fala desconexa de um portador de esquizofrenia, também usuário. O fato é que para a produção do clima dialógico se faz necessária a problematização e não o ordenamento ou a prescrição.

✓ **09.02.2011. Quarta feira.**

Hoje, junto à coordenação, ficou esclarecida a necessidade dos usuários voltarem da academia às 10h, para darmos início ao Diálogo às 10h15, como forma de nos habituarmos aos limites horários do processo de gravação do grupo que estará se iniciando nas próximas semanas. A perspectiva de começarmos neste horário nos garante um tempo suficiente para algumas reflexões sobre o grupo, junto à co-facilitadora, antes da hora do almoço. A diminuição do tempo de exercícios físicos na academia e no campo de futebol, às quartas feiras, deverá ser discutida com os usuários e com a equipe.

O grupo aconteceu hoje com, aproximadamente, oito estagiários de nível superior: sete de enfermagem e um de medicina. O Diálogo, como nas últimas sessões, tem começado um pouco desmotivado, o que já comentei em uma ou duas de suas sessões anteriores. Temos, eu e a estagiária de psicologia (no momento só temos uma), percebido a necessidade de nos tornarmos mais propositivos. Em algum momento da sessão de hoje perguntamos para os presentes o que poderia estar provocando este aparente desânimo no grupo. Este questionamento mobilizou discussões que atravessaram boa parte do tempo e várias questões foram levantadas: a carência de atividades relacionadas à saúde dos usuários e não à doença; a ausência de um centro de convivência para usuários do sistema de saúde mental na cidade, alongando o desligamento institucional de vários usuários, o que pode estar gerando certo cansaço frente às atividades (questão por nós trazida à discussão); o perfil comunicativo do usuário atual, menos falante, de menor poder de argumentação; a necessidade de melhor integração dos usuários entre si no dia-a-dia institucional.

O usuário a quem havíamos chamado, indiretamente, no grupo anterior, à responsabilidade pela escuta enquanto atenção dirigida a qualquer participante, não compareceu à sessão de hoje, e não pareceu muito disposto a nos cumprimentar no início da manhã, o que nos fez pensar que a riqueza dos conteúdos desenvolvidos no Diálogo depende do tratamento e compreensão que seus facilitadores desenvolvem frente à subjetividade dos participantes.

✓ **16.03.2011. Quarta feira.**

Por volta das 09h os usuários seguiram para a academia. Às 10h começaram a voltar e foram lanchar. Neste momento, conversávamos na sala de reunião sobre

assuntos os mais variados: aumento salarial, uma greve que poderá acontecer, dentre outros.

Às 10h20 começou o Diálogo. Percebemos uma atmosfera de desmotivação que aos poucos foi se diluindo. Até então a articulação da discussão atravessava momentos de dispersão. Como afirmamos anteriormente, o atual público usuário do Caps não desenvolve com a mesma facilidade a discussão no grupo como em momentos anteriores, em anos passados. Em conversa com a estagiária de psicologia e com uma psicóloga co-facilitadora do Diálogo, pensamos na possibilidade de provocarmos reflexivamente os participantes com a apresentação de temas. Após a sessão grupal, nos reunimos com a estagiária de psicologia e a co-facilitadora, e fizemos uma discussão sobre os elementos significativos surgidos no grupo: percebemos dificuldade de retorno argumentativo por parte de alguns participantes e que, nestes momentos, a mediação reflexiva do facilitador ou facilitadores parece ajudar no processo dialógico; que a prática deste grupo, para alguns usuários, pode dificultar a exposição de assuntos pessoais, por ser um grupo inserido no cotidiano institucional e, também, por ser um grupo aberto ao trânsito de pessoas, inclusive, não pertencentes à instituição; percebemos algumas diferenças na prática de facilitação do grupo, entre nós e a colega co-facilitadora, entre nós e a estagiária de psicologia que, em seus momentos finais de estágio, também tem co-facilitado o grupo. A co-facilitadora, mais condutiva; a estagiária, mais interpretativa. Mas o grupo parece compreender nossas diferenças e adaptar-se a elas.

✓ **31.03.2011. Quinta feira.**

Hoje é dia de reunião, à tarde. Nesta semana, de segunda à quarta, houve uma tentativa de paralisação dos serviços prestados, por alguns profissionais do Caps, afinados, neste momento, a uma linha sindical específica de luta por melhores salários e condições de trabalho, entre outras questões. Em momentos densos politicamente, refletimos mais, nos emocionamos mais e clarificamos o sentido político que tem o trabalho para nós e para nossos colegas. O fato é que ficou perceptível a fragilidade dos posicionamentos políticos por parte da equipe, que se anunciou pelos sentidos de indiferença e descrédito com relação aos objetivos esperados nas negociações com o governo; isto nos fez pensar na possível relação destes acontecimentos com a dificuldade de assumirmos o caráter político de nossas relações com o usuário, como

pessoa e como cidadão, de assumirmos este sujeito como produtor de crítica, de decisão, de subversão, de acordos éticos, como dizia Paulo Freire.

✓ **05.04.2011. Terça feira.**

Hoje foi dia de atendimento psiquiátrico a alguns usuários na condição de egressos - uma relação de serviço que o Caps Casa Verde mantém de atendimento psiquiátrico mensal, após a alta, por conta da precariedade do sistema de atendimento psiquiátrico nos ambulatórios e da rede de saúde mental como um todo. Um senhor, na condição de egresso, procurou-nos para conversar pela manhã e comentou que não gosta dos atendimentos grupais na instituição, pois conversar junto com os “doidos” não o ajuda. As dificuldades que aparecem no desenvolvimento dos diálogos desestimulam-no. Refere se interessar por atendimentos individuais, que sempre teve muita dificuldade em se socializar. Compreendemos que sua participação no Diálogo não lhe pareceu proveitosa. Isto nos fez pensar na possibilidade do desenvolvimento de outras atividades concorrentes no horário do grupo, desde que o usuário pudesse, junto com seu profissional de referência, fazer sua opção por participar de uma ou outra, o que, neste momento, não está sendo possível para ele.

Antes da conversa com o usuário citado, estávamos a conversar com uma funcionária sobre o momento de nossa volta ao Caps, sobre o fato de que, após nove meses de afastamento, não estávamos desenvolvendo, na equipe, nossos trabalhos de técnicos de referência e de realização dos Projetos Terapêuticos Singulares (PTS's), e que, por isto, estamos reativando estas estratégias de trabalho. É interessante perceber que nas reuniões de equipe, em que voltamos a começar a nos organizar nesta perspectiva, não houve comentários sobre os motivos de tal retrocesso, o que pode estar indicando que os diálogos na equipe, sobre os processos de construção coletiva da história institucional não estejam acontecendo a contento, dificultando o desenvolvimento do sentido de identidade da equipe e seu processo de produção e avaliação crítica sobre os trabalhos desenvolvidos.

Hoje realizamos às 09h a oficina Despertar – um momento de caminhada, de uma reza produzida coletivamente e de dois gritos grupais que realizamos abraçados: o grito do “Bom dia!” e o grito do “Abestalhamento”. Este último, modalidade que criamos para relaxarmos e pensarmos sobre a excessiva importância que damos à nossa aparência e status, quando agimos preconceituosamente frente ao outro, oprimindo-o, induzindo-o de mil maneiras sutis. O interessante é que muitos usuários gostam deste

grito, alguns idosos, inclusive. Havia apenas cinco usuários, talvez devido ao pouco contingente deles na instituição, no dia de hoje. O número de usuários na instituição diminuiu consideravelmente nos últimos meses, sendo um argumento visível e oficial, para esta diminuição, a presença de uma só psiquiatra no serviço, onde antes havia dois. Às 10h15 aconteceu o grupo de educação alimentar com a nutricionista.

✓ **06.04.2011. Quarta feira.**

Hoje começamos a construir, formalmente, o cenário da pesquisa. No momento do Diálogo, com seus participantes já reunidos na sala de grupo, pedimos a palavra para, antes de darmos início às discussões, apresentarmos formalmente os objetivos e a metodologia da pesquisa, além do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), momento em que foi realizada a leitura deste documento. De um modo geral, a apresentação da pesquisa não foi um processo difícil, pois, informalmente, no Diálogo, já havíamos discutido sobre este assunto.

Após a apresentação e discussão da pesquisa demos início ao grupo. Ao longo de seu desenvolvimento, os dois estagiários de medicina presentes esclareceram nunca terem visto na rede de saúde, hospitalar e ambulatorial, um tratamento tão humanizado quanto o prestado no Caps; que nem mesmo na academia se constrói esta visão humanizada do tratamento às doenças em geral ou aos transtornos psíquicos, em particular. Pensamos que estavam se referindo à qualidade e complexidade das relações junto ao usuário. Aproveitamos para falar da condição subjetiva e cidadã do sujeito, a qual não consegue ser compreendida na visão hospitalocêntrica tradicional. As duas estagiárias de serviço social se manifestaram quanto à necessidade, demandada pelos próprios familiares dos usuários do Caps, de uma agenda de reuniões, na instituição, voltada para o acolhimento familiar grupal, o que neste momento tem acontecido de forma descontínua na instituição. Esta sessão do grupo sofreu um esvaziamento antes de sua finalização, talvez pelo tempo que, somado ao tempo gasto com a apresentação e discussão da pesquisa, antes do início da sessão, se aproximou de uma hora e meia.

Após o grupo, refletimos com a co-facilitadora sobre os aspectos significativos que se apresentaram em seu desenvolvimento: concordamos com as estagiárias de serviço social sobre a necessidade de um mais estruturado acolhimento das famílias dos usuários e percebemos, neste sentido, uma dificuldade de entrosamento interdisciplinar e interprofissional na instituição. Sobre os motivos desta dificuldade, percebemos desde questões individuais à dificuldade de conscientização da equipe sobre os elementos

práticos e teóricos necessários à sua construção, como sobre a necessidade de seu trabalho compartilhado com o usuário, no nível da discussão e da prática. De modo geral, o trabalho na instituição ainda desenvolve um perfil fragmentado, o que se reflete no isolamento das atividades entre si e, por conseqüência, no caráter abstrato de suas relações institucionais, principalmente para o usuário. Neste sentido, há uma dificuldade de se perceber a instituição como uma totalidade.

✓ 07.04.11. Quinta feira.

Às 09h fizemos a oficina Despertar com apenas três usuários e, em seguida, o registro de algumas evoluções em prontuários. Nas quintas e sextas está havendo uma diminuição de público no Caps. Neste momento, as atividades estão concentradas no período que se estende da segunda feira à quinta pela manhã. As modalidades de grupo, além do Diálogo, se dividem em: grupo de acolhimento, de educação em saúde, de teatro, de relaxamento, acolhimento psicológico grupal, grupo de conversa com a assistente social direcionado à família, grupo de conversa com a assistente social e o enfermeiro sobre a elaboração das queixas dos usuários, leitura de jornal, confecção de um jornal mural, oficinas de artesanato, de produção de alimentos, de exercícios físicos na academia do Hepr e grupo de caminhada nas manhãs em que não há academia.

À tarde houve reunião. Discutimos principalmente a construção do PTS de uma usuária para a qual somos o técnico de referência. Logo em seguida, outro PTS. Ficou estabelecido que na última semana de cada mês discutiríamos os PTS's. Argumentamos ser insuficiente, para a produção dos PTS's, que esta discussão aconteça, apenas, uma vez ao mês, visto que o PTS é o cérebro da organização do tratamento de cada usuário, mas o argumento não foi acatado. Temos a compreensão de que se trata de um processo de um alto nível de dificuldade para a equipe, tanto por razões políticas quanto técnicas. Construir PTS's é aprender a democratizar decisões e distribuir tarefas de forma compartilhada, assumindo a responsabilidade da intervenção clínico-institucional, processo em permanente diálogo com a gestão na instituição.

Na reunião passada, após uma discussão sobre dificuldade de relação entre os funcionários, considerou-se que o elemento primordial que estava faltando era um exame de consciência de cada um consigo mesmo, a fim de melhor trabalharmos e convivermos como equipe, intervenção que nos parece paradigmática de nossa cultura institucional, mas que não aponta estrategicamente para a construção da solução dos problemas relacionais de forma compartilhada, coletiva. Pensamos que tal argumento

possa estar muito influenciado por uma fé na resolução intrapsíquica dos problemas de relação, desconsiderando, nesta análise, a dimensão coletiva e política destes. Neste caso, é o sujeito social que acaba sendo suprimido do discurso, ainda que de forma não intencional.

✓ 13.04.11 Quarta feira.

Ontem, anunciamos que nós, psicólogos, estaremos reunidos em um grupo de estudo aberto a todos, no momento anterior à reunião semanal da quinta à tarde. Fomos anunciando esta proposta, informalmente, junto aos colegas: a nutricionista, a coordenadora e a auxiliar de enfermagem. Queremos uma dinâmica de estudo e de reflexão sobre o dia-a-dia institucional que tenha um caráter informal, a fim de contribuir com nosso trabalho, até porque não estamos conseguindo estudar durante as horas mensais de reunião da equipe, processo anteriormente tentado e que não se perpetuou.

Hoje, demos início à pesquisa no grupo Diálogo. Foi com muita satisfação e surpresa que percebi o quanto o grupo se esforçou para colaborar com a organização e ritmo das falas, para que a gravação tivesse boa qualidade. Estiveram presentes vinte e três pessoas: dezesseis usuários, dois facilitadores psicólogos, dois estagiários de medicina e duas de assistência social; participou nesta sessão, também, como visitante, uma fisioterapeuta do Hepr. O grupo discorreu sobre violência, sobre depressão, sistema de saúde mental em rede versus hospital psiquiátrico. Pontos de vistas conservadores, com seus universais invariantes, relacionados à redução semiológica das pessoas, eram atravessados por pontos de vista mais progressistas, relacionados à valorização da dimensão social das ações de ajuda e conscientização, permeando o caráter sócio-político da clínica. A participação ativa não foi geral, mas a maioria parecia estar atenta aos diálogos.

Na conversa que mantive sobre o grupo, após sua finalização, com a co-facilitadora, esta chamou a atenção para que deixássemos claro no desenvolvimento dos diálogos, que os aportes teóricos não são mais importantes que as vivências e saberes de experiência feitos dos participantes, e que é necessário estimular a participação dos sujeitos e de seus diversos argumentos, no intuito de contribuir para o interesse mútuo entre os participantes. Observamos, na co-facilitadora, uma demonstração da preocupação pelo que consideramos a essência do diálogo, a problematização co-elaborada. Percebemos em sua co-facilitação uma grande atenção e estimulação dirigida

à participação dos usuários no compartilhamento das experiências, atitude que muito tem contribuído para nosso desenvolvimento como facilitador.

✓ **14.04.11 Quinta feira.**

Hoje, pela manhã, realizamos com uma meia dúzia de participantes, a oficina Despertar. Andamos numa área interna por trás do Hepr, em meio a muitas árvores. Após a oficina, atendemos a um cidadão que se queixava de um transtorno psiquiátrico e que nos trouxe preocupação, pois o mesmo não pretendia estar no Caps, fato que nos levou a pensar em sua dificuldade futura de atendimento ambulatorial na cidade. Depois do atendimento, fomos fazer o registro nos prontuários sobre a sessão do Diálogo, que havia acontecido ontem e que sempre acaba próximo à hora do almoço.

Na reunião, à tarde, após alguns informes, partimos para a construção de PTS's. Nossa dificuldade político-pedagógica e clínica de construção coletiva e crítica das discussões relativas aos projetos terapêuticos singulares, sob nosso ponto de vista, sintetizam as dificuldades que estão refletidas em nossas relações institucionais com a comunidade e com o usuário, e que se explicitam em suas considerações frequentes de que não está havendo, na instituição, uma suficiente elaboração de suas expectativas e reclamações. Neste sentido, neste momento não temos assembleias gerais, grupos sistemáticos de atendimento à família, visitas domiciliares frequentes, um conselho gestor e ainda não mantemos um diálogo cotidiano com várias outras instituições que possam complementar o tratamento e favorecer a ressocialização do usuário.

✓ **20.04.2011. Quarta feira.**

Nossa primeira tarefa da manhã foi conversar com uma usuária sobre a mudança de seu técnico de referência. A técnica anterior queixou-nos de que se trata de um caso bastante problemático na instituição, na medida em que esta usuária se enquadra no rol dos diagnósticos de transtorno de personalidade, diagnóstico difícil de ser trabalhado, por conta de alguns aspectos: tais usuários necessitam, por parte da equipe de profissionais, de uma compreensão ampla e aprofundada de seu universo de relações significativas, demandando visitas a ambientes externos à instituição, o que não estamos conseguindo realizar a contento, fato que acaba por não contribuir para o tratamento, gerando uma zona de tensão interdisciplinar e interprofissional, e frustrando a perspectiva de um tratamento que transcenda o registro semiológico do sujeito.

O Diálogo transcorreu com a presença de dezesseis pessoas: dois estagiários de medicina, treze usuários e o facilitador. Por motivos de saúde a co-facilitadora não pode participar e resolvemos desenvolver, após o grupo, uma discussão, com alguns dos usuários, a fim de refletirmos sobre os conteúdos significativos elaborados na sessão grupal e suas possíveis contribuições no campo da aprendizagem para os participantes. As discussões, no Diálogo, giraram em torno da concepção de Deus, da fé e do enfrentamento da realidade. Tivemos a oportunidade de estarmos em contato com compreensões diversas destes elementos e, no plano da dinâmica da discussão, tivemos dificuldade com a resistência de um dos usuários com a expressão de pontos de vista diferenciados, ainda que demonstrasse algum interesse para isto até as proximidades da finalização do grupo, quando se retirou. Em nossa conversa sobre o grupo, alguns usuários sinalizaram para a potencialidade deste enquanto oportunidade de aprendizagem sobre a ética do diálogo e sua condição de apresentação de novos conteúdos e reflexões.

✓ **27.04.2011. Quarta feira.**

Antes da realização do Diálogo, que não chegou, neste dia, a ser gravado por problemas técnicos, fomos informados de que não haveria mais a realização da oficina da sopa durante o horário do grupo, de que os respectivos participantes desta oficina estariam livres para participar do Diálogo. Havíamos solicitado, na sessão grupal anterior, aos integrantes da oficina citada, que adentraram no grupo bastante atrasados, que escolhessem entre participar da oficina ou participar do Diálogo, não cabendo a participação neste, de forma continuada, apenas em seus momentos finais. Procuramos, com isto, proteger a identidade e o desenvolvimento do grupo. Na sessão de hoje, participaram quatro estagiárias de medicina, que aproveitaram a parada inesperada da gravação para se retirarem, sem uma justificativa que parecesse convincente para o grupo, provocando queixas da co-facilitadora e críticas por parte de uma usuária, que qualificou as estudantes de “patricinhas”, tentando enfatizar sua interpretação sobre o que lhe pareceu uma falta de compromisso com os participantes. É em momentos assim que o grupo se faz político, tensão entre diferenças, exigência de acordos possíveis. O fato é que a retirada conjunta das quatro estagiárias, no momento da interrupção da gravação, nos deixou a todos constrangidos. Entretanto, nos sentimos mal resolvidos na situação, pois havíamos concordado, a pedido das estudantes, que as mesmas se retirassem durante o andamento do grupo, aceitando a desculpa da ocorrência de outro

evento que lhes exigia a presença, motivo que não nos havia satisfeito. Quanto a isto, fomos chamados à atenção pela co-facilitadora, no sentido de que precisávamos desenvolver um maior nível de exigência quanto aos estagiários, no que se refere à responsabilidade de suas participações no grupo. Sentimos, também, que deveríamos ter alertado ao grupo sobre o fato, além de ter aproveitado o momento para problematizarmos o conceito de “patricinha”, no sentido de aprendermos a desenvolver uma linguagem socialmente menos agressiva. No mais, o grupo transcorreu normalmente, após a súbita parada. Os diálogos de hoje focaram conflitos familiares. As três protagonistas do desenvolvimento dos temas apresentados, por tendência de personalidade, aproveitaram suas questões pessoais como forma de participação.

Em conversa com a co-facilitadora, antes do Diálogo, consideramos a necessidade de redigirmos atas em nossas reuniões de equipe, documento lido e assinado coletivamente, o que pretendo colocar na reunião de amanhã, para que possamos desenvolver um maior grau de responsabilidade e orientação em nossas ações profissionais. Pretendemos informar, durante a próxima sessão do Diálogo, aos participantes da oficina da sopa, que não estávamos cientes da realização desta, por isto, não pudemos solicitar, com antecedência, que os mesmos optassem entre o Diálogo e a oficina.

✓ **03.05.2011. Terça feira.**

Manhã chuvosa, sem a oficina Despertar. Às 10h os usuários participaram do grupo de educação alimentar. No final da manhã, a psiquiatra comentou que percebia, em nossa postura e na da colega co-facilitadora do Diálogo, um bom nível afetivo de acolhimento frente às demandas dos usuários, citando, inclusive, o nosso modo de aproximação a uma usuária considerada pela equipe como sendo de difícil convivência. Para nós isto significou um reconhecimento importante do diálogo que tentamos manter com os usuários e uma espécie de confirmação de que nosso trabalho tem possibilitado uma visão mais afetiva das relações.

✓ **04.05.2011. Quarta feira.**

Antes do início do Diálogo recebemos uma visita de dois estudantes de psicologia da Fits (Faculdades Integradas Tiradentes) para uma entrevista sobre o dia-a-dia do psicólogo na instituição. O tempo era curto e os convidamos para participar do grupo. Este aconteceu com a presença de vinte e uma pessoas: dezessete usuários, dois

facilitadores e os dois visitantes, estudantes de psicologia. Inicialmente, foi demandada, ao estudante de psicologia e procurador aposentado do Estado, uma sessão de informes sobre questões trabalhistas e previdenciárias para, logo em seguida, desenvolvermos uma discussão que girou em torno do confronto entre o militarismo dos Estados Unidos e Osama bin Laden, personagem sempre reduzido a condição de terrorista por nossa mídia televisiva e que, no grupo, pode ser considerado de forma complexa, histórico-cultural. Foi um momento bastante prazeroso para nós e os usuários, de uma forma geral, quanto para os estudantes, o ex-procurador e uma jovem arte-educadora, de uns trinta anos. Ambos pediram para voltar ao grupo noutra ocasião. O ex-procurador comentou que gostaria de criar uma dinâmica grupal iluminada pelo Diálogo no Centro Espírita (kardecista) dirigido por seu filho e que gostaria de trazê-lo para conhecer a forma como a discussão é desenvolvida no grupo. Disse, também, que na instituição espírita eles têm um grupo de idosos, mas que a heterogeneidade de idade e de pontos de vista no Diálogo o fez desejar um grupo aberto a tais possibilidades, no intuito de construir uma dinâmica mais criativa. Seu testemunho nos fez pensar nas possibilidades do Diálogo de contribuir para a desconstrução de estereótipos e estigmas das mais variadas naturezas.

✓ **05.05.2011. Quinta feira.**

À tarde, durante a reunião, lembrei a todos o fato de termos perdido, durante nosso afastamento da instituição, a perspectiva de trabalho com os projetos terapêuticos singulares e com a estratégia de técnicos de referência, e que parecia não haver, na equipe, uma compreensão aprofundada deste retrocesso. Compreendemos, como já explicitamos, que se não construirmos e registrarmos coletivamente documentos que historicizem nossas discussões e decisões, nos omitimos com relação à escrita de nossas vidas profissionais, dificultando nossa organização e o desenvolvimento de nossa identidade de equipe, prejudicando o exercício do diálogo que só acontece na medida em que assumimos nossa história. A dificuldade de produção desta história, na instituição, parece fazer com que o Diálogo, em alguns momentos de sua evolução, se desenvolva num vácuo histórico-institucional e seja prejudicado: isto foi o que se deu quando de nossa discussão, no grupo, referente à proposta de realização da oficina da sopa, pois, como facilitador, não conseguimos evitar o desconforto de termos que informar, de forma atrasada, que a participação na oficina inviabilizaria a participação

no grupo. Momentos como este parecem provocar desânimo no próprio usuário e evidenciam nossa dificuldade de comunicação na instituição.

✓ **11.05.2011. Quarta feira.**

Recebemos, pela manhã, o visitante aluno de psicologia da Fits, que esteve conosco na quarta feira passada, para uma pequena entrevista e para nos informar que a notícia sobre o grupo causou uma transformação nos objetivos da pesquisa que estavam realizando: passaram a ter o grupo como elemento a ser estudado. Por ser uma modalidade inédita e complexa, o grupo parece despertar a atenção de quem o conhece e de quem dele tem notícia.

O Diálogo aconteceu com a presença de vinte e quatro pessoas. Dezenove usuários, os dois psicólogos facilitadores, uma psicóloga visitante, pertencente ao complexo do Hepr e dois estagiários de medicina. Conversamos sobre conflitos familiares e sobre como os enfrentamos. Especialmente, falamos de nossos comportamentos agressivos nestes enfrentamentos. A psicóloga visitante aproveitou para confirmar o Diálogo como um momento de acolhimento psicológico.

✓ **12.05.2011. Quinta feira.**

Estamos negando os pedidos de admissão na instituição, o que está acontecendo por conta de estarmos com apenas uma psiquiatra, que está tendo dificuldade de desenvolver o trabalho devido à quantidade da demanda interna. Ficamos sabendo, pela família de um usuário, pretendente a uma admissão, que o Caps no bairro de Bebedouro está no limite quantitativo de sua assistência e quanto ao Caps no bairro do Jacintinho, sabemos que, neste momento, a quantidade de usuários excede às possibilidades de seu espaço físico. Em alguma medida, este e outros Caps se ressentem de não haver centros de convivência na cidade, instituições que integrariam a rede de atendimento psicossocial na área da saúde mental. Por conta disto, retemos na instituição vários usuários que já poderiam estar de alta. À tarde, não participei da reunião, por motivos pessoais.

✓ **18.05.2011. Quarta feira.**

Realizamos o Diálogo, no seu primeiro tempo, com um quantitativo pequeno de usuários, pois alguns estavam numa palestra sobre resiliência no Hepr e chegaram ao grupo por volta da metade de seu tempo; outros faltaram às atividades no dia de hoje.

Estiveram presentes, durante a sessão do grupo, dezenove pessoas: treze usuários, quatro estagiários de medicina e os dois facilitadores. Discorremos sobre a convivência familiar com o indivíduo que sofre com a esquizofrenia, através de uma discussão de caso; sobre a percepção do estágio de medicina em saúde mental, a partir do próprio estagiário; sobre o tema da resiliência; e aproveitamos para perguntar aos estudantes sobre o próprio grupo. Nestes momentos de discussão sobre os processos institucionais, percebemos o Diálogo como um ventilador de informações, confirmando a necessidade destas para a compreensão dialógica da instituição.

✓ **25.05.2011. Quarta feira.**

Deverá ter início, nas próximas semanas, o que está sendo denominado de grupo de família: um momento de atendimento à família do usuário com a participação de três profissionais: uma assistente social, um enfermeiro e um psicólogo. Contudo, a frequência semanal do atendimento, sob nosso ponto de vista, impossibilitará a formação de um grupo de família, que requer um sentido de frequência participativa, o que nos parece difícil para os familiares, numa escala semanal. Poderá, possivelmente, se caracterizar como um plantão de atendimento à família.

O grupo Diálogo aconteceu com, aproximadamente, vinte e dois integrantes: dezesseis usuários, dois estagiários de medicina, dois de serviço social e os dois facilitadores. Os assuntos giraram em torno de temas pessoais. O mais significativo foi a deliberação, pelos participantes, de uma comemoração, no interior do próprio grupo, para o dia oito de junho, relativa à gravidez de uma das participantes. Conforme as palavras da co-facilitadora, isto confirma o grupo e a atuação profissional de seu facilitador como construções afetivas.

ANEXO B - METODOLOGIA DE TRABALHO DO DIÁLOGO

Convite. Convidamos os usuários, os estagiários, além dos funcionários em geral e visitantes para a hora do grupo. Iniciamos a sessão grupal com a explicitação e reflexão, se necessária, sobre os princípios e normas do grupo, a fim de proteger e orientar aos participantes.

Princípios. 1. Informamos que poderemos conversar sobre qualquer assunto relativo à sociedade, à instituição, ao grupo ou à história pessoal de quem quiser se colocar; mas no que se refere aos assuntos, que não devemos explorar um “grande segredo”: aquilo que não falamos para qualquer pessoa; que deveremos nos proteger de colocar algum grande segredo em grupo, pois não temos condições de assegurar a discrição na instituição ou fora dela. Este conceito de “grande segredo” foi apropriado a partir do pensamento de Adalberto de Paula Barreto (Terapia Comunitária, 2005), psiquiatra e antropólogo cearense. 2. Não podem surgir no grupo proposições externas e fechadas à priori, por que não se colocam a serviço da discussão espontânea e/ou crítica dos participantes, a não ser que sejam construídas coletivamente no interior do grupo. 3. Nas possíveis queixas relativas à instituição em que se desenvolve o respectivo trabalho, procurar formulá-las sem personalizá-las, a fim de evitar constrangimentos éticos. 4. O diálogo pressupõe respeito e atenção à construção das idéias expostas por cada participante. 5. O facilitador deve se apresentar no grupo o mais próximo possível da condição e das possibilidades do usuário e demais participantes. O que difere com clareza a função do facilitador é o fato de poder desenvolver, com prioridade, as costuras necessárias ao bom desenvolvimento dos princípios e normas do grupo, orientadores dialógicos.

Normas. 1. O tempo de fala de cada participante deve respeitar a possibilidade de todos se pronunciarem ao longo da duração do grupo. 2. A permanência e participação no grupo não são obrigatórias, assim como a expressão verbal. 3. Não se deve produzir conversas paralelas ao assunto em discussão, pois prejudicam o clima grupal. 4. O grupo tem a duração oficial de uma hora, podendo estender ou reduzir seu tempo conforme sua motivação ou interesse. 5. É vedada a participação dos familiares dos

usuários como forma de proteção à organização emocional e comunicativa dos participantes.

ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **O Diálogo como comunicação e co-elaboração: possibilidade de intervenção psicossocial**. Você foi selecionado por estar participando do grupo Diálogo no CAPS Casa Verde.

Sua colaboração com a pesquisa consiste em participar do grupo integrando-se espontaneamente à sua rotina. Sua participação na pesquisa não é obrigatória. A qualquer momento você poderá desistir de participar, retirar o seu consentimento e sair do grupo. Sua recusa não trará nenhum prejuízo para sua relação com o pesquisador ou com o CAPS.

O objetivo desta pesquisa é dar sentido e corpo à caracterização da atividade de grupo Diálogo no CAPS, a partir de material oriundo de suas sessões, numa perspectiva de aprofundar reflexões sobre a atenção e intervenção psicossocial desta atividade, considerando as relações dos usuários entre si, com o próprio grupo, com a instituição e com a sociedade mais ampla.

Os riscos relacionados com a sua participação podem ser de cansaço, constrangimento ou, ainda, algum desconforto, comum de acontecer em qualquer tipo de interação. Tomaremos cuidado, tanto durante a realização do grupo quanto posteriormente, inclusive, disponibilizando atenção psicológica aos participantes, caso seja necessário.

Os benefícios relacionados com sua participação nos ajudarão a compreender as possibilidades do Diálogo como modalidade de intervenção psicossocial que pode ajudar a um melhor relacionamento interpessoal com a família, com outros usuários e com a própria instituição. Uma vez ouvidas às necessidades e demandas dos participantes, a instituição também se beneficiará buscando promover uma prática voltada ao exercício da cidadania.

As informações obtidas a partir desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o total sigilo sobre sua participação, que não será identificada quando da divulgação dos resultados. Para isto, substituiremos os verdadeiros nomes de todos os participantes por um nome fictício. Os resultados estarão disponíveis, assim que concluída toda a pesquisa e serão divulgados, em forma de palestra e discussão, aos participantes do processo, podendo haver a presença de outras pessoas, visto ter como objetivo uma dinâmica de trabalho aberta e dirigida a questões subjetivas e institucionais. Esperamos, desta forma, aproveitar melhor o potencial dialógico da pesquisa, no sentido de facilitar a adesão dos familiares à participação nas atividades da Instituição e do próprio Diálogo.

Tais resultados serão igualmente transferidos a outras instituições, visando ampliar a realização desta modalidade em outros espaços, até mesmo fora do âmbito da saúde mental, na perspectiva de contribuir com uma discussão mais aprofundada sobre a dialogicidade nas relações subjetivas e institucionais.

Por fim, tal pesquisa deverá contribuir para a produção de trabalhos científicos como artigos, apresentação em congressos que se proponham a discutir temáticas

trabalhadas por ela, além de frutificar discussões junto ao público da graduação e pós-graduação, visto o CAPS Casa Verde pertencer a Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas - UNCISAL.

Você está recebendo uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Dados da pesquisadora principal:

Nome: Ana Lúcia Francisco

Endereço: Rua Dr.
220

Telefone:

e-mail: ana.francisco@terra.com.br

Declaração de Participação

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UNICAP que funciona na Pró-Reitoria Acadêmica da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, localizada na Rua Almeida Cunha, 245 – Santo Amaro – Bloco G4 – 8º andar – CEP 50050-480, Recife- PE – Brasil. Telefone (81) 2119.4376 – FAX (81) 2119.4004 - Endereço eletrônico: pesquisa_prac@unicap.br

Maceió, _____ de _____ de 2011.

Participante da pesquisa

ANEXO D – CARATA DE ACEITE

CARTA DE ACEITE

Declaramos, para os devidos fins, que concordamos com a execução do Projeto de Pesquisa **O Diálogo como comunicação e co-elaboração: possibilidade de intervenção psicossocial**, junto a usuários e familiares, equipe profissional, estagiários e médicos residentes do Caps Casa Verde, Instituição pertencente ao Hospital Escola Portugal Ramalho (Hepr), localizado na cidade de Maceió – AL, pelo período de execução previsto. O referido Projeto é desenvolvido por Pácifer Maia Sabiá, aluno do Curso de Mestrado em Psicologia Clínica, sob orientação e responsabilidade da Professora e Pesquisadora Dra. Ana Lúcia Francisco, da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap).

Maceió, _____ de _____ de 2010.

TESTEMUNHAS:

1ª _____

(assinatura)

2ª _____

(assinatura)

ANEXO E – CARTA DE ANUÊNCIA

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaro, para os devidos fins, que concordo em participar do Projeto de Pesquisa **O Diálogo como comunicação e co-elaboração: possibilidade de intervenção psicossocial**, sob a responsabilidade e orientação da Professora Doutora Ana Lúcia Francisco, do Curso de Mestrado em Psicologia Clínica, da Universidade Católica de Pernambuco, desenvolvendo as atividades que me competem, pelo período de execução previsto no referido Projeto.

Recife, 26 de outubro de 2010.

Pácifer Maia Sabiá

RG:

CPF:

Fone/s para contato:

E-mail: pacifermSabia@hotmail.com

ANEXO F – CARTA DE ANUÊNCIA

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaro, para os devidos fins, que concordo em participar do Projeto de Pesquisa **O diálogo como comunicação e co-elaboração: possibilidades de intervenção psicossocial**, do mestrando Pácifer Maia Sabiá, no Curso de Mestrado em Psicologia Clínica, da Universidade Católica de Pernambuco, desenvolvendo as atividades que me competem, pelo período de execução previsto no referido Projeto.

Recife, 26 de outubro de 2010.

Ana Lúcia Francisco
Matrícula: 0960-5
RG:
CPF:
Fone/s para contato:
E-mail: ana.francisco@terra.com.br